

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**BEM-ESTAR FINANCEIRO: UMA ANÁLISE
MULTIFATORIAL DO COMPORTAMENTO
MARANHENSE**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Anna Paula Carvalho Diniz

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

**BEM-ESTAR FINANCEIRO: UMA ANÁLISE
MULTIFATORIAL DO COMPORTAMENTO MARANHENSE**

Anna Paula Carvalho Diniz

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação
em Administração, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS)
como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kelmara Mendes Vieira

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Carvalho Diniz, Anna Paula
BEM-ESTAR FINANCEIRO: UMA ANÁLISE MULTIFATORIAL DO
COMPORTAMENTO MARANHENSE / Anna Paula Carvalho Diniz.-
2013.
148 p.; 30cm

Orientadora: Kelmara Mendes Vieira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Administração, RS, 2013.

1. bem-estar financeiro 2. fatores comportamentais 3.
aspectos socioeconômicos e demográficos I. Mendes Vieira,
Kelmara II. Título.

©2013

Todos os direitos reservados a Anna Paula Carvalho Diniz. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

Endereço: Rua 27, Quadra 32, Casa 13, Bairro Cohab - Anil IV, São Luís, MA. CEP: 65051-720

Fone: (098) 8237-9158; E-mail: annapauladiniz@ig.com.br

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-graduação em Administração**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**BEM-ESTAR FINANCEIRO: UMA ANÁLISE MULTIFATORIAL DO
COMPORTAMENTO MARANHENSE**

elaborada por
Anna Paula Carvalho Diniz

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Administração

COMISSÃO EXAMINADORA:

Kelmara Mendes Vieira, Dra.
(Presidente/Orientadora)

Marta Olívia Rovedder de Oliveira, Dra. (UNIPAMPA)
(Primeiro Examinador)

Breno Augusto Diniz Pereira, Dr. (UFSM)
(Segundo Examinador)

Santa Maria, 19 de dezembro de 2013.

Especialmente, àqueles que estão no coração!

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente aos meus pais Nady e Euclides, e a minha tia Conceição! Pelo amor, carinho, dedicação e compreensão! Por tudo, todos os dias, sempre!!!

À minha irmã Anna Carolina: inspiração, amizade, companheirismo e sintonia de outras vidas!!!

À minha orientadora, professora Kelmara! Obrigada pelo apoio, “colocando-me como prioridade”! E, por repetir isso diversas vezes! Obrigada pela motivação, por em vários momentos dizer “te atraca no trabalho”! Isso foi fundamental! Sinto-me lisonjeada em ser sua orientada! Você é uma profissional inigualável!

À Universidade Federal de Santa Maria e todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica! Em especial ao professor Breno e ao professor Ceretta, pelos brilhantes ensinamentos! Dedico-lhes minha admiração!

Aos colegas do curso pela convivência amistosa e pelo companheirismo! Na permanência em Santa Maria, principalmente, ao “pessoal do hotel”!!!

Obrigada a todos que contribuíram no processo de coleta de dados, especialmente aos amigos Nádia, Alynne, Michele, Laise, Raquel, Marlene e Teresa! Vocês são incríveis!

Ao acolhimento em Santa Maria! Senti-me acolhida e tranquila! Obrigada Ani e Luíz!

À Universidade Federal do Maranhão pelo desenvolvimento profissional.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão
pelo apoio financeiro.

À banca examinadora, por aceitar o convite e pelas sugestões!

Às pessoas que aceitaram participar da pesquisa: meu muito obrigada!

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para o trabalho ... Para o
meu desenvolvimento profissional e pessoal!

Agradeço àqueles cujos nomes não estão aqui impressos, mas que devotam
minha admiração e respeito! Neste momento, palavras não são suficientes!

MUITO OBRIGADA!

*"Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já não tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. **É o tempo da travessia:** e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos."*

Fernando Pessoa

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-graduação em Administração
Universidade Federal de Santa Maria

BEM-ESTAR FINANCEIRO: UMA ANÁLISE MULTIFATORIAL DO COMPORTAMENTO MARANHENSE

AUTORA: ANNA PAULA CARVALHO DINIZ

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a KELMARA MENDES VIEIRA

Data e Local da defesa: Santa Maria, 19 de dezembro de 2013

O bem-estar financeiro é definido como o estado de satisfação com a situação financeira, englobando aspectos subjetivos/comportamentais e aspectos objetivos/socioeconômicos e demográficos. O objetivo geral do presente trabalho é analisar a influência de fatores comportamentais no bem-estar financeiro. Os determinantes comportamentais da pesquisa são: as compras compulsivas, o materialismo, o comportamento financeiro, a atitude financeira e o conhecimento financeiro. Os aspectos objetivos são as variáveis socioeconômicas e demográficas: gênero, idade, estado civil, filhos, grau de escolaridade, raça, ascendência, ocupação e renda. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa. Assim, foi realizada uma *survey* em uma amostra de 629 indivíduos residentes em São Luís - MA. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário estruturado. A análise de dados consistiu em técnicas estatísticas descritivas e multivariadas, sendo realizadas as seguintes etapas: análise do perfil da amostra, análise fatorial dos construtos, desenvolvimento do índice financeiro, identificação das diferenças entre os grupos das variáveis socioeconômicas e demográficas (através do teste *t* e ANOVA) e análise de regressão. Nos resultados, observaram-se baixos níveis de bem-estar financeiro, de compras compulsivas e de materialismo. Por outro lado, foram verificados altos níveis de comportamento e atitude financeiros. Ainda, o índice de conhecimento financeiro demonstrou um baixo nível de conhecimento financeiro básico, avançado e total na amostra estudada. No que diz respeito ao bem-estar financeiro, identificaram-se diferenças entre os grupos nas variáveis socioeconômicas e demográficas: estado civil, grau de escolaridade, idade, renda, ocupação e raça. A regressão linear determinou que o bem-estar financeiro é influenciado por aspectos relacionados com Investimento e Poupança, Atitude Financeira de Controle e Idade. A aplicação do tema em cenário nacional caracteriza uma inovação do trabalho. Do ponto de vista organizacional, a pesquisa contribui para ações de marketing e políticas de financiamento e crédito.

Palavras-chave: Bem-estar financeiro. Fatores comportamentais. Aspectos socioeconômicos e demográficos.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-graduação em Administração
Universidade Federal de Santa Maria

FINANCIAL WELLBEING: MULTIFACTORIAL ANALYSIS OF MARANHENSE'S BEHAVIOR

AUTORA: ANNA PAULA CARVALHO DINIZ
ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a KELMARA MENDES VIEIRA
Data e Local da defesa: Santa Maria, 19 de dezembro de 2013

Financial wellbeing is defined as a satisfaction state with financial situation, including subjective/behavioral aspects and objective/socioeconomic and demographic aspects. The main objective of this work is to analyze the influence of behavioral factors and financial wellbeing. The behavioral determinants in this research are: shopping addiction, materialism, financial behavior, financial attitude and financial knowledge. The objective aspects are socioeconomic and demographic variables as gender human, age, marital status, children, schooling, race, ascendancy, occupation and income. This research is classified as descriptive, with a qualitative approach, this way a survey with 629 individuals has been applied in São Luis –MA. The collecting data instrument used has been a structured questionnaire. The analysis consisted in descriptive and multivariate statistics techniques through the analysis of the sample profile, factorial analysis of constructs, the development of financial indices, identification of differences among the socioeconomic and demographic variables (trough test *t* and ANOVA) and regression analysis. In the results, low levels of financial wellbeing, shopping addiction and materialism have been found. On the other hand, high levels of financial behavior and attitude have been found. Furthermore, the index of financial knowledge has shown a very low level in basic, advanced and total financial knowledge in the studied sample. About financial wellbeing, differences among the groups have been identified in socioeconomic and demographic variables: marital status, schooling, age, income, occupation and race. The linear regression has shown that financial wellbeing is determined by aspects related to Investment and Saving Accounts, Financial Attitude of Control and age. The applying of this theme in national scenario characterizes the work's innovation. From organizational view, this research has contributed for marketing action and for financing and credit policy.

Keywords: Financial wellbeing. Behavior factor. Socioeconomic and demographic aspects.

LISTA DE EQUAÇÕES

Equação 1 – Cálculo da amostra	62
Equação 2 – Modelo Regressão Linear Múltipla.....	69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Aspectos relevantes do estudo sobre o bem-estar financeiro.	27
Figura 2 – Síntese dos determinantes do bem-estar financeiro.....	49
Figura 3 – Esquema hipotético dos determinantes do bem-estar financeiro.....	50
Figura 4 – Síntese das pressuposições sobre a influência dos fatores socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro.	57
Figura 5 – Desenho da pesquisa.....	60
Figura 6 – Síntese do instrumento de coleta de dados.	66
Figura 7 – Resumo das técnicas de análise de dados.	72
Figura 8 – Síntese da influência das variáveis socioeconômicas e demográficas nos fatores de bem-estar financeiro.....	116
Figura 9 – Desenho dos principais resultados da pesquisa.	119

LISTA DE SIGLAS

ANOVA	– Análise de Variância
CCSH	– Centro de Ciências Sociais e Humanas
CEP	– Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNS	– Conselho Nacional de Saúde
DW	– Durbin Watson
FIV	– Fator de Inflação
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
KMO	– Kaiser-Meyer-Olkin
KS	– Kolmogorov-Smirnov
MQO	– Mínimos Quadrados Ordinários
OCDE	– Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômicos
PPGA	– Programa de Pós Graduação em Administração
SIE	– Sistema de Informação para o Ensino
SISNEP	– Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos
SPSS	– <i>Software Packages Social Science</i>
UFSM	– Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
1.1	Justificativa	24
1.2	Problemática	27
1.3	Objetivos	28
1.3.1	Objetivo geral	29
1.3.2	Objetivos específicos	29
1.4	Estrutura do trabalho	29
2	REFERENCIAL TEÓRICO	31
2.1	Bem-estar financeiro	31
2.2	Determinantes do bem-estar financeiro	37
2.2.1	Compras compulsivas	37
2.2.2	Materialismo	40
2.2.3	Comportamento financeiro	43
2.2.4	Atitude financeira	46
2.2.5	Conhecimento financeiro	47
2.3	Influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro	50
2.3.1	Gênero	51
2.3.2	Idade	51
2.3.3	Estado civil	52
2.3.4	Filhos	53
2.3.5	Grau de escolaridade	53
2.3.6	Raça	54
2.3.7	Ascendência	55
2.3.8	Ocupação	55
2.3.9	Renda	56
3	MÉTODO	59
3.1	Delineamento da pesquisa	59
3.2	Cenário da pesquisa	61
3.3	População e amostra	61

3.4	Estratégia de pesquisa e instrumento de coleta de dados	63
3.5	Técnicas de análise de dados.....	67
3.6	Comitê de ética.....	73
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	75
4.1	Perfil da amostra.....	75
4.2	Estatística descritiva dos construtos	78
4.3	Análise fatorial exploratória dos construtos	92
4.4	Análise da influência das variáveis socioeconômicas e demográficas.....	103
4.5	Análise de regressão.....	117
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
	REFERÊNCIAS	125
	APÊNDICES.....	137
	Apêndice A – Síntese do bem-estar financeiro como variável dependente.....	139
	Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	143
	Apêndice C – Termo de Confidencialidade	144
	Apêndice D - Instrumento de coleta de dados	145

1 INTRODUÇÃO

No filme *Clube da Luta* (1999) o personagem principal é bem sucedido profissional e financeiramente, faz parte da classe média americana, demonstra diversas necessidades e desejos materiais. No entanto, ele realiza compulsivamente compras através de um canal de vendas pela televisão, apresenta perturbação emocional, insônia e faz o uso indiscriminado de diversos remédios controlados. Quando o seu sonho de mobiliar o apartamento com todos os lançamentos e novidades apresentados na televisão é alcançado, ele simplesmente explode o apartamento. Como em um ícone de resistência às imposições materiais da sociedade, o personagem funda um clube com o intuito de descarregar suas frustrações e perturbações emocionais. A principal meta do clube é explodir os edifícios responsáveis pelo sistema informacional de cartões de crédito, acreditando assim livrar a sociedade do endividamento e alcançar o bem-estar/felicidade. Assim, o filme demonstra de uma forma metafórica o tema deste trabalho: o bem-estar financeiro.

Também pode-se citar os filmes *Os Delírios de Consumo* de Beck Bloom (2009), que relaciona bem-estar financeiro, consumismo, materialismo e endividamento com cartão de crédito, bem como enfatiza a percepção de finanças pessoais em relação à ótica parental; e *Amor por Contrato* (2009) que enfatiza o materialismo e a necessidade de consumo em decorrência da comparação com o que outras pessoas possuem. Traz uma visão do "tudo pode ser comprado" e um final trágico em decorrência do materialismo exacerbado e do endividamento.

As prateleiras de auto-ajuda estão lotadas de livros sobre finanças pessoais, bem-estar financeiro e educação financeira. Diversos livros tornam-se rapidamente sucesso de vendas, como *Pai Rico, Pai Pobre* (KIYOSAKI; LECHTER, 2000); *Casais Inteligentes Enriquecem Juntos* (CERBASI, 2004); e *Os Segredos da Mente Milionária* (EKER, 2006); entre outros.

Na academia, podem-se citar alguns estudos científicos tendo o bem-estar financeiro como variável principal desde a década de 90 até os dias atuais (CHAN, CHAN, CHAU, 2012; GUTTER, COPUR, 2011; HAYOE, WILHELM, 1998; MALONE et al., 2010; O'NEILL et al., 2005; PENN, 2007; PORTER, GARMAN, 1993; SCHMEISER, HOGARTH, 2013; SHIM et al., 2009; SUMARWAN, 1990; XIAO, SORHAINDO, GARMAN, 2006). O

mesmo tema é estudado sob outras nomenclaturas¹ como bem-estar econômico (LEACH, HAYHOE, TURNER, 1999); satisfação financeira (CHUAN, KAI, KOK, 2011; LOWN, JU, 1992; PLAGNOL, 2011); e tensão financeira (LYONS; YILMAZERT, 2005).

Dessa forma, o bem-estar financeiro é um tema que está sendo bastante debatido na sociedade atual, na mídia, no cinema, nos livros de auto-ajuda e notadamente nas pesquisas científicas. Ressalta-se que as abordagens vão além de prismas objetivos, analisando o bem-estar financeiro de forma mais global, sendo relacionado, portanto, com aspectos comportamentais, psicológicos e subjetivos do ser humano.

1.1 Justificativa

Em relação ao conceito de bem-estar financeiro, Porter e Garman (1993), o definem como sendo indescritível. Ou seja, trata-se de um conceito de mensuração complexa. E, embora exista uma expansão e evolução de estudos sobre o tema desde a década de 90, ainda existem diversas lacunas e possibilidades não exploradas. Ressalta-se a incipiência de estudos sobre o bem-estar financeiro, notadamente no Brasil. Os autores também demonstram que a complexidade do estudo está relacionada com a subjetividade de cada pessoa em perceber e sentir o bem-estar, seja em uma análise mais global, seja em uma análise específica financeira. Dessa forma, as pesquisas sobre bem-estar financeiro são fundamentais para identificar áreas críticas de gestão financeira no que tange a indivíduos e famílias, constituindo-se em um instrumento para minimizar preocupações e tensões financeiras, e maximizar o bem-estar financeiro.

Penn (2007) ressalta que existe uma grande quantidade de pesquisas sobre os determinantes da felicidade e do bem-estar de forma global. Assim, utiliza-se como variável do estudo a satisfação ou o bem-estar sob um prisma geral. No entanto, existem poucos estudos que utilizam o bem-estar financeiro como variável, materializando, dessa forma, uma lacuna de pesquisa científica. Corroborando, Delafrooz e Paim (2011) destacam a incipiência de estudos teórico-empíricos sobre o construto bem-estar financeiro.

O contexto socioeconômico da contemporaneidade também determina a importância do estudo sobre bem-estar financeiro. O cenário envolve tanto questões relativas à oferta de

¹ Os termos bem-estar econômico e satisfação financeira, entre outros, são utilizados como sinônimos de bem-estar financeiro, conforme Delafrooz e Paim (2011).

uma grande diversidade de produtos financeiros, como os problemas oriundos das recentes crises financeiras globais e crises potenciais. Assim, Schmeiser e Hogarth (2013) afirmam que os mercados financeiros estão cada vez mais complexos. Os consumidores dispõem de uma variabilidade de opções de investimento, empréstimos e consumos. Considerando a oferta de produtos financeiros, ressalta-se que vigora um desconhecimento sobre as oportunidades e os riscos, o que pode levar os indivíduos a níveis altos de endividamento. Shim et al. (2009) afirmam que as dívidas são inversamente proporcionais ao bem-estar financeiro. Assim, a importância do tema é delineada, também, pela necessidade de subvencionar comportamentos financeiros responsáveis. No contexto brasileiro, Araújo e Souza (2012) relatam que 75% das famílias brasileiras apresentam dificuldades em chegar ao final do mês com suas rendas.

Em relação às consequências do endividamento, Chan, Chan e Chau (2012), demonstram que hábitos de consumo e comportamentos de gestão financeira, especificamente altos níveis de endividamento e práticas orçamentárias disfuncionais ou ruins, delineiam consequências financeiras e pessoais graves, como problemas de saúde e estresse emocional. Dessa forma, é perceptível a importância de um comportamento financeiro saudável, o que pode ser analisado através de questões de bem-estar financeiro e de determinantes comportamentais, como por exemplo, o materialismo e as compras compulsivas.

Na visão de Lyons e Yilmazert (2005) o bem-estar financeiro é uma questão social e político-econômica. Já que os mais afetados pelas tensões financeiras são as famílias de renda baixa e média. Trata-se, portanto, de um ciclo vicioso que envolve, bem-estar financeiro, problemas financeiros, baixa renda e saúde. Ou seja, más condições de saúde ou a saúde debilitada afetam a capacidade de trabalho e a geração de renda. A insuficiência de renda para a satisfação das necessidades básicas e cuidados médicos, por sua vez, afetam a solvência financeira individual e familiar. Gerando, assim, mais tensão financeira, minimizando a qualidade de vida e acentuando ou desenvolvendo outros problemas de saúde. Bem-estar financeiro é, assim, uma questão social importante nos dias atuais.

Para O' Neill et al. (2005), os resultados de estudos sobre bem-estar financeiro proporcionam subsídios essenciais para educadores financeiros, profissionais de aconselhamento de crédito, e conseqüentemente como benefício para o indivíduo que necessita desse tipo de apoio. Na sociedade atual, a educação financeira e o aconselhamento sobre crédito mostram-se fundamentais e emergenciais, já que uma educação financeira de qualidade poderia determinar a melhoria do comportamento financeiro pessoal, a maximização do bem-estar financeiro e a redução dos níveis de estresse.

Ao elencar as limitações e pesquisas futuras de seus estudos, Gutter e Copur (2011), demonstram a importância de se considerar o bem-estar financeiro como sendo um aspecto mais amplo e inter-relacionado com outros aspectos da vida de cada pessoa, sugerindo, portanto, analisar a sua relação com o bem-estar geral, felicidade, satisfação, relacionamento e qualidade de vida. Assim, o bem-estar financeiro afetaria diversos domínios da vida, sendo conseqüentemente um estudo importante e significativo para a sociedade.

Enfim, o estudo sobre bem-estar financeiro mostra-se imprescindível para a sociedade atual, diante da diversidade de produtos financeiros existentes; dos hábitos de consumo; dos comportamentos financeiros disfuncionais, que determinam, por exemplo, o endividamento; das questões familiares e de saúde oriundas de problemas e tensões financeiras; e pela possibilidade de identificação de perfis e necessidades individuais na gestão financeira pessoal.

Em síntese, as diferentes relevâncias abordadas em relação ao bem-estar financeiro, podem ser destacadas na Figura 1.

(continua)

ASPECTO	AUTOR	DESCRIÇÃO/JUSTIFICATIVA
Em relação ao conceito	Porter e Garman (1993)	Conceito complexo, definido através de suas relações com outras variáveis.
Em relação às pesquisas da área	Penn (2007)	Grande quantidade de pesquisas sobre os determinantes da felicidade e do bem-estar de forma global. No entanto, existem poucos estudos que utilizam o bem-estar financeiro.
	Delafrooz e Paim (2011)	Incipiência de estudos teórico-empíricos sobre o construto bem-estar financeiro.
Em relação ao contexto socioeconômico contemporâneo	Schmeiser e Hogarth (2013)	Oferta de uma grande diversidade de produtos financeiros; Desconhecimento sobre as oportunidades e os riscos.
Em relação à questão do endividamento	Shim et al. (2009)	As dívidas são inversamente proporcionais ao bem-estar financeiro.
	Araújo e Souza (2012)	75% das famílias brasileiras apresentam dificuldades em chegar ao final do mês com suas rendas.

(conclusão)

ASPECTO	AUTOR	DESCRIÇÃO/JUSTIFICATIVA
Em relação às práticas orçamentárias disfuncionais	Chan, Chan e Chau (2012)	As práticas orçamentárias disfuncionais influenciam em questões de natureza pessoal.
Em relação ao caráter de questão político-social	Lyons e Yilmazert (2005)	Os mais afetados pelas tensões financeiras são as famílias de renda baixa e média.
Em relação à contribuição dos resultados de pesquisas	O' Neill et al. (2005)	Os dados são subsídios para educadores financeiros, profissionais de aconselhamento de crédito, políticas públicas.
Em relação às necessidades de pesquisas futuras	Gutter e Copur (2011)	Uma variável ampla e inter-relacionada com diversos aspectos que ainda precisam ser investigados.

Figura 1 – Aspectos relevantes do estudo sobre o bem-estar financeiro.

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

1.2 Problemática

Porter e Garman (1993) enfatizam a importância de um modelo conceitual para orientar a pesquisa e mensurar o bem-estar financeiro. Os autores o destacam como sendo uma necessidade crítica. E, reforçam que as pesquisas sobre bem-estar financeiro emanam não somente aspectos objetivos, mas também subjetivos, devendo englobar referências de domínio financeiro e questões de qualidade de vida.

Dessa forma, o conceito de bem-estar financeiro envolve uma multiplicidade de aspectos objetivos, como as características socioeconômicas, demográficas, de renda, consumo e posse de bens duráveis. Outrossim, engloba aspectos subjetivos como a satisfação com o consumo, a gestão financeira familiar, situações domésticas, questões relacionadas à saúde e qualidade de vida, marcos importantes na vida de uma pessoa (como nascimento do filho, casamento e dissolução familiar).

Corroborando a importância de mensuração do bem-estar financeiro através de atributos objetivos e subjetivos, Xiao, Sorhaindo e Garman (2006) argumentam que a

satisfação individual sobre as finanças familiares é influenciada por níveis de estresse, conhecimentos e comportamentos. Hayhoe e Wilhelm (1998) e Shim et al. (2009) também destacam a relevância de variáveis objetivas e subjetivas nas pesquisas de bem-estar financeiro.

No entanto, os aspectos objetivos também podem ser analisados de forma subjetiva, ou seja, como cada pessoa percebe os atributos objetivos (PORTER; GARMAN, 1993). A subjetividade da análise de bem-estar financeiro está intimamente relacionada com as características pessoais de cada indivíduo, ou seja, os valores, as experiências, as expectativas, as metas e a disposição refletem de forma significativa o sentido ou sensação global de bem-estar financeiro. Então, é a perspectiva psicológica da vida de cada um que pode explicar as proporções de variância no estudo do bem-estar financeiro. Assim, os autores relatam a influência da auto-percepção.

Neste sentido, Hayhoe e Wilhelm (1998) evidenciam que os diferentes níveis e percepções de bem-estar financeiro são fortemente influenciados pelos valores e experiências de vida. Corroborando com essa ideia, Shim et al. (2009), afirmam que o bem-estar financeiro é suscetível a questões relativas aos valores pessoais, como a auto-realização e a auto-estima. Assim, crenças, valores, interesses, capacidades e ambições pessoais podem determinar o bem-estar financeiro. Neste sentido, Schmeiser e Hogarth (2013) destacam que o bem-estar financeiro é influenciado por inúmeros fatores, tanto financeiros como não-financeiros. E, é por serem caracterizadamente objetivos e subjetivos que os determinantes do bem-estar financeiro são complexos por natureza, conforme Delafrooz e Paim (2011).

Portanto, a questão do bem-estar financeiro envolve uma multiplicidade de fatores que ultrapassam o universo econômico (notadamente a renda), sendo imprescindível investigá-las observando os seus inter-relacionamentos ou influências mútuas. Dessa forma, o foco deste estudo é buscar uma resposta para a seguinte questão: **Quais os fatores que influenciam o bem-estar financeiro?**

1.3 Objetivos

Com a finalidade de buscar resposta ao problema de pesquisa, estabeleceram-se os objetivos seguintes:

1.3.1 Objetivo geral

Analisar a influência de fatores comportamentais no bem-estar financeiro dos maranhenses.

1.3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos consistem em:

- a) Identificar os fatores comportamentais que influenciam no bem-estar financeiro;
- b) Analisar a influência dos fatores comportamentais no bem-estar financeiro; e
- c) Avaliar a influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro e sobre os fatores comportamentais.

1.4 Estrutura do trabalho

O projeto está estruturado em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo aborda-se uma introdução sobre o tema, apresentando uma contextualização sobre o construto bem-estar financeiro, bem como sobre algumas abordagens realizadas em estudos anteriores. Após, apresenta-se a problemática, a justificativa para o estudo, bem como os objetivos geral e específicos.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico, ou seja, o arcabouço teórico que embasa a pesquisa. Sendo este capítulo dividido em três partes: bem-estar financeiro, determinantes do bem-estar financeiro e influência dos aspectos socioeconômicos, demográficos e culturais sobre o bem-estar financeiro.

O terceiro capítulo compreende os aspectos metodológicos do estudo, definindo-se o delineamento da pesquisa, a população e amostra, o instrumento de coleta de dados e as técnicas de análise.

Na sequência, o quarto capítulo discorre sobre os resultados e discussões. Por fim, o quinto capítulo demonstra as conclusões identificadas na pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta as teorias que fundamentam o estudo, estando dividido em três blocos. O primeiro bloco discorre sobre o bem-estar financeiro. No bloco seguinte, apresentam-se os determinantes do bem-estar financeiro: compras compulsivas, materialismo, comportamento financeiro, atitude financeira e conhecimento financeiro. E, por fim, destaca-se a influência dos aspectos socioeconômicos, demográficos e culturais sobre o bem-estar financeiro: gênero, idade, estado civil, filhos, grau de escolaridade, raça, ascendência, ocupação e renda.

2.1 Bem-estar financeiro

Em linhas gerais, o bem-estar financeiro é definido como sendo o resultado do processo de gestão financeira, podendo ser mensurado através da percepção subjetiva da situação financeira, bem como quantificável através de indicadores objetivos. Assim, os indicadores objetivos são: fundos de emergência, poupança mensal para a aposentadoria e percentual de poupança mensal. Já os indicadores subjetivos incluem: bem-estar financeiro global, satisfação com as finanças pessoais e percepção das mudanças na situação financeira (KIM, 2000).

Nesta perspectiva, Delafrooz e Paim (2011) conceituam o bem-estar financeiro como um construto que inclui a satisfação com aspectos materiais e não-materiais em relação à situação financeira pessoal, percepção ou avaliação subjetiva dos recursos financeiros, estabilidade, adequação dos recursos financeiros, bem como o valor objetivo dos bens. Ou seja, o bem-estar financeiro é definido como um estado caracterizado pelo sentimento de estar financeiramente saudável, feliz e isento de preocupações, baseando-se em avaliações subjetivas ou percepções de sua situação financeira (JOO, 2008). Do mesmo modo, Falahati, Sabri e Paim (2012) enfatizam que a satisfação financeira é fundamental para a satisfação pessoal e mais global com a vida, já que conforme Kim e Tech (1999) as questões financeiras, notadamente satisfação ou insatisfação, estão vinculadas com diversos âmbitos da vida do indivíduo, como família e trabalho, por exemplo.

A definição de bem-estar financeiro também está intimamente relacionada com questões relativas à situação financeira atual e à futura, bem como com questões relativas à segurança. Dessa forma, Norvilitis, Szablicki e Wilson (2003) definem o bem-estar financeiro como sendo o nível de preocupação do indivíduo com a sua situação financeira atual e futura. Corroborando a ideia de compreender o bem-estar financeiro com questões de segurança, Chan, Chan e Chau (2012) definem o bem-estar financeiro como sendo dependente de sentimentos gerais de segurança financeira pessoal, tanto no presente quanto no futuro. Ou seja, o bem-estar financeiro se constitui em um sentido psicológico da percepção ou sentimento de segurança financeira. Ainda nesse sentido, Xiao, Sorhaindo e Garman (2006) conceituam o bem-estar financeiro como a relação entre grau de segurança e adequação financeira dos indivíduos.

Em outra perspectiva, o bem-estar financeiro é compreendido, por Hayhoe e Wilhelm (1998), como sendo o resultado entre a situação financeira desejada e a situação financeira atual/real. Ou seja, para os autores, o bem-estar financeiro diz respeito à percepção da situação econômica pessoal em virtude do que é necessário e do que é desejado. Os autores afirmam que as pessoas demonstram insatisfação com seu bem-estar financeiro quando comparativamente às pessoas importantes em suas vidas ficam aquém em relação ao acesso e/ou posse de bens.

Para Chuan, Kai e Kok (2011), o bem-estar financeiro é traduzido como uma relação entre a satisfação financeira pessoal e a transferência de recursos financeiros e rendas entre gerações nas famílias. Assim, o nível de satisfação financeira está positivamente relacionado com o nível de riqueza e renda de um indivíduo. O apoio financeiro e emocional são, para os autores, relacionáveis com o bem-estar financeiro.

Com relação à gestão financeira, Malone et al. (2010) definem o bem-estar financeiro como sendo resultado de tomada de decisões financeiras. Corroborando esta ideia, Joo e Grable (2004) afirmam que o bem-estar financeiro é um conceito associado ao grau de tolerância ao risco, ou seja, diferentes níveis de tolerância ao risco definem diferentes decisões financeiras e diferentes resultados, bem como diferentes níveis de bem-estar financeiro.

Lown e Ju (1992) definem que o bem-estar financeiro relaciona-se com a utilização consciente do crédito ao consumidor. Nesta perspectiva, o bem-estar financeiro é definido pelo seu antagonismo que é o endividamento. Assim, para Kim, Garman e Sorhaindo (2003) a insatisfação financeira é definida por uma gestão financeira ineficiente.

A satisfação financeira se constitui, portanto, em um componente associado com circunstâncias financeiras objetivas, como riqueza e renda e com a percepção das necessidades financeiras, o que pode ser percebido também através do nível de endividamento. Assim, a relação entre os meios financeiros atuais, o cumprimento financeiro das necessidades e o nível de endividamento são representações positivas ou negativas de satisfação financeira, conforme Plagnol (2011).

Corroborando a interferência do endividamento no bem-estar financeiro, Shim et al. (2009) compreendem o bem-estar financeiro como o nível de endividamento e satisfação com a situação financeira. Assim, os autores afirmam que as ameaças ao bem-estar financeiro são determinadas pela facilidade que a contemporaneidade proporciona na execução de compras, notadamente pela internet; bem como pela disponibilidade de crédito e meios acessíveis para empréstimos, e pelo acesso aos cartões de crédito. Ainda, Leach, Hayhoe e Turner (1999), definem a insatisfação financeira como sendo resultado de alto endividamento e baixa renda.

No que se referem às formas de mensuração do bem-estar financeiro, diferentes propostas são apresentadas pela literatura. Para Xiao, Tang e Shim (2009) a medida mais comum de bem-estar financeiro é a renda. Corroborando com esta forma de mensuração, Joo e Grable (2004) indicam que o bem-estar financeiro é mensurado direta e indiretamente pela renda. Contudo, a aferição de bem-estar financeiro envolve uma multiplicidade de aspectos objetivos, como: as características socioeconômicas, demográficas, consumo, posse de bens duráveis, e, inclusive, a renda; bem como, engloba aspectos subjetivos como: a satisfação com o consumo, a gestão financeira familiar, comportamento financeiro, atitude financeira, situações domésticas, questões relacionadas à saúde e qualidade de vida, marcos importantes na vida de uma pessoa (como nascimento do filho, casamento e dissolução familiar).

Empiricamente, Sumarwan (1990) mensurou o bem-estar econômico tendo como parâmetro, notadamente aspectos objetivos, tais como: renda familiar, itens materiais (alimentação, vestuário, habitação e transporte), recursos financeiros disponíveis para atender emergências, patrimônio líquido (diferença entre o ativo e todas as dívidas). De forma similar, Lown e Ju (1992) mensuram a satisfação financeira através dos seguintes aspectos: nível de renda, dinheiro para as necessidades da família, capacidade para lidar com emergências financeiras, o montante da dívida, o nível de poupança e dinheiro para necessidades futuras.

Os estudos de Lown e Ju (1992) também nos revelam que a satisfação financeira é afetada não apenas por características socioeconômicas, mas por atitudes e comportamentos em relação ao uso do crédito. Sumarwan (1990) discute em seu trabalho que a situação empregatícia, estar empregado ou desempregado, se constitui em um fator socioeconômico

específico que pode delinear efeitos psicológicos negativos e influenciar no bem-estar econômico. Leach e Hayhoe (1999) demonstram uma evolução nos estudos na década de 90 ao analisar que as concepções e experiências com dinheiro na infância também afetam o bem-estar financeiro. A questão passa, então, a ser analisada de forma mais global, abordando sentimentos, especificamente, em relação à segurança financeira em uma escala entre o extremamente seguro e o extremamente inseguro.

Penn (2007) destaca como importantes preditores do bem-estar financeiro os seguintes aspectos: características demográficas, estado de saúde, o número de crianças e a posse de habitação (habitação própria). O autor enfatiza que o bem-estar financeiro depende de uma variedade de fatores que extrapolam o âmbito da renda. E, também ressalta a importância de outras variáveis como: educação, situação de emprego, estado civil, plano ou seguro de saúde, gênero, número de filhos, entre outros. Xiao, Sorhaindo e Garman (2006) destacam que a satisfação individual sobre as finanças familiares é influenciada por níveis de estresse, conhecimentos e comportamentos. Já para Schmeiser e Hogarth (2013), o bem-estar financeiro é analisado tendo como base os seguintes aspectos: satisfação financeira global, as despesas em relação à renda, as dificuldades no pagamento das contas e o planejamento financeiro para a aposentadoria.

Em relação à mensuração de bem-estar financeiro associado ao *status* de ocupação, Plagnol (2001) afirma que as pessoas que se encontram desempregadas possuem níveis mais baixos de satisfação financeira em relação as que estão empregadas ou não fazem parte da força de trabalho ativa, como os aposentados, por exemplo. A influência da ocupação e situação de emprego também é ratificada por Penn (2007), Lyons e Yilmazert (2005), O' Neill et al. (2005) e Xiao, Sorhaindo e Garman (2006). Nos estudos de Penn (2007), o *status* de ocupação é diretamente relacionado com o nível educacional. Assim, existe uma relação entre educação, emprego com maior segurança, taxas de desemprego baixas e rendimentos mais elevados. O autor afirma que o nível educacional reflete maiores rendimentos e um emprego mais seguro, elementos que influenciam o bem-estar financeiro.

Hayhoe e Wilhelm (1998) enfocam o bem-estar econômico em uma perspectiva de gêneros, assim como Leach e Hayhoe (1999) e Malone et al. (2010). As percepções sobre bem-estar financeiro são diferentes entre homens e mulheres. A sociedade contemporânea, as tendências de empregos e educação, bem como as tendências sociodemográficas são determinantes da importância do estudo de gênero (MALONE et al., 2010). Pode-se citar como tendências demográficas, o casamento tardio, a gravidez ou maternidade independente,

o divórcio e o envelhecimento populacional. Outro aspecto importante é a diversificação familiar ou novos arranjos familiares.

Igualmente, outros estudos demonstram que aspectos socioeconômicos e demográficos determinam comportamentos diferenciados em relação à aspectos financeiros pessoais e ao bem-estar financeiro (GUTTER, COPUR, 2011; LYONS, YILMAZERT, 2005; SHIM et al., 2009; XIAO, SORHAINDO, GARMAN, 2006). Gutter e Copur (2011), por exemplo, abordam que o bem-estar pode ser percebido de forma diferente em virtude de características como sexo, estado civil, raça e grau de escolaridade. Ainda, demonstram que as condutas em relação ao dinheiro estão diretamente relacionadas ao bem-estar financeiro. Ou seja, a inexistência de conhecimento sobre finanças pessoais determina crises financeiras. Comportamentos financeiros indesejáveis são resultados de falência financeira pessoal e escassez de recursos para as necessidades, tornando-se, por conseguinte, uma fonte de estresse. Corroborando a relação entre bem-estar financeiro e estresse, Plagnol (2011), ressalta que o endividamento do indivíduo tem relação causal com a tensão emocional ou estresse financeiro e influencia negativamente a percepção de satisfação financeira.

A abordagem da influencia do conhecimento sobre gestão de finanças pessoais na percepção do bem-estar financeiro é analisada por Porter e Garman (1993). Assim, questões de domínio financeiro, como gestão de caixa, a gestão do crédito, a acumulação de capital, a gestão da aposentadoria e o planejamento imobiliário se constituem em itens importantes na análise da percepção do bem-estar financeiro. Shim et al. (2009) e Chan, Chan e Chau (2012) corroboram que fatores cognitivos relacionados ao conhecimento sobre finanças pessoais influenciam no bem-estar financeiro. Ressalta-se que Shim et al. (2009), analisam o conhecimento financeiro tendo como parâmetro atitudes e intenções comportamentais. Ou seja, os aspectos cognitivos influenciam o comportamento.

As experiências passadas, as atuais e as expectativas e projeções financeiras são atributos mensuráveis com o bem-estar financeiro (CHAN, CHAN, CHAU, 2012; HAYHOE, WILHELM, 1998; MALONE et al., 2010; PORTER, GARMAN, 1993). Porter e Garman (1993) analisam as experiências financeiras passadas e as projeções para os próximos cinco anos como determinantes de bem-estar financeiro. Já Chan, Chan e Chau (2012) e Hayhoe e Wilhelm (1998) analisam como determinante as preocupações financeiras atuais.

A personalidade, notadamente a impulsividade disfuncional e as atitudes em relação ao dinheiro se constituem em determinantes do bem-estar financeiro (CHAN; CHAN; CHAU, 2012). Ressalta-se que a impulsividade é determinante nos hábitos de consumo e direcionamento do destino da renda. Em seus estudos, os autores demonstram que a

impulsividade está relacionada com a tendência a possuir vários cartões de crédito, ao acúmulo de dívidas e solicitações de empréstimos.

Shim et al. (2009) também corroboram que a personalidade e questões psicológicas são atributos que influenciam o bem-estar financeiro. Os autores estudaram o bem-estar financeiro objetivamente através das dívidas e de forma subjetiva tendo como parâmetro a satisfação, a sensação de constrangimentos e a parcimônia/comportamento econômico. Para os autores o sucesso global da vida está intimamente relacionado com a satisfação financeira objetiva, com desempenho acadêmico, bem como saúde física e psicológica. Ou seja, afirmam que situações financeiras adversas afetam o bem-estar psicológico dos indivíduos, suas relações interpessoais e familiares, e, no caso dos jovens, nas possibilidades de uma transição bem sucedida para a vida adulta. Outrossim, escalas de humor são utilizadas como mensuradoras do bem-estar psicológico na interação com a satisfação financeira.

Ainda, Xiao, Sorhaindo e Garman (2006) destacam questões psicológicas, comportamentais e de saúde em relação ao bem-estar financeiro. Para os autores, o endividamento dos consumidores influencia decisivamente a saúde física e emocional das famílias. Assim, a pressão econômico-financeira contribui para minimizar a qualidade do casamento. E, também o estresse determina comportamentos destrutivos, notadamente o excesso de uso do álcool. Os problemas financeiros, e as angústias por eles ocasionadas afetam negativamente o bem-estar familiar global e o bem-estar financeiro.

A abordagem sobre saúde e bem-estar financeiro também é corroborada por Gutter e Copur (2011) e por O' Neill et al. (2005). Para O' Neill et al. (2005) as pessoas são mais felizes quando são saudáveis, empregadas, casadas ou estão em um relacionamento sério, e notadamente, quando são financeiramente seguras. Para Gutter e Copur (2011) no estudo do bem-estar financeiro é imprescindível além de aspectos objetivos e subjetivos em relação à finanças pessoais, a inserção de comportamentos de risco, como o álcool, o tabagismo, a alimentação e os hábitos de sono.

Plagnol (2011) demonstra que o bem-estar financeiro é um componente que pode ser afetado pelas diversas mudanças nas circunstâncias da vida pessoal, não sendo, portanto, um traço estável da vida. Assim, o bem-estar financeiro é uma abordagem dinâmica, podendo ser diferente em um mesmo indivíduo em diferentes fases do ciclo de vida, com relação não somente com a idade, mas com outros fatos marcantes, como o nascimento de uma criança, o casamento ou a dissolução matrimonial. Assim, os ativos e passivos acumulados no decorrer da vida, bem como os custos médicos podem afetar significativamente o bem-estar financeiro.

Englobam, assim, estudos de gerontologia financeira e pesquisas que relacionam velhice, aposentadoria e futuro do bem-estar financeiro.

Alguns autores associam o planejamento da aposentadoria como sendo um item que influencia positivamente o bem-estar financeiro (MALONE, et al., 2010; PORTER, GARMAN, 1993; SCHMEISER, HOGARTH, 2013; XIAO, SORHAINDO, GARMAN, 2006). Para Malone et al. (2010), as decisões financeiras equivocadas e a falta de planejamento financeiro têm impactos dramáticos sobre o estilo de vida, futuro e aposentadoria de um indivíduo. Já Schmeiser e Hogarth (2013) afirmam que os planos de aposentadoria e os planos de contribuição previdenciária podem representar o desenvolvimento positivo da percepção do bem-estar financeiro.

O bem-estar financeiro é suscetível a questões que envolvem relações familiares, como insatisfação conjugal; inexistência de coesão no casamento; falta de consenso na família no que tange a valores e objetivos em relação às decisões/situações financeiras, conflitos de papéis e acumulação de eventos estressantes (HAYHOE, WILHELM, 1998). Xiao, Sorhaindo e Garman (2006) afirmam haver relação entre pressões financeiras e a qualidade do casamento, bem como Plagnol (2011) que diz que o bem-estar financeiro é suscetível a eventos marcantes, como o casamento e a dissolução matrimonial. O Apêndice A apresenta uma síntese com as principais pesquisas sobre o bem-estar financeiro.

2.2 Determinantes do bem-estar financeiro

Neste item são abordados alguns fatores que podem influenciar o bem-estar financeiro: as compras compulsivas, o materialismo, o comportamento financeiro, a atitude financeira e o conhecimento financeiro.

2.2.1 Compras compulsivas

O consumo é economicamente desejável (PARK; BURNS, 2005). No entanto, Joji e Raveendran (2007) afirmam que o consumismo possui nos dias atuais uma conotação negativa. Já que, conforme Dittmar (2005), o contexto cultural de consumo pode delinear o

desenvolvimento da perspectiva das compras compulsivas. Koram et al. (2006) afirmam que as compras compulsivas são oriundas das circunstâncias da vida moderna, notadamente, da grande disponibilidade de cartões de crédito; da quantidade, alcance e eficácia da publicidade; da facilidade das compras em shoppings; das compras pela televisão e internet; da diluição da estrutura familiar e do colapso na concepção de comunidade. Corroborando, Neuner, Raab, e Reisch (2005), evidenciam que o ato de comprar se tornou um evento de lazer, sendo, portanto, crucial, facilmente acessível, socialmente aprovado e incentivado pela sociedade através da cultura dos shoppings.

O' Guinn e Faber (1989) definem que a atividade de comprar se torna compulsiva quando trata-se de uma aquisição repetitiva crônica como uma resposta primária a eventos ou sentimentos negativos. Assim, segundo Valence, D'Astous e Fortier (1988), a busca do comprador compulsivo não é a posse de bens em si, mas a ação de comprar, tornando-se uma dependência psicológica. De forma similar, Lejoyeux e Weinstein (2010) definem a compra compulsiva como sendo uma compra repetitiva, crônica, que se torna uma resposta primária em relação a eventos e sentimentos negativos. Ou seja, as compras são caracterizadamente compulsivas quando envolvem: cronicidade, repetição e efeito compensatório ou resposta primária a eventos e sentimentos negativos. Estas características conceituais são destacadas também por Edwards (1993); Joji e Raveendran (2007); Leite et al. (2011) e Neuner, Raab, e Reisch (2005).

Alguns autores também associam ao conceito de compras compulsivas questões relativas à personalidade. Roberts (1998) afirma que o comportamento de compras compulsivas é sintomático de pessoas com baixa auto-estima e que necessitam de aceitação, dependendo da aparência ou posses para influenciar e ser admirado pelas outras pessoas. Edwards (1993) relata que a personalidade com tendências ao estresse e ansiedade influencia o comportamento compulsivo ao comprar. Faber e Christenson (1996) determinam como potencial causa das compras compulsivas as questões bioquímicas e psicológicas do indivíduo. No que diz respeito às possíveis causas bioquímicas, cita-se níveis anormais do neurotransmissor serotonina, e de forma, associada à personalidade caracterizada pela constância de sentimentos e emoções negativas. Black (2007) relaciona as compras compulsivas com comorbidades psiquiátricas, como transtornos de humor e ansiedade, uso de drogas, transtornos alimentares e outros transtornos que envolvem o controle de impulsos.

Outra característica apontada em relação às compras compulsivas está associada às sensações antes, durante e após o evento da compra. Leite et al. (2011) destacam que o ato de comprar é seguido de prazer, satisfação ou alívio. Contudo, os sentimentos posteriores são de

culpa, auto-recriminação e lamentação. Já Black (2007) caracteriza sentimentos de tensão ou ansiedade pré-compra e a sensação de alívio após a compra. Outrossim, Brougham et al. (2011) também citam a culpa como consequência das compras compulsivas.

Quanto às formas de mensuração das compras compulsivas, destacam-se duas escalas: a de Valence, D'Astous e Fortier (1988) e a de O' Guinn e Faber (1992). O instrumento de mensuração das compras compulsivas de Valence, D'Astous e Fortier (1988) é baseado nos seguintes fatores: ambiente familiar, fatores genéticos, ambiente sociocultural (cultura, mídia e publicidade), personalidade (ansiedade), disfunções biológicas e restrições financeiras. A pesquisa foi realizada em Quebec, com 76 entrevistados, resultando em uma relação significativa positiva entre a predisposição para ansiedade e as compras compulsivas. No entanto, a escala mais utilizada para mensurar o comportamento de compras compulsivas é a de O' Guinn e Faber (1992), escala resultante de uma evolução da *Compulsive Buying Scale*, O' Guinn e Faber (1989), adaptada para o Brasil por Leite et al. (2011). A escala de O' Guinn e Faber (1992) é desenvolvida com o objetivo de classificar os indivíduos em compradores compulsivos ou não-compulsivos, envolvendo variáveis comportamentais, motivações e sentimentos associados à compulsividade do ato de comprar. A escala original possuía vinte e nove variáveis, em escala do tipo likert de cinco pontos, e após a análise fatorial, foi reduzida em sete itens, com alta consistência interna.

A escala de compras compulsivas de O' Guinn e Faber (1992) é comumente utilizada em pesquisas sobre o comportamento compulsivo de compras (JOIREMAN, KEES, SPOTT, 2010; KWAK, ZINKHAN, CRASK, 2003; KYRIUS, MCQUEEN, MOULDING, 2013; MULLER et al., 2011; PARK, BURNS, 2005; PHAM, YAP, DOWLING, 2012; ROBERTS, 1998). Roberts (1998) analisa as compras compulsivas em relação à auto-estima, utilização irracional do cartão de crédito, nível de fantasias, influência dos familiares, *status* socioeconômico (renda) e quantidade de horas dedicada à assistir televisão. A pesquisa foi realizada no Texas, com 300 estudantes universitários. Outrossim, Joireman, Kees e Spott (2010) também utilizam a escala em seu estudo empírico com 249 estudantes universitários, nos Estados Unidos, com o objetivo de associar as compras compulsivas com a utilização do cartão de crédito. Park e Burns (2005) utilizam como determinantes dos compradores compulsivos, o interesse por moda e a utilização do cartão de crédito, aplicando 267 questionários na Coreia do Sul. Pham, Yap e Dowling (2012) utilizam a escala para analisar a relação entre materialismo, atitudes e práticas financeiras e as compras compulsivas. Assim, foram pesquisados 118 indivíduos na Austrália. Já Muller et al. (2011) estudam o comportamento compulsivo em 410 estudantes de graduação na Bélgica e Alemanha,

utilizando como variáveis independentes: temperamento reativo, depressão e materialismo. Kyrius, McQueen e Moulding (2013) através de 85 questionários na Austrália analisam sintomas maníacos, personalidade borderline, depressão, ansiedade e estresse em relação ao consumidor compulsivo. Por fim, Kwak, Zinkhan e Crask (2003) utilizam a escala para mensurar a propensão às compras compulsivas em diferentes culturas, aplicando o instrumento para uma amostra de 242 pessoas nos Estados Unidos e 201 pessoas na Coreia do Sul.

A relação entre compras compulsivas e bem-estar financeiro é analisada em diversos estudos empíricos (DITTMAR, LONG, BOND, 2007; EDWARDS, 1993; GUTTER, COPUR, 2011; KORAM et al., 2006; KYRIUS, MCQUEEN, MOULDING, 2013; LEJOYEUX, WEINSTEIN, 2010; PARK, BURNS, 2005; PHAM, YAP, DOWLING, 2012; ROBERTS, 1998). Para Gutter e Copur (2011) os alunos menos propensos ao aspecto compras compulsivas possuem níveis significativamente mais elevados de bem-estar financeiro, comparativamente aos alunos mais propensos ao comportamento de compras compulsivas. Comportamentos financeiros positivos, como gestão de orçamento, poupança, não realização de operações de risco na utilização de créditos e no uso de cartões de créditos são menos propensos ao comportamento de compras compulsivas, maximizando, dessa forma, significativamente a percepção de bem-estar financeiro. Roberts (1998) afirma que o comprador compulsivo cria uma vida de aparência, superficialidade e fantasia no que tange ao sucesso pessoal e ao bem-estar financeiro. Dittmar, Long e Bond (2007) afirmam que as compras compulsivas são uma ameaça substancial ao bem-estar financeiro.

2.2.2 Materialismo

Uma das tendências mais marcantes da sociedade atual é a chamada cultura de consumo, em que o materialismo é visto como um meio de buscar o sucesso, a felicidade e o bem-estar (BURROUGHS; RINDFLEISCH, 2002). Assim, o materialismo é um fenômeno cultural que é comumente definido pelos pesquisadores como uma característica marcante de nossa época (RICHINS, 2011; TATZEL, 2003; WATSON, 2003). Considerando que o materialismo é o valor atribuído na aquisição de bens, Richins e Dawson (1992) afirmam que se trata de um fenômeno em que a aquisição de bens materiais é colocada como objetivo

central da vida, constituindo-se no principal indicador de sucesso, bem como na resposta para a felicidade e auto-definição.

Richins e Rudmin (1994) afirmam que o materialismo está intimamente relacionado com as satisfações referentes à aquisição e posse de bens, assim como, está relacionado com a maneira e intensidade que um indivíduo persegue objetivos econômicos. O materialismo é também identificado como um ícone do consumo. Os autores identificam três tendências do materialismo: as posses e bens físicos são o centro da vida, a aquisição de bens é essencial para a satisfação pessoal e bem-estar, e o sucesso pessoal e de outras pessoas é julgado pela quantidade e valor monetário dos bens (relação entre bens e status).

Kilbourne, Grünhagen e Foley (2005) também corroboram com a ideia que o materialismo é o valor dado aos bens ou posses. Mas, também o define como uma atitude individual ou ainda como um conjunto de características oriundas dos valores pessoais. Dessa forma, a aquisição de bens materiais é o foco da vida de muitos indivíduos, que se dedicam em planejar compras, imaginar os benefícios das mesmas e fazem grandes sacrifícios para adquirir os objetos desejados (RICHINS, 2011).

Ressalta-se, que existem fatores negativos e positivos associados ao materialismo, com predominância da abordagem negativa. Para Richins e Rudmin (1994), o materialismo é um vilão ambiental, contribuindo para a escassez dos recursos naturais e poluição. O materialismo influencia o aumento da dívida pessoal, o aumento das taxas de falência pessoal, bem como perturbações na ordem social, como crimes e intolerância a imigrantes. Burroughs e Rindfleisch (2002) corroboram afirmando que o materialismo traz consequências negativas em longo prazo tanto para o indivíduo como para a sociedade, eles também destacam a questão ambiental, citam a irrelevância dada aos valores cívicos e religiosos. Individualmente, ressaltam a minimização da satisfação com a vida. Contudo, Kilbourne, Grünhagen e Foley (2005) elencam alguns fatores positivos do materialismo. De forma positiva, o materialismo, como sinônimo de consumismo, maximiza a riqueza de empresas, aumenta o potencial de produção de capital, possibilita o investimento em pesquisa e desenvolvimento, e consequentemente, de forma mais global, aumenta a produtividade, contribui para os avanços tecnológicos e melhora o padrão de vida da sociedade.

Em relação às formas de mensuração do materialismo, Richins e Rudmin (1994) demonstram que existem duas perspectivas de mensuração: análise em nível individual e em nível cultural. Em âmbito individual, a análise tem como parâmetro valores pessoais, comportamentos e traços de personalidade. Já a análise cultural avalia o nível do materialismo dentro de uma cultura para fins de comparação entre culturas e análise ao longo do tempo.

Segundo Richins e Dawson (1992), a mensuração individual é mais eficaz, sendo a escala utilizada neste trabalho. Outra escala amplamente utilizada é a de Belk (1985).

A escala de Belk (1985) mensura o materialismo através de traços de personalidade, como: a possessividade, a não generosidade e a inveja. A possessividade relaciona-se com a propensão do indivíduo em manter controle ou a propriedade sobre seus bens. A não generosidade diz respeito à característica de má vontade para emprestar os bens materiais. E, a inveja é abordado sob dois prismas, um negativo, em que o indivíduo apresenta um sentimento de inferioridade ao identificar as posses, bens, felicidade e sucesso de outrem; e o âmbito positivo, que relaciona-se com a motivação para a aquisição dos bens materiais desejados.

Em contrapartida, a escala mais utilizada é a de Richins e Dawson (1992), que mensura o materialismo em três sub-dimensões: a aquisição de bens como centralidade, a aquisição como busca da felicidade e a aquisição como concretização do sucesso. A primeira dimensão demonstra que o materialismo é um estilo de vida e uma orientação comportamental. A segunda dimensão relaciona-se com a prioridade estabelecida às aquisições materiais em relação aos relacionamentos inter-pessoais, experiências e desempenho pessoal. E, a terceira dimensão representa que a posse de bens é sinônimo de sucesso, conquista e status social. Sendo a escala mais utilizada em estudos empíricos, como por exemplo, na pesquisa de Kilbourne, Grünhagen e Foley (2005) que analisaram a relação entre materialismo e valores pessoais em uma amostra de 404 estudantes universitários dos Estados Unidos, Canadá e Alemanha; de Karabati e Cemalcilar (2010) que utilizaram a escala para avaliar a relação entre materialismo, valores e bem-estar subjetivo em uma amostra de 1.120 estudantes universitários na Turquia; e de Moura (2005) que adaptou a escala de materialismo para o Brasil em um estudo sobre os impactos dos níveis de materialismo em relação ao endividamento em famílias de baixa renda.

Sobre a relação entre o materialismo e o bem-estar de forma global, Richins e Dawson (1992) afirmam que o materialismo está diretamente relacionado com múltiplos âmbitos de satisfação com a vida, notadamente com família, amigos, lazer e renda. De forma similar, Burroughs e Rindfleisch (2002) analisam a relação entre bem-estar subjetivo e materialismo, demonstrando que os indivíduos altamente materialistas são caracterizadamente menos felizes, mais insatisfeitos com a vida e tendentes à tensões e distúrbios psicológicos. Ainda, Goldberg et al. (2003) destacam que indivíduos materialistas tendem a estabelecer padrões elevados nos múltiplos âmbitos da vida o que delinea um comportamento constante de insatisfação.

Especificamente, Richins e Rudmin (1994) afirmam que o materialismo é uma variável relevante em muitos estudos sobre comportamento econômico. Já que as pessoas com alto nível de materialismo apresentam uma relação diferente com o dinheiro comparativamente às pessoas com baixo nível de materialismo, notadamente no que diz respeito à quantidade de renda que precisam ou desejam. Considerando que a aquisição de bens é fundamental para os materialistas, e que enxergam os bens como indicadores de sucesso, o alto nível de materialismo torna os indivíduos mais propensos a gastar suas rendas, em detrimento ao comportamento de poupar. Ainda, os autores afirmam que por colocar a aquisição de bens em uma posição central na vida, os materialistas tendem a ter níveis mais baixos de satisfação com a vida de forma global, e especificamente com o bem-estar financeiro. Corroborando, Watson (2003) investiga que pessoas com diferentes níveis de materialismo possuem também diferentes propensões para gastar, poupar e solicitar/utilizar créditos. O baixo nível de materialismo determina uma maior propensão a apresentar comportamentos positivos em relação às variáveis de bem-estar financeiro, como, por exemplo, atitudes relativas à poupança, como os fundos de investimento.

Ainda, Garoarsdóttir e Dittmar (2012) têm como objetivo em seu estudo demonstrar que o materialismo está relacionado com vários indicadores de bem-estar financeiro: montante da dívida, preocupações financeiras, hábitos de consumo, compras compulsivas e habilidades de gerenciamento de dinheiro. Sendo a amostra composta por 271 indivíduos na Islândia, no período da crise econômica de 2008. Os resultados mostram que o nível elevado de materialismo tem uma relação negativa significativa com níveis baixos de bem-estar financeiro, com maiores preocupações financeiras e maiores dívidas.

Corroborando, Dittmar (2005) afirma que o materialismo tem impactos negativos sobre o bem-estar financeiro. Igualmente, o estudo de Tatzel (2003) indica que o nível elevado de materialismo associado à rendas baixas delineiam um menor nível de bem-estar financeiro. No entanto, rendas maiores associadas ao alto nível de materialismo também se constituem em dois fatores de risco para o bem-estar financeiro.

2.2.3 Comportamento financeiro

De acordo com a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômicos (OCDE) (2005), o comportamento financeiro é um dos itens que compõe a alfabetização

financeira, juntamente com o conhecimento, habilidades e atitudes financeiras, sendo essenciais para a tomada de decisões financeiras e alcance do bem-estar financeiro. Kim (2000) define o comportamento financeiro como sendo o processo utilizado na gestão financeira de recursos pessoais a fim de alcançar o sucesso financeiro. Dessa forma, o comportamento financeiro diz respeito às ações, à tomada de decisões e às condutas financeiras que determinam o uso do crédito, organização do orçamento pessoal, planejamento financeiro, poupança, investimentos, entre outros (GUTTER, COPUR, 2011; HILGERT, HOGARTH, BEVERLY, 2003; JOO, GRABLE, 2004; MANDELL, KLEIN, 2009; SHIM et al., 2009; XIAO, SORHAINDO, GARMAN, 2006).

Em relação às formas de mensuração do comportamento financeiro, Kim (2000) afirma que o comportamento financeiro pode ser medido de diferentes maneiras. Exemplificando, Agarwalla et al. (2012) utilizam, tendo como parâmetro as orientações da OCDE, a escala de comportamento financeiro que avalia a forma como os indivíduos lidam com o dinheiro através dos seguintes aspectos: acessibilidade aos produtos e despesas, temporalidade no pagamento de faturas, planejamento e monitoramento do orçamento familiar, hábitos de poupança e propensão para a aquisição de empréstimos, em uma pesquisa *survey* na Índia sobre alfabetização financeira. Hilgert, Hogarth, e Beverly (2003) em sua pesquisa sobre gestão de finanças pessoais através da relação entre conhecimento e comportamento financeiro mensuram o comportamento financeiro através de um índice baseado em quatro variáveis: fluxo de caixa, gestão de crédito, poupança e práticas de investimento. A gestão do fluxo de caixa engloba variáveis como: ter conta corrente, pagamento das contas em dia, sistema de registro de despesas, controle de cheques e plano de gastos ou orçamento. A gestão do crédito é composta pelas seguintes variáveis: posse de cartão de crédito, pagamento pleno da fatura do cartão a cada mês, relatórios dos créditos utilizados e identificação de ofertas antes da utilização do cartão. Em relação ao item poupança: possuir uma conta-poupança, poupar para um fundo de emergência, poupar para objetivos de longo prazo (como educação, carro ou casa) e organização dos comprovantes de depósito. E, por fim, em relação ao investimento: diversificação de investimentos, planejamento para aposentadoria, conta de investimento, posse de fundos mútuos, participação nos lucros, títulos públicos, entre outros. Os autores incluem ainda como comportamento financeiro a variável “outras experiências financeiras” que é composta, por exemplo, por questionamentos sobre a posse de casa própria e a confecção dos impostos. De forma similar, Mandell e Klein (2009) utilizam para mensurar o comportamento financeiro os seguintes itens: pagamento do cartão de crédito na íntegra, frequência de atraso do cartão de

crédito, utilização de cheques, conferência semanal dos saldos do talão de cheques, confecção do próprio imposto de renda, posse de poupanças e investimentos adequados para as necessidades e preocupação com a dívida. Outro exemplo, com o objetivo de analisar a relação entre comportamento financeiro e bem-estar financeiro, Gutter e Copur (2011), analisaram uma amostra de 15.797 estudantes universitários através de pesquisa por e-mail nos Estados Unidos. O comportamento financeiro foi mensurado através de três categorias principais: economia, orçamento e uso do crédito.

Sobre os impactos do comportamento financeiro no bem-estar financeiro, Falahati, Sabri e Paim (2012) afirmam que o comportamento financeiro apresenta uma contribuição importante para a satisfação ou insatisfação com a situação financeira. O comportamento financeiro é definido por algumas pesquisas como sendo um determinante positivo do bem-estar financeiro. Segundo Xiao, Sorhaindo, Garman (2006) quanto maior a pontuação de auto-avaliação de comportamento financeiro maior a consecução efetiva de comportamentos financeiros positivos. Os autores também afirmam que os comportamentos financeiros positivos proporcionam um melhor índice de bem-estar financeiro. Assim, foi analisado o comportamento financeiro e os efeitos sobre o bem-estar de alunos universitários, constatando que comportamentos como: gestão de caixa, gestão de crédito e questões relativas à poupança são positivamente associados ao bem-estar geral.

De forma congruente, Shim et al. (2009) afirmam que os comportamentos financeiros, como gestão de orçamento e poupança, estão diretamente relacionados com os níveis de bem-estar financeiro de jovens adultos. Gutter e Copur (2011) também afirmam que o domínio específico de comportamentos financeiros está associado positivamente ao bem-estar financeiro. Sumarwan (1990) também aborda que o comportamento de gestão financeira impacta na satisfação com a situação financeira do indivíduo. O autor utilizou como comportamento financeiro os seguintes aspectos: pagamento de engargos financeiros, planejamento da utilização do dinheiro, consecução de um orçamento escrito, manutenção/organização de contas e recibos, execução das atividades de gestão no momento em que precisam ser feitas, avaliação de necessidades e discussão sobre finanças. Sendo que a manutenção/organização de contas e recibos, a execução das coisas quando precisam ser feitas e discussão sobre finanças sem ficar chateado são os aspectos positivamente influenciadores da satisfação financeira.

Outrossim, Joo e Grable (2004) demonstram que o bem-estar financeiro relaciona-se diretamente com comportamentos financeiros, notadamente com o pagamento de contas de cartão de crédito de forma plena a cada mês, o desenvolvimento de um orçamento semanal ou

mensal e a manutenção de uma poupança. Ainda no que tange a influência positiva do comportamento financeiro no bem-estar financeiro, Kim, Garman e Sorhaindo (2003) evidenciam que a gestão financeira fraca ou ineficaz é negativamente relacionada ao bem-estar financeiro. No mesmo sentido, na pesquisa de Delafrooz e Paim (2011), na Malásia, com 2.000 funcionários dos setores público e privado, identifica-se que o comportamento financeiro tem uma relação direta positiva com o bem-estar financeiro. Ou seja, o indivíduo que possui um melhor comportamento financeiro é mais propenso a ter níveis mais elevados de bem-estar financeiro.

2.2.4 Atitude financeira

Segundo o QFinance (2013), a atitude é um sentimento, crença, emoção ou opinião que se transforma em resposta a uma determinada situação. Assim, uma atitude pode ser momentânea ou pode evoluir para uma característica habitual influenciando em longo prazo o comportamento. Chan, Chan e Chau (2012) enfatizam que a atitude financeira pode ser definida como uma intenção comportamental em relação às finanças pessoais. Destaca-se, portanto, que é importante que a atitude financeira seja diferenciada do conhecimento e do comportamento financeiro já que ela deriva das preferências (HUNG, PARKER, YOONG, 2009). Neste sentido, Atkinson e Messy (2012) definem que as atitudes constituem em um elemento importante da alfabetização financeira, já que são as preferências/orientações do indivíduo em relação às questões financeiras pessoais. Dessa forma, se uma pessoa possui uma atitude negativa em relação à poupança, provavelmente, será menos propensa em realizar o comportamento de poupar.

Existem algumas escalas para mensurar a atitude financeira, como por exemplo a de Lytton e Grable (1997) citada por Kim (2000), a da OCDE e a de Shockey (2002). A escala de Lytton e Grable (1997) possui 62 declarações sobre crenças de finanças pessoais. A escala de mensuração da atitude financeira da OCDE é composta por três declarações, que identificam atitudes e preferências com foco em curto ou longo prazo, bem como demonstra o pensamento sobre o planejamento em relação ao dinheiro. As declarações são: “Acho mais gratificante gastar dinheiro do que guardá-lo para o longo prazo”, “Eu costumo viver para o hoje, deixo o amanhã cuidar de si” e “o dinheiro existe para ser gasto”. Assim, ao analisar a atitude financeira tendo como parâmetro as orientações da OCDE Agarwalla et al. (2012)

mensuram através da concordância ou discordância nos seguintes aspectos: o grau de crença no planejamento, a propensão para poupar e a propensão para consumir. A escala de Shockey (2002) é composta por nove declarações sobre atitudes financeiras, sua composição envolve o controle de despesas, metas financeiras, poupança e pensamento de curto e longo prazo. Outros estudos utilizam a atitude em relação a dívida, indentificando crenças e pretensões em relação ao endividamento em curto, médio e longo prazo (NORVILITIS et al., 2006; NORVILITIS, MAO, 2012; NORVILITIS, MENDES-DA-SILVA, 2013).

Mader e Schors (2012) afirmam que a disposição para poupar é fundamental no que diz respeito às finanças pessoais. Dessa forma, pessoas que sentem pouca ou nenhuma necessidade de poupar e que não reconhecem a importância do ato apresentam maior propensão a problemas financeiros. As atitudes de maior propensão estão relacionadas aos indivíduos “pensadores de curto prazo”, que “vivem para o presente”. Os resultados da pesquisa de Dowling, Corney e Hoiles (2009) demonstram que as atitudes negativas em relação ao dinheiro, juntamente com a gestão financeira e problemas financeiros influenciam a insatisfação financeira em trabalhadores jovens, do sexo masculino, da Austrália. O estudo de Lown e Ju (1992) conclui no que diz respeito à relação entre bem-estar financeiro e atitude financeira que o fato de se sentir confortável com o pagamento máximo de créditos, como hipotecas e empréstimos, influencia positivamente o bem-estar financeiro. Destacam, assim, que as atitudes subjetivas em relação a utilização do crédito determinam um maior impacto na satisfação financeira comparativamente com o comportamento financeiro. Kim (2000) identifica que existe efeito direto das atitudes financeiras em relação ao bem-estar financeiro, já que as pessoas que demonstram sentimentos mais positivos em relação às finanças pessoais relatam níveis mais elevados de bem-estar financeiro.

2.2.5 Conhecimento financeiro

A importância do conhecimento financeiro aumentou nos últimos anos em decorrência, notadamente, dos serviços financeiros complexos (SCHMEISER; SELIGMAN, 2013), exigindo, portanto, conforme Sevim, Temizel e Sayilir (2012), uma postura informacional mais ativa dos indivíduos para a gestão de suas finanças pessoais. Dessa forma, segundo Fonseca et al. (2012) as tendências atuais determinam que a tomada de decisão sobre questões financeiras pessoais tornam imprescindível níveis mais elevados de conhecimento

financeiro. No mesmo sentido, Kim (2000) afirma que o conhecimento financeiro tornou-se essencial e uma habilidade básica para as pessoas sobreviverem na sociedade atual, englobando o conhecimento sobre finanças pessoais de forma geral, planos de aposentadoria, benefícios, gestão de crédito e os direitos do consumidor.

Do mesmo modo, Shambare e Rugimbana (2012) afirmam que o analfabetismo financeiro é cada vez mais um tema da atualidade, já que se trata de um problema que traduz a incipiência de conhecimento e conseqüentemente das competências financeiras para gestão das finanças pessoais. Assim, o conhecimento financeiro relaciona-se com a capacidade ou incapacidade, dependência ou independência para a tomada de decisões em relação às finanças pessoais. Neste mesmo sentido, Lusardi e Mitchell (2007) definem o analfabetismo financeiro como sendo a não-familiarização com conceitos econômicos necessários para as decisões relativas à poupança, investimento, planejamento da aposentadoria e outras decisões financeiras.

Sobre as formas de mensuração do conhecimento financeiro, Agarwalla et al. (2012) definem uma medida, seguindo as orientações da OCDE, que verifica a compreensão de cálculos de juros, a relação entre inflação e retorno, entre inflação e os preços, risco e retorno, bem como a importância da diversificação na redução do risco. Já Knoll e Houts (2012) desenvolveram um índice de mensuração do conhecimento financeiro tendo como parâmetro a teoria da resposta por item, que considera a dificuldade da questão, o tempo utilizado para responder e simultaneamente se a resposta está correta, com a finalidade de determinar a probabilidade do engajamento/preocupação ao tentar responder a questão. As questões utilizadas envolvem os seguintes temas: juros, inflação, valor do dinheiro no tempo, investimento, diversificação de risco, habitação, gestão da dívida, poupança para aposentadoria e seguro de vida. A pesquisa é uma *survey* realizada com uma amostra de 2.539 pessoas nos Estados Unidos.

No que diz respeito à relação entre o conhecimento financeiro e o bem-estar financeiro, Lyons (2008) afirma que um curso formal sobre finanças pessoais delineia menor propensão ao comportamento de crédito arriscado. Dessa forma, o conhecimento financeiro e o desenvolvimento de comportamentos financeiros positivos são fatores que afetam positivamente o bem-estar financeiro do indivíduo.

Corroborando a influência positiva do conhecimento financeiro no bem-estar financeiro, Johnson e Sherraden (2007) discorrem que os conhecimentos e as habilidades aprendidas em aulas de educação financeira delineiam impactos satisfatórios no bem-estar financeiro. Igualmente, Vitt et al. (2000) afirmam que o conhecimento financeiro possibilita a

tomada de decisão de forma consciente sobre questões financeiras e maximiza a percepção de bem-estar financeiro. No mesmo sentido, Shambare e Rugimbana (2012) afirmam que sem conhecimento financeiro as pessoas geralmente tomam decisões equivocadas que impactam negativamente no seu bem-estar financeiro.

Para Anderson, Zhan e Scott (2004), as pessoas de baixa renda e com recursos limitados possuem uma necessidade essencial de conhecimento financeiro para uma melhor determinação do bem-estar financeiro.

A Figura 2 apresenta uma síntese dos determinantes do bem-estar financeiro, relatando as relações esperadas com o construto.

DETERMINANTE	RELAÇÃO ESPERADA COM O BEM-ESTAR FINANCEIRO	AUTORES
Compras compulsivas	Negativa	Dittmar, Long e Bond (2007); Edwards (1993); Gutter e Copur (2011); Koram et al. (2006); Kyrius, Mcqueen, e Moulding (2013); Lejoyeux e Weinstein (2010); Park e Burns (2005); Pham, Yap e Dowling (2012); Roberts (1998).
Materialismo	Negativa	Dittmar (2005); Garoarsdóttir e Dittmar (2012); Richins e Rudmin (1994); Tatzel (2003); Watson (2003).
Comportamento financeiro	Positiva	Delafrooz e Paim (2011); Falahati, Sabri e Paim (2012); Gutter e Copur (2011); Joo e Grable (2004); Kim, Garman e Sorhaindo (2003); Shim et al. (2009); Sumarwan (1990); Xiao, Sorhaindo e Garman (2006).
Atitude financeira	Positiva	Dowling, Corney e Hoiles (2009); Kim (2000); Lown e Ju (1992); Madern e Schors (2012).
Conhecimento financeiro	Positiva	Anderson, Zhan e Scott (2004); Johnson e Sherraden (2007); Lyons (2008); Shambare e Rugimbana (2012); Vitt et al. (2000).

Figura 2 – Síntese dos determinantes do bem-estar financeiro.

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

A Figura 3 demonstra as relações esperadas dos fatores com o bem-estar financeiro.

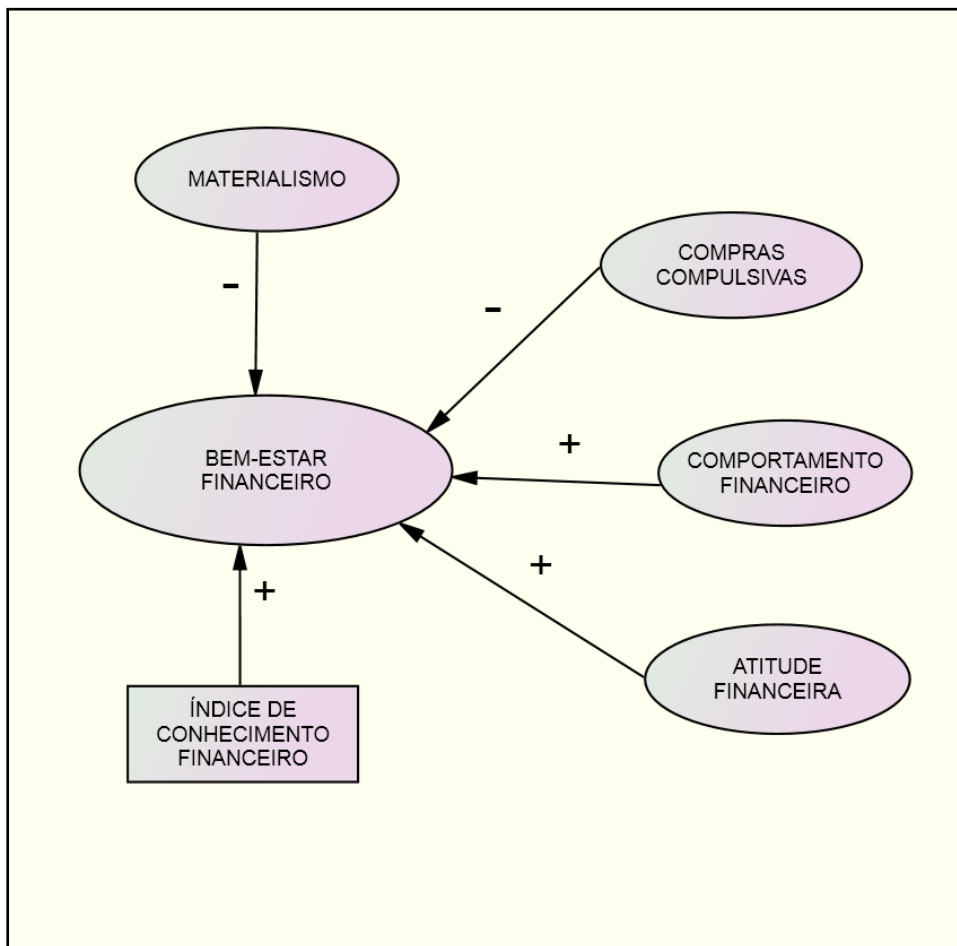


Figura 3 – Esquema hipotético dos determinantes do bem-estar financeiro.

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

2.3 Influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro

Sumarwan (1990) afirmou que o bem-estar financeiro sofre uma variabilidade em decorrência de aspectos socioeconômicos. Em seus estudos, o coeficiente de determinação múltipla em relação aos aspectos socioeconômicos indicou uma influência de aproximadamente 23% no índice de satisfação financeira. Dessa forma, este valor de significância demonstrou o efeito expressivo de aspectos socioeconômicos no que tange ao

bem-estar financeiro. Ainda, Gutter e Copur (2011) afirmam que existem diferenças significativas no nível de bem-estar financeiro em relação a fatores socioeconômicos.

Outros estudos demonstram a influência de aspectos socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro (DELANEY, NEWMAN, NOLAN, 2006; GRABLE, JOO, 2006; LEACH, HAYHOE, TURNER 1999; LOWN, JU, 1992; PENN 2007; PLAGNOL, 2011; SHIM et al., 2009; VERA-TOSCANO, ATECA-AMESTOY, SERRANO-DEL-ROSAL, 2006; XIAO, SORHAINDO, GARMAN, 2006).

Dessa forma, mostra-se relevante destacar a influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro, sendo os mesmos representados por nove variáveis: gênero, idade, estado civil, filhos, grau de escolaridade, raça, ascendência, ocupação e renda. Assim, a seguir é desenvolvida uma revisão teórica sobre a influência de cada uma das variáveis sobre o bem-estar financeiro. Sendo apresentado ao final, um quadro resumo sobre as influências destacadas.

2.3.1 Gênero

Analisando a variável demográfica gênero, Leach, Hayhoe e Turner (1999) relataram que as mulheres apresentam uma maior probabilidade de adversidade econômica ou *stress* econômico, afetando a percepção de bem-estar financeiro. Corroborando esta ideia, Shim et al. (2009) demonstraram em suas pesquisas que estudantes do sexo feminino, comparativamente aos estudantes do sexo masculino, são menos propensas a auto-percepção do conhecimento financeiro e a satisfação financeira. Em seus estudos, Gutter e Copur (2011) também mensuraram que homens possuem maiores níveis de bem-estar financeiro em relação às mulheres.

2.3.2 Idade

Quanto à variável demográfica idade, verifica-se que existe um consenso de algumas pesquisas sobre a elevação do bem-estar financeiro em relação ao aumento da idade. Ou seja, indivíduos de maior faixa etária tendem a ser mais satisfeitos com a sua situação financeira,

comparativamente com indivíduos de faixa etária menor. Este fato pode ser evidenciado por Sumarwan (1990) que indicou em seus estudos que os indivíduos mais velhos tem maior probabilidade de estarem satisfeitos com a sua situação financeira em relação aos indivíduos mais jovens.

Corroborando estes resultados, Xiao, Sorhaindo, Garman (2006), relataram que os mais velhos, empregados, com planejamento para a aposentadoria e melhor relação familiar possuem um nível elevado de auto-avaliação do comportamento financeiro e são mais propensos a níveis de satisfação em relação ao *status* financeiro.

Plagnol (2011) afirma que a percepção de bem-estar financeiro não deve ser considerada um traço estável na linha do tempo de vida de um indivíduo, mas que pode ser afetada significativamente pelas mudanças e circunstâncias características de cada período, faixa etária ou fase da vida. O autor discorre que parece ser um paradoxo, mas que na velhice embora sejam identificados níveis mais baixos de renda após a aposentadoria, os estudos demonstram que a satisfação financeira nessa fase da vida é alta. Ele explica que o aumento da idade tende a reduzir as aspirações materiais de um indivíduo, minimizando, também, a necessidade de gastar em níveis superiores ao poder de pagamento. Outro fator elencado por Plagnol (2011) para explicar a relação paradoxal supracitada é que com o avançar da idade delinea-se uma acumulação de ativos financeiros capazes de proporcionar segurança e provavelmente reduzindo a tensão emocional em relação às dívidas, como, por exemplo, a posse de bens imóveis, como uma casa própria que poderia ser utilizada para situações de emergência.

Penn (2007) também associa o bem-estar financeiro com idade ou faixa etária, definindo através de suas pesquisas que o bem-estar financeiro é maior na faixa etária 45-55 anos tendo como relação à segurança financeira e é mais baixa na faixa etária 25-34 anos. O autor define que existem picos de segurança e bem-estar financeiro no ciclo de vida, sendo, portanto, diretamente proporcional ao aumento da idade.

2.3.3 Estado civil

No que diz respeito ao estado civil, os estudos são incongruentes ao apontar se indivíduos solteiros ou casados são mais propensos à satisfação financeira. Sumarwan (1990) concluiu em suas pesquisas que indivíduos casados são mais propensos a serem satisfeitos

com os recursos que possuem para o atendimento de emergências financeiras e com o seu patrimônio líquido em relação a indivíduos solteiros, divorciados ou viúvos.

Em contrapartida, Gutter e Copur (2011) afirmam, em seu trabalho sobre bem-estar financeiro com alunos, que os alunos solteiros possuem significativamente maior bem-estar financeiro em relação aos casados, divorciados ou viúvos.

2.3.4 Filhos

Com relação à variável sociodemográfica quantidade de filhos, um estudo empírico demonstra que o número de crianças na casa se constitui em um fator que influencia o bem-estar financeiro (PENN, 2007). O autor concluiu em seus estudos que as famílias com crianças em casa possuem um nível menor de bem-estar financeiro em relação a famílias semelhantes, sem filhos. As crianças, por um prisma de satisfação global, aumentam o bem-estar da família. No entanto, Penn (2007) afirma que sendo analisado como uma questão meramente financeira, a educação de uma criança é um grande compromisso. Sendo para a maioria das famílias analisadas na pesquisa, o custo de criação dos filhos, o primeiro ou segundo maior compromisso financeiro.

2.3.5 Grau de escolaridade

Analisando a variável grau de escolaridade, ainda são inconclusivos os resultados das pesquisas sobre bem-estar financeiro. Os estudos de Lown e Ju (1992) demonstram que existem diferenças significativas no que tange ao grau de escolaridade e a influência no bem-estar financeiro. Dessa forma, os autores concluíram que os grupos com maior nível educacional tendem a ser mais satisfeitos. Em resumo, os autores afirmam que as pessoas com as seguintes características tem maior propensão em serem satisfeitos com a sua situação financeira: mais velho, mais instruído, com imóvel de maior valor, com rendimentos mais elevados e que usam o cartão de crédito por conveniência ao invés de comprar a prazo.

Corroborando a ideia que o nível educacional influencia positivamente a percepção de bem-estar financeiro, Penn (2007) demonstra que os indivíduos com educação formal, no

caso, diploma universitário, apresentam uma melhor percepção de bem-estar financeiro em relação a indivíduos sem diploma. O autor justifica que um diploma universitário geralmente está associado a empregos mais seguros, com taxas de desempregos mais baixas e rendimentos mais elevados, fatores que são positivamente relacionáveis com o bem-estar financeiro. Penn (2007) afirma ainda, que o nível educacional também pode ser correlacionando com a riqueza.

Em contrapartida, Plagnol (2011) relata que os indivíduos com um grau de escolaridade mais elevado possuem aspirações mais altas em relação à renda, e, portanto, são menos satisfeitos com a sua situação financeira. Destaca-se que o autor conclui em sua pesquisa que a satisfação financeira não se constitui apenas em uma questão de renda, mas que o papel das aspirações e expectativas merecem maior exploração científica. O autor assim sugere, que o nível educacional está intimamente relacionado com as aspirações pessoais. E, estas, sofrem mudanças em decorrência de processos psicológicos, como por exemplo, a comparação social e a adaptação hedônica², o que justificaria pessoas com maior nível educacional possuírem níveis mais baixos de percepção de bem-estar financeiro.

2.3.6 Raça

Sabri (2011) evidencia que as diferenças étnicas e culturais delineiam formas de socializações diferentes que podem afetar o bem-estar financeiro. Assim, em relação à variável raça, sendo correspondida ao conceito social em relação à cor da pele, Grable e Joo (2006) relataram que estudantes universitários africanos possuem níveis mais elevados de *stress* financeiro em relação aos seus pares brancos. Corroborando essa ideia, Gutter e Copur (2011) afirmaram que o bem-estar financeiro é afetado pela cor da pele, sendo que os brancos possuem um maior nível de satisfação financeira em relação aos não-brancos.

Ainda em relação à raça, Penn (2007) evidencia que o bem-estar financeiro é negativamente afetado de forma direta pela raça negra, e também indiretamente pela renda.

² A adaptação hedônica ou esteira hedônica é definida como a tendência de se retornar ao nível basal de felicidade apesar de variações temporais devido à ocorrência de eventos bons ou ruins. O estudo clássico de Brickman, Coates e Janoff-Bulman (1978) avaliou a diferença entre os níveis de felicidade de ganhadores de loteria e paraplégicos antes e depois do evento, demonstrando que a variação resultante não é tão grande quanto à esperada.

2.3.7 Ascendência

Norvilitis e Mendes-da-Silva (2013) possuem como objetivo de estudo uma comparação entre culturas, especificamente, Brasil e Estados Unidos, no que diz respeito à utilização de cartão de crédito, empréstimos, dívidas e percepção de bem-estar financeiro. A pesquisa é realizada com 1.257 estudantes universitários, sendo 814 do Brasil e 443 dos Estados Unidos. Em relação ao bem-estar financeiro, a amostra dos Estados Unidos apresenta-se mais auto-confiante financeiramente, demonstrando um melhor índice de bem-estar financeiro nos resultados obtidos com a pesquisa. Em outro estudo comparativo, Norvilitis e Mao (2012), analisam as mesmas questões em uma amostra de 410 estudantes universitários, sendo 207 dos Estados Unidos e 203 da China, concluindo que estudantes chineses apresentam menores índices de bem-estar financeiro em relação aos estudantes americanos. Dessa forma, a questão cultural é investigada como determinante de bem-estar financeiro, embora, ainda sem relação definida.

2.3.8 Ocupação

A variável ocupação diz respeito ao *status* relacionado ao trabalho do indivíduo. Para Sumarwan (1990) os aposentados possuem maior satisfação no que tange ao nível de renda em relação àqueles que são empregados ou desempregados. Ainda analisando o bem-estar financeiro tendo como variável de mensuração o nível da renda e a quantidade de fontes de renda, estar desempregado influencia negativamente no bem-estar financeiro. Dessa forma, Sumarwan (1990) afirma que o fato de estar desempregado delinea diversos efeitos psicológicos no indivíduo e efeitos negativos na percepção de bem-estar financeiro, já que estar desempregado materializa a perda de renda, a impossibilidade de acumulação de economias e maximiza ansiedades relacionadas com a situação financeira.

Em relação ao *status* de ocupação desempregado, os indivíduos que estão desempregados possuem níveis mais baixos de satisfação financeira, em relação à indivíduos com características semelhantes, empregados ou que não estão na força de trabalho, já que os desempregados provavelmente tem como parâmetro de satisfação as suas aspirações de renda, ou seja, a renda potencial, em detrimento da renda atual (PLAGNOL, 2011).

2.3.9 Renda

No que diz respeito à variável renda, segundo Sumarwan (1990) a variável teve uma correlação positiva com a variável de bem-estar financeiro. Sendo que os indivíduos que possuem rendimentos mais elevados e possuem fontes de rendas diversificadas são mais propensos a estarem satisfeitos com a respectiva situação financeira. Corroborando, a pesquisa de Delafrooz e Paim (2011), determina um coeficiente positivo e significativo de renda em relação ao bem-estar financeiro. Ou seja, os indivíduos com maior renda tendem a ser mais satisfeitos financeiramente de forma comparativa aos indivíduos com rendas mais baixas.

Para Penn (2007), o aumento da renda familiar está intimamente relacionado com a auto-percepção de segurança financeira. Assim, em seus resultados empíricos, verificou que 51,3% dos respondentes com renda mais alta são muito seguros em relação a sua situação financeira. Em contrapartida, apenas 20,8% dos indivíduos de renda mais baixa estão muito seguros em relação à própria situação financeira. Ainda, de forma inversa, os indivíduos com menores renda estão propensos à associação com a insegurança financeira, ou seja, dos respondentes 33,1% dos indivíduos com menor renda se consideram inseguros financeiramente, em comparação com 6,9% dos indivíduos com maiores rendimentos.

A Figura 4 apresenta uma síntese da influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro.

VARIÁVEL SOCIOECONÔMICA E DEMOGRÁFICA	INFLUÊNCIA ESPERADA	AUTORES
GÊNERO	Homens e mulheres possuem percepções diferentes em relação ao bem-estar financeiro. As mulheres são menos satisfeitas em relação aos homens.	Gutter e Copur (2011); Leach, Hayhoe e Turner (1999); Shim et al. (2009)
IDADE	A idade interfere na percepção de bem-estar financeiro. Indivíduos mais velhos são mais satisfeitos com a sua situação financeira que os mais jovens.	Penn (2007); Plagnol (2011); Sumarwan (1990); Xiao, Sorhaindo e Garman (2006)
ESTADO CIVIL	Os indivíduos casados são mais propensos a estarem satisfeitos com a situação financeira.	Sumarwan (1990)
	Os indivíduos solteiros são mais propensos a estarem satisfeitos com a situação financeira.	Gutter e Copur (2011)
FILHOS	A presença de crianças na composição familiar altera a percepção de bem-estar financeiro.	Penn (2007)
GRAU DE ESCOLARIDADE	Quanto maior o nível educacional maior a satisfação financeira.	Lown e Ju (1992); Penn (2007)
	Quanto maior o nível educacional menor a satisfação financeira.	Plagnol (2011)
RAÇA	A percepção de bem-estar financeiro difere em relação à raça do indivíduo. Sendo a raça negra mais propensa a níveis de estresse financeiro e conseqüentemente menor percepção de bem-estar financeiro.	Grable e Joo (2006); Penn (2007).
	A percepção de bem-estar financeiro difere em relação à raça do indivíduo. Sendo a raça branca mais propensa à satisfação financeira.	Gutter e Copur (2011).
ASCENDÊNCIA	Existem diferenças de percepção de bem-estar financeiro no que diz respeito à ascendência.	Norvilitis e Mao (2012); Norvilitis e Mendes-da-Silva (2013).
OCUPAÇÃO	A percepção de bem-estar financeira difere em relação à ocupação. Os aposentados possuem maior nível de bem-estar financeiro.	Sumarwan (1990).
	Os indivíduos desempregados possuem um menor nível de bem-estar financeiro.	Plagnol (2011); Sumarwan (1990); Xiao, Sorhaindo e Garman (2006).
RENDA PRÓPRIA	Os indivíduos com rendimentos mais elevados são mais propensos a serem satisfeitos com a sua situação financeira.	Sumarwan (1990); Penn (2007); Delafrooz e Paim (2011)

Figura 4 – Síntese das pressuposições sobre a influência dos fatores socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro.

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

3 MÉTODO

Este capítulo apresenta as várias etapas que são desenvolvidas para a consecução dos objetivos definidos. Conforme Hair et al. (2005), os métodos dizem respeito ao processo da descoberta científica, sendo, portanto, os aspectos metodológicos responsáveis por nortear o enfoque do problema e o caminho das respostas. Apresenta-se assim, o delineamento da pesquisa, o cenário da pesquisa, a população e amostra, a estratégia de pesquisa e o instrumento de coleta de dados, as técnicas de análise de dados e questões éticas.

3.1 Delineamento da pesquisa

A pesquisa constitui-se em um estudo descritivo. Sampieri, Callado e Lucio (2013) definem que estudos descritivos têm por finalidade especificar propriedades, características e traços importantes ao se analisar um fenômeno, descrevendo tendências. Dessa forma, através da abordagem descritiva busca-se neste trabalho identificar características e perfis dos indivíduos em relação ao bem-estar financeiro e aos fatores comportamentais, bem como caracterizar a influência dos fatores no construto principal, conforme objetivos detalhados na introdução.

Em relação à abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa quantitativa. A pesquisa é assim caracterizada já que tem por finalidade quantificar os dados para compreender o problema de pesquisa através da utilização de técnicas estatísticas, como é demonstrado por Malhotra (2011).

A Figura 05 demonstra o desenho da pesquisa.

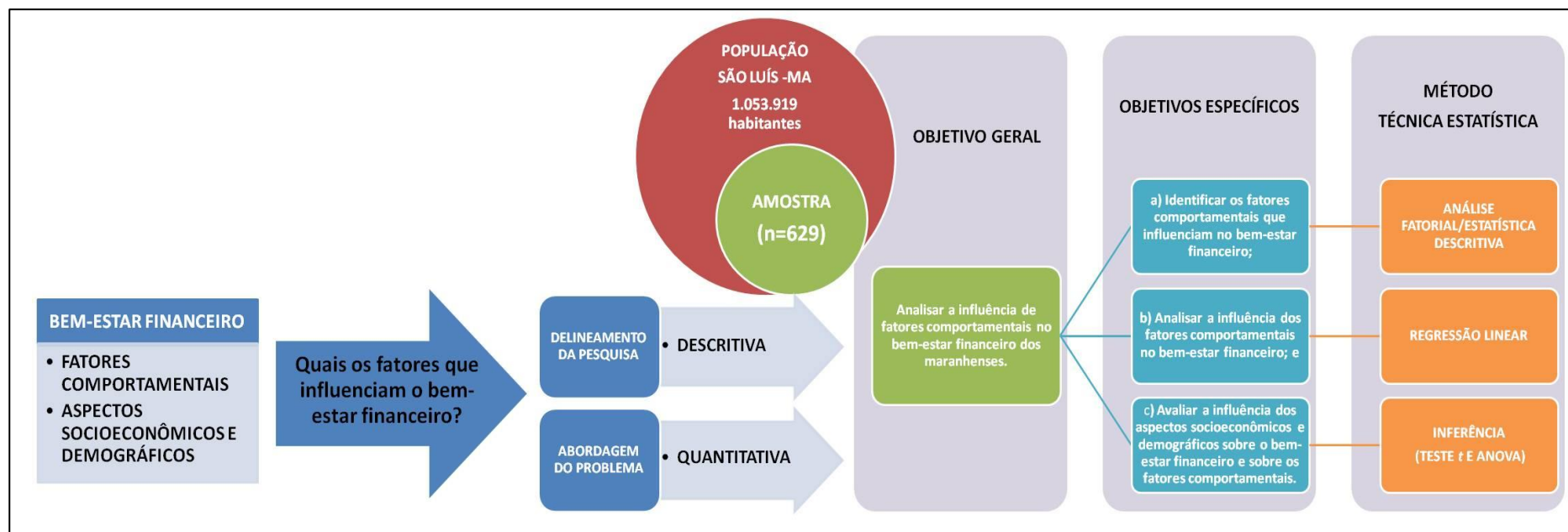


Figura 5 – Desenho da pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

3.2 Cenário da pesquisa

Considera-se como cenário de pesquisa deste estudo a cidade de São Luís, localizada no estado do Maranhão, Brasil.

O município de São Luís localiza-se na ilha de Upaon-Açu, no Atlântico Sul, entre as baías de São Marcos e São José de Ribamar. Possui uma área de unidade territorial de 834,785 km². O município faz parte da mesorregião do norte maranhense e da microrregião da aglomeração urbana de São Luís, localizada ao norte do estado do Maranhão, sendo a população de 2010 de 1.014.837 e a estimada para 2013 de 1.053.919 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013).

3.3 População e amostra

Cooper e Schindler (2011) definem a população como sendo o conjunto total de elementos sobre os quais objetiva-se fazer algumas inferências.

Assim, optou-se por delimitar a população tendo como parâmetro o espaço geográfico. O espaço geográfico utilizado na pesquisa será São Luís - MA. Considerando a população estimada para 2013, segundo o IBGE, a cidade de São Luís possui uma população de 1.053.919 habitantes.

Considerando a amplitude da população adota-se o processo de amostragem. Segundo Freund (2006), a amostra consiste em uma parte do todo que se pretende estudar. E, conforme demonstram Cooper e Schindler (2011), para que seja representativa e válida, a amostra precisa ser definida através de critérios bem definidos. Portanto, utilizam-se dois critérios para a definição da amostra mínima: o critério estatístico da representatividade da amostra e o da quantidade de variáveis estudadas. Considerando a existência de múltiplos métodos para a determinação da amostra, Martins (2011) demonstra uma alternativa para a estimação de amostras a qual é apresentada na Equação 1.

$$n = \frac{(z_g^2 \cdot p \cdot q \cdot N)}{e^2(N - 1) + z_g^2 \cdot p \cdot q}$$

Equação 1 – Cálculo da amostra

Onde:

n = tamanho da amostra;

z_g = abscissa da distribuição normal padrão, fixado um nível de confiança g;

p = estimativa da proporção p;

q = 1 - p;

N = tamanho da população;

e = erro amostral (máxima diferença permitida entre p e p).

Definindo-se, primeiramente, a população como sendo finita, correspondente ao número total de habitantes de São Luís - MA. Considerando o cálculo amostral com 95% de confiança, admitindo-se um erro amostral de 5%, para a população de 1.053.919 habitantes. Tem-se uma amostra mínima de 385 respondentes.

Com relação ao critério de quantidade de variáveis estudadas, conforme é detalhado por Hair et al. (2009), para o planejamento de um estudo o tamanho da amostra deve estar intimamente relacionado com a quantidade de variáveis, sendo um mínimo de 5 e um número razoável de 10 observações por variável. Como o trabalho envolve 61 variáveis, sendo, portanto, a amostra desejável entre 305 e 610.

Neste estudo obteve-se 629 questionários válidos aplicados no período de junho a agosto de 2013. Ressalta-se que foram aplicados inicialmente 800 questionários, obtendo-se, portanto, um retorno de aproximadamente 79% dos questionários aplicados. A coleta de dados foi realizada após a capacitação de três pesquisadores. Destaca-se que os questionários foram aplicados face-a-face com os pesquisados, em locais públicos, principalmente, nas universidades. Destaca-se ainda, que a maioria dos questionários perdidos está relacionada ao fato dos respondentes alegarem constrangimento em relação ao tema do trabalho.

3.4 Estratégia de pesquisa e instrumento de coleta de dados

Para o alcance da amostra definida, utiliza-se o método *survey*. De acordo com Hair et al. (2005), a *survey* se constitui em um procedimento para se coletar dados primários a partir de indivíduos, sendo realizada através de entrevistas ou de questionários. Neste caso, optou-se pela aplicação de questionário estruturado para a coleta de dados, composto por questões contemplando todas as dimensões a serem analisadas. Esse instrumento de pesquisa é definido por Gil (2010) como sendo uma técnica de investigação utilizada com a finalidade de conhecimento das opiniões, crenças, sentimentos, expectativas e situações vivenciadas pelos indivíduos, sendo composto por um número relativamente grande de questões. Destaca-se que a utilização do questionário como instrumento de pesquisa justifica-se em decorrência de sua utilização frequente em temas afins, como por exemplo, na pesquisa de Cavalheiro (2010) sobre tolerância ao risco, Flores (2012) sobre propensão ao endividamento, de Moreira (2000) sobre valores do dinheiro, de Moura (2005) sobre materialismo e dívidas, de Trindade (2009) sobre endividamento de mulheres e de Zerrenner (2007) sobre o endividamento de população de baixa renda. Define-se ainda, que por questões econômico-financeiras de tráfego e conveniência, optou-se pela coleta de dados em áreas públicas. Hair et al. (2005) definem que a amostra por conveniência relaciona-se com a seleção de indivíduos que estejam mais disponíveis para participar do estudo, disponibilizando-se em oferecer as informações necessárias. Os autores ressaltam também, que a amostra por conveniência é utilizada em decorrência da disponibilidade de tempo (redução do tempo de coleta de dados) e do baixo custo.

O questionário apresenta-se em duas partes. A primeira parte contempla as questões referentes aos construtos a serem analisados neste trabalho: bem-estar financeiro, compras compulsivas, materialismo, comportamento financeiro, atitude financeira e conhecimento financeiro. Sendo, portanto, composto por seis blocos e totalizando sessenta e uma questões.

Na primeira parte, todos os construtos, com exceção do conhecimento financeiro, serão mensurados tendo como base uma escala do tipo *likert* de cinco pontos. Sendo que as escalas do bem-estar financeiro, materialismo e atitude financeira terão como alternativa de resposta: discordo totalmente (1), discordo (2), indiferente (3), concordo (4) e concordo totalmente (5). Já as escalas do comportamento financeiro e compras compulsivas terão como alternativa de resposta: nunca (1), quase nunca (2), às vezes (3), quase sempre (4) e sempre

(5). O conhecimento financeiro será mensurado através de um índice de conhecimento financeiro o qual será detalhado posteriormente.

Na segunda parte, listam-se as questões referentes ao perfil dos respondentes, sendo elencadas nove variáveis socioeconômicas e demográficas a serem analisadas: gênero, idade, estado civil, filhos, grau de escolaridade, raça, ascendência, ocupação e renda.

O bloco de questões sobre bem-estar financeiro tem por finalidade o desenvolvimento do construto dependente da pesquisa, com a proposição de mensurar o “sentimento” financeiro do respondente. Utiliza-se a escala de bem-estar financeiro proposta por Norvilitis, Szablicki e Wilson (2003) composta por oito questões.

Com relação ao construto compras compulsivas, para identificar e mensurar as evidências sobre comportamentos de compra compulsiva utiliza-se a escala desenvolvida originalmente por Faber e O’Guinn (1992) e adaptada e aplicada no Brasil por Leite et al. (2011). A escala é composta por sete questões.

O bloco de questões sobre materialismo, a fim de se mensurar o grau de materialismo dos respondentes da pesquisa, é composto por nove questões, tendo como base a escala originalmente proposta por Richins e Dawson (1992), aplicada, em âmbito brasileiro, por Moura (2005). Destaca-se que embora a escala seja composta por três dimensões do materialismo (sucesso, centralidade e felicidade), Richins (2004) demonstra que a mesma mensura em sua totalidade o nível de materialismo. Assim, são utilizadas as nove variáveis para analisar diretamente o construto materialismo.

O construto comportamento financeiro é composto por vinte questões com a finalidade de avaliar o comportamento de gestão financeira, crédito pessoal, consumo, investimento e poupança. A escala de comportamento financeiro tem como parâmetro a de Matta (2007), a qual foi desenvolvida com base nos estudos de Chen e Volpe (1998), Johnson (2001) e Shockey (2002).

A atitude financeira é mensurada através da escala desenvolvida por Shockey (2002), sendo a mesma composta por oito questões visando identificar de que forma o indivíduo avalia suas crenças financeiras.

No último bloco da primeira parte, é desenvolvido o índice de conhecimento financeiro, tendo como parâmetro os critérios definidos por Rooij, Lusardi e Alessie (2011). Assim, o nível de conhecimento financeiro dos respondentes será avaliado através da média da pontuação dos dois conjuntos de questões de múltipla escolha. O primeiro conjunto, conhecimento básico, é composto por três questões (questões 54 a 56), visando mensurar as habilidades financeiras básicas, como o entendimento de questões relacionadas à inflação,

taxa de juros compostos e o valor do dinheiro no tempo. O segundo grupo diz respeito às questões de conhecimento avançado, composto por cinco questões (questões 57 a 61). Neste grupo, busca-se explorar o nível de conhecimento em relação a instrumentos financeiros complexos, como ações, títulos públicos e diversificação de risco.

Para cada uma das questões de conhecimento básico é atribuído o peso 0,333 para a resposta correta e para cada uma das cinco questões de conhecimento avançado será atribuído peso 0,4. Assim, o respondente que acertar as três questões de conhecimento básico terá uma pontuação máxima de 1,0 ponto, enquanto que o respondente que acertar todas as questões de conhecimento avançado atingirá a pontuação máxima de 2,0 pontos. Sendo, portanto, nesta escala, quanto maior a pontuação, maior o conhecimento financeiro. De acordo com a pontuação obtida, os respondentes são classificados, tendo como parâmetro a classificação estabelecida por Chen e Volpe (1998), como detentores de baixo nível de conhecimento financeiro (pontuação inferior a 60% do máximo), nível mediano de conhecimento financeiro (entre 60% e 79% da pontuação máxima) e alto nível de conhecimento financeiro (acima de 80% da pontuação máxima).

As variáveis socioeconômicas foram escolhidas tendo como parâmetro o referencial teórico. Dessa forma, a variável gênero é analisada por Hayhoe e Wilhelm (1998); Leach e Hayhoe (1999) e Malone et al. (2010). A variável idade é analisada por Lyons e Yilmazert (2005); Shim et al. (2009) e Xiao, Sorhaindo e Garman (2006). Em relação ao estado civil, temos os estudos de Lyons e Yilmazert (2005); O' Neill et al. (2005) e Xiao, Sorhaindo e Garman (2006). O número de filhos é analisado por Penn (2007). Penn (2007) também analisa a relação entre bem-estar financeiro e o grau de escolaridade. Questões de raça são analisadas por Lyons e Yilmazert (2005) e Shim et al. (2009), nesta pesquisa utiliza-se como parâmetro a classificação de raça do IBGE. Com relação à ascendência, trata-se de uma variável analisada por Norvilitis e Mao (2012) e Norvilitis e Mendes-da-Silva (2013). Lyons e Yilmazert (2005); O' Neill et al. (2005); Penn (2007); Plagnol (2001); Sumarwan (1990); e Xiao, Sorhaindo e Garman (2006) estudam a questão do bem-estar financeiro e da ocupação. Com relação à variável renda própria, o referencial está disposto em Lyons e Yilmazert (2005); Porter e Garman (1993); Shim et al. (2009) e Xiao, Sorhaindo e Garman (2006).

A Figura 06 apresenta uma síntese do instrumento de coleta de dados. O questionário completo encontra-se no Apêndice D.

TEMA	VARIÁVEIS COMPONENTES	REFERÊNCIAS
BEM-ESTAR FINANCEIRO	8 questões (01 a 08)	Norvilitis, Szablicki e Wilson (2003)
COMPRAS COMPULSIVAS	7 questões (09 a 15)	Faber e O'Guinn (1992)
MATERIALISMO	9 questões (16 a 24)	Moura (2005), adaptando Richins e Dawson (1992)
COMPORTEAMENTO FINANCEIRO	20 questões (25 a 44)	Matta (2007)
ATITUDE FINANCEIRA	09 questões (45 a 53)	Shockey (2002)
CONHECIMENTO FINANCEIRO	08 questões (54 a 61)	Rooij, Lusardi e Alessie (2011)
PERFIL DA AMOSTRA (variáveis socioeconômicas e demográficas)	Gênero	Hayhoe e Wilhelm (1998); Leach e Hayhoe (1999) e Malone et al. (2010).
	Idade	Lyons e Yilmazert (2005); Shim et al. (2009) e Xiao, Sorhaindo e Garman (2006).
	Estado civil	Lyons e Yilmazert (2005); O' Neill et al. (2005) e Xiao, Sorhaindo e Garman (2006)
	Filhos	Penn (2007)
	Grau de escolaridade	Penn (2007)
	Raça (Classificação IBGE)	Lyons e Yilmazert (2005) e Shim et al. (2009)
	Ascendência	Norvilitis e Mendes-da-Silva (2013); Norvilitis e Mao (2012)
	Ocupação	Lyons e Yilmazert (2005); O' Neill et al. (2005); Penn (2007); Plagnol (2001); Sumarwan (1990); e Xiao, Sorhaindo e Garman (2006)
	Renda Própria	Lyons e Yilmazert (2005); Porter e Garman (1993); Shim et al. (2009) e Xiao, Sorhaindo e Garman (2006)

Figura 6 – Síntese do instrumento de coleta de dados.

Fonte: Elaborado pela autora, (2013).

3.5 Técnicas de análise de dados

Para a análise dos dados coletados utiliza-se o software *Statistical Package for the Social Sciences*, o SPSS 18.0® e EViews 7.0, para a organização, mensuração e cruzamento das variáveis identificadas. A análise de dados realizada em duas fases: a estatística descritiva e a estatística multivariada.

Para Freund (2006), a estatística descritiva relaciona-se com um conjunto de métodos que visa resumir e descrever dados da amostra. Dessa forma, a primeira etapa da análise de dados é a estatística descritiva das variáveis com a finalidade de caracterizar a amostra e descrever o comportamento dos indivíduos em relação a cada um dos cinco construtos pesquisados: bem-estar financeiro, compras compulsivas, materialismo, comportamento financeiro e atitude financeira. Com a finalidade de traçar um panorama global do perfil dos respondentes da pesquisa mensura-se a frequência. E, com o objetivo de compreender melhor o comportamento, as opiniões e atitudes dos indivíduos no que diz respeito aos fatores investigados calculam-se a média, mediana e o desvio-padrão.

Na etapa seguinte, são utilizadas duas técnicas de análise multivariada de dados: a análise fatorial exploratória e a análise de regressão. Segundo Hair et al. (2009), a análise multivariada está relacionada com as técnicas estatísticas que analisam simultaneamente múltiplas medidas sobre o objeto de pesquisa.

A análise fatorial exploratória é utilizada como técnica principal para definir os fatores determinantes do bem-estar financeiro: compras compulsivas, materialismo, comportamento financeiro e atitude financeira, exceto para a análise do índice de conhecimento financeiro. Segundo Hair et al. (2009), a análise fatorial aborda a problemática de como analisar a estrutura de inter-relações ou covariâncias existentes entre as variáveis, definindo uma série de dimensões subjacentes comuns, os chamados fatores. Ou seja, a análise fatorial é uma técnica desenvolvida para sintetizar as informações através da combinação das variáveis, reduzindo as mesmas e obtendo os fatores.

A fim de verificar se a análise fatorial é apropriada para um determinado número de dados, faz-se a aplicação de dois testes: o teste de esfericidade de Barlett e o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Dessa forma, esses testes são utilizados para indicar o grau de suscetibilidade ou ajuste dos dados à análise fatorial, ou seja, a mensuração do nível de confiança quando do tratamento dos dados por este método multivariado, conforme Hair et al. (2009).

O teste de esfericidade de Barlett é aplicado com a finalidade de avaliar se a correlação existente entre cada par de variáveis pode ser aplicada pelas demais variáveis incluídas no estudo, ou seja, se a correlação entre as variáveis é significativa, garantindo que apenas alguns fatores sejam capazes de representar grande parte da variabilidade dos dados.

Posteriormente, aplica-se o teste de KMO, que apresenta valores normalizados entre 0 e 1, determinando a proporção da variância que as variáveis apresentam em comum ou a proporção que são oriundas de fatores comuns. Destaca-se que nesta abordagem das comunalidades, os valores iguais ou menores que 0,5 indicam que a análise fatorial é insatisfatória para a explicação da correlação de cada par de variáveis pelas demais variáveis consideradas no estudo.

Embora existam vários métodos para a estimação das cargas fatoriais, dois se destacam: o método dos componentes principais e o método da máxima verossimilhança. Dessa forma, é utilizado nesta pesquisa o método dos componentes principais para a estimação das cargas fatoriais, já que segundo Malhotra (2011), trata-se do método mais recomendado quando o objetivo principal do pesquisador é determinar o número mínimo de fatores que correspondem pela variância máxima dos dados.

Existe a possibilidade de encontrar tantos fatores quantas forem as variáveis pesquisadas. Contudo, geralmente o pesquisador busca resumir/reduzir as informações contidas nas variáveis originais em um número menor de fatores. Hair et al. (2009) demonstra diferentes métodos para a escolha da quantidade de fatores: determinação a priori; autovalores; gráfico de declive; percentagem de variância; confiabilidade meio a meio e testes de significância. Nesta pesquisa, optou-se pelo método dos autovalores superiores a um.

Considerando que nem sempre os fatores escolhidos são de fácil interpretação, recorre-se à técnica de rotação dos eixos. Dessa forma, neste trabalho, optou-se pela utilização da técnica de rotação varimax normalizado.

Com a finalidade de avaliar a confiabilidade dos fatores gerados através da análise fatorial, é utilizado o *Alpha de Cronbach*. Conforme Hair et al. (2009), a confiabilidade indica o grau de consistência interna entre os múltiplos indicadores de um fator, reportando-se à extensão na qual um mesmo instrumento de medida reproduz resultados coerentes a partir de diversas mensurações. Para o autor, o *Alpha de Cronbach* em análise exploratória deve possuir um valor superior a 0,6.

Em seguida, para avaliar a influência das variáveis socioeconômicas e demográficas, ou seja, se existe diferenças sobre o bem-estar financeiro e os fatores entre os grupos, realizam-se os testes de diferenças de média (teste *t*) e a Análise de Variância (ANOVA).

Com o objetivo de verificar as diferenças de média entre dois grupos (gêneros masculino e feminino) utiliza-se o teste *t* de *Student*, para comparar a média de uma variável em um grupo em relação à mesma variável em outro grupo.

Conforme Pestana e Gageiro (2008), com o objetivo de determinar se o teste *t* é homocedástico ou heterocedástico é aplicado um teste para a igualdade de variâncias. Para determinar se existe diferença de média para as variáveis com mais de dois grupos (idade, estado civil, nível de escolaridade, ocupação, entre outras) aplica-se a Análise de Variância (ANOVA), que permite comparar, simultaneamente, a média de vários grupos utilizando variáveis contínuas, conforme Hair et al. (2005).

O próximo passo é a realização da análise de regressão com o intuito de verificar a influência de cada fator no construto bem-estar financeiro. Conforme Hair et al. (2009), a regressão linear é efetuada para analisar a relação entre uma única variável dependente, neste caso o bem-estar financeiro e demais variáveis independentes (os fatores que são identificados na pesquisa). Dessa forma, a regressão linear é utilizada a fim de responder o problema de pesquisa: “Quais os fatores que influenciam o bem-estar financeiro?”.

Assim, o modelo de regressão linear múltipla a ser estimado pode ser representado pela Equação 2.

$$\begin{aligned}
 BEF_i = & \alpha_0 + \beta_1 \text{compras compulsivas}_i + \beta_2 \text{materialismo}_i \\
 & + \beta_3 \text{comportamento financeiro}_i + \beta_4 \text{atitude financeira} \\
 & + \beta_5 \text{índice de conhecimento financeiro} + \beta_6 \text{renda} + \beta_7 \text{filhos} \\
 & + \beta_8 \text{idade} + \beta_9 D_1 \text{gênero} + \beta_{10} D_2 \text{raça} + \beta_{11} D_3 \text{estado civil} + \varepsilon_i
 \end{aligned}$$

Equação 2-- Modelo Regressão Linear Múltipla

Onde:

BEF_i = variável dependente fatores bem-estar financeiro

α_0 = coeficiente angular

β_1 *compras compulsivas* = variável independente fator compras compulsivas

β_2 *materialismo* = variável independente fator materialismo

β_3 *comportamento financeiro* = variável independente fatores comportamento financeiro

β_4 *atitude financeira* = variável independente fatores atitude financeira

β_5 *índice de conhecimento financeiro* = variável independente índice de conhecimento financeiro

β_6 *renda* = variável independente renda

β_7 *filhos* = variável independente filhos

β_8 *idade* = variável independente idade

$\beta_9 D_1$ *gênero* = variável independente *Dummy* de gênero

$\beta_{10} D_2$ *raça* = variável independente *Dummy* de raça

$\beta_{11} D_3$ *estado civil* = variável independente *Dummy* de estado civil

ε_i = erro (coeficiente de perturbação)

Com a finalidade de aplicar a análise da regressão linear, através do método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), as seguintes variáveis socioeconômicas e demográficas foram recodificadas em variáveis binárias: *dummy* gênero (0 = feminino e 1 = masculino), *dummy* estado civil (0 = solteiro/viúvo/separado e 1 = casado) e *dummy* raça (0 = negra/amarela ou oriental/parda/indígena/outra e 1 = branca).

Assim, além das variáveis binárias, para a estimação do modelo incluíram-se as seguintes variáveis na categoria de independentes: renda, filhos, idade e os fatores (compras compulsivas, materialismo, atitude financeira de controle, atitude financeira de consciência de crédito, atitude financeira para o futuro, orçamento financeiro pessoal, consumo planejado e investimento e poupança), bem como os índices de conhecimento financeiro: básico, avançado e total.

Ressalta-se que a variável dependente bem-estar financeiro foi estimada tendo como parâmetro a média dos fatores (situação financeira, futuro financeiro e auto-percepção de bem-estar financeiro).

Após a estimação da regressão linear, analisa-se o R^2 , ou o coeficiente de determinação múltiplo, o qual é utilizado para mensurar o quanto a linha de regressão amostral se ajusta aos dados obtidos. Assim, o R^2 tem por função indicar o quanto as variáveis independentes explicam a variável dependente. Segundo Gujarati e Porter (2011), com limites entre 0 e 1 ($0 \leq R^2 \leq 1$), quando R^2 for igual a 1, tem-se um ajustamento perfeito do modelo, em outras palavras, a regressão ajustada explica 100% do fenômeno, ou seja, da variável dependente.

A fim de identificar os pressupostos de normalidade, autocorrelação, multicolinearidade e homocedasticidade do modelo, utiliza-se os testes Kolmogorov-Smirnov (KS), Durbin Watson (DW), Fator de Inflação (FIV) e Pesarán-Pesarán, respectivamente.

Para verificar a normalidade do erro, será utilizado o teste KS sob a hipótese nula de que a distribuição da série testada é normal. Para Malhotra (2011), o KS constitui-se em um teste não-paramétrico de aderência para uma amostra, comparando a distribuição cumulativa de uma variável com uma distribuição especificada. Corrar, Paulo e Filho (2007) afirmam que o objetivo é aceitar a hipótese nula, sendo que esse fato ocorre sempre que o valor de significância for maior que 0,05. A autocorrelação, por sua vez, é testada através do teste de DW, que segundo Gujarati e Porter (2011) se constitui no teste mais adequado para identificar a presença de correlação serial.

Com o intuito de se verificar a premissa de multicolinearidade das variáveis, aplica-se o teste FIV. Para Gujarati e Porter (2011), quanto maior for o valor de FIV, mais colinear é a variável. E, por fim, para testar a homocedasticidade, realiza-se o teste de Pesarán-Pesarán, que segundo Corrar, Paulo e Filho (2007), tem por função verificar se a variância do resíduo se mantém constante.

A Figura 07 apresenta uma síntese das técnicas de análise de dados.

FASE DA ANÁLISE DE DADOS	TÉCNICAS ESTATÍSTICAS	FINALIDADE	OBJETIVO ESPECÍFICO
ESTATÍSTICA DESCRITIVA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Frequência 	Traçar e compreender o perfil dos respondentes.	Identificar os fatores comportamentais que influenciam no bem-estar financeiro.
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Média ▪ Mediana ▪ Desvio Padrão 	Compreender o comportamento, atitude e percepção dos respondentes em relação aos construtos pesquisados.	
INFERÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Teste <i>t</i> (para dois grupos) ▪ Análise da variância (para mais de dois grupos) 	Avaliar a diferença de média entre os grupos, se consideradas as variáveis socioeconômicas, demográficas e culturais.	Avaliar a influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro e sobre os fatores comportamentais.
ESTATÍSTICA MULTIVARIADA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise Fatorial <ul style="list-style-type: none"> ➢ Teste de esfericidade de Barlett e o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO); ➢ Método dos componentes principais; ➢ Método dos autovalores superiores a um; ➢ <i>Alpha de Cronbach</i>; ➢ Método de rotação varimax normalizado. 	Analisar a estrutura de inter-relações ou covariâncias existentes entre as variáveis, definindo os fatores.	Identificar os fatores comportamentais que influenciam no bem-estar financeiro.
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Regressão Linear <ul style="list-style-type: none"> ➢ R², ou o coeficiente de determinação múltiplo; ➢ Teste Kolmogorov-Smirnov (KS) (normalidade); ➢ Teste Durbin Watson (DW) (autocorrelação); ➢ Teste fator de inflação (FIV) (multicolinearidade); ➢ Teste Pesarán-Pesarán (homocedasticidade). 	Verificar a influência de cada fator no construto bem-estar financeiro.	Analisar a influência dos fatores comportamentais no bem-estar financeiro.

Figura 7 – Resumo das técnicas de análise de dados.

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

3.6 Comitê de ética

Hair et al. (2005) afirmam, em linhas gerais, que os pesquisadores em administração possuem diversas obrigações éticas importantes, tais como: comunicação eficaz com os participantes da pesquisa, utilização do instrumento adequado para a coleta de dados, tratamento dos participantes de modo justo e garantia da privacidade dos respondentes.

O projeto de pesquisa foi registrado no Gabinete de Projetos (GAP) do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), através do Sistema de Informação para o Ensino (SIE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Posteriormente, o projeto foi submetido ao Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (SISNEP), que tem por principal função garantir a proteção dos direitos dos sujeitos da pesquisa.

O processo de submissão ao SISNEP foi realizado através do site Plataforma Brasil, base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos. Posteriormente à submissão, o projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UFSM. Assim, o número do registro do presente trabalho é 13265013.3.0000.5346.

Destaca-se que somente após o cumprimento de todos os trâmites e aprovação do projeto iniciou-se o processo de coleta de dados. Para cumprir com as exigências impostas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) foi entregue juntamente com o questionário o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Dessa forma, apenas participaram da pesquisa os sujeitos que, após a leitura do Termo, concordaram, de forma livre e esclarecida, a responder à pesquisa. O Termo de Consentimento foi elaborado em duas vias (devendo ser assinado pelo participante em cada uma das vias), sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa e a outra arquivada pelo pesquisador.

Em conformidade com a resolução supracitada, o Termo de Consentimento garante entre outras coisas, o esclarecimento, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia utilizada; a liberdade para desistir de participar da pesquisa, em qualquer uma das etapas, sem nenhum tipo de penalização ou prejuízo; indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa e; o sigilo quanto aos dados divulgados a fim de manter a privacidade do respondente.

A privacidade dos respondentes e a garantia de utilização dos dados única e exclusivamente para execução desta pesquisa são asseguradas mediante o Termo de

Confidencialidade, Privacidade e Segurança dos Dados (Apêndice C), o qual foi assinado pela coordenadora da pesquisa e entregue a cada um dos participantes.

Os resultados da pesquisa, decorrentes do levantamento e análise dos dados, serão divulgados em eventos e periódicos científicos, sendo também disponibilizados, em sua versão completa, na página do Programa de Pós Graduação em Administração (PPGA) da UFSM.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo é composto por cinco partes. Inicialmente, apresentam-se as estatísticas descritivas referentes ao perfil da amostra estudada, notadamente em relação às variáveis socioeconômicas e demográficas: gênero, estado civil, filhos, grau de escolaridade, raça, ascendência, ocupação, idade e renda. Na segunda parte, são demonstradas as estatísticas descritivas dos construtos analisados: bem-estar financeiro, compras compulsivas, materialismo, comportamento financeiro e atitude financeira, bem como, apresenta-se o índice de conhecimento financeiro: básico, avançado e total. No terceiro bloco, realizam-se as análises fatoriais dos construtos da pesquisa, demonstrando os fatores obtidos. Analisa-se, na quarta parte, a influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos em relação a cada fator. E, por fim, no quinto item, propõe-se uma alternativa de análise do bem-estar financeiro, através da análise de regressão, utilizando-se os fatores identificados nesta pesquisa.

4.1 Perfil da amostra

Esta pesquisa foi realizada com uma amostra de 629 respondentes em São Luís, Maranhão. O perfil dos indivíduos, conforme as variáveis: gênero, estado civil, filhos, grau de escolaridade, raça, ascendência, ocupação, idade e renda, pode ser visualizado na Tabela 01.

Tabela 1 – Perfil dos respondentes segundo as variáveis: gênero, estado civil, filhos, grau de escolaridade, raça, ascendência, ocupação, idade e renda.

VARIÁVEL	ALTERNATIVAS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL ³
Gênero	Masculino	245	40,2
	Feminino	365	59,8
Estado civil	Solteiro (a)	387	63,2
	Casado (a)	184	30,1
	Separado (a)	31	5,1
	Viúvo (a)	10	1,6
Filhos	Não	414	67,6
	01	89	45,2
	02	65	33,0
	03 ou mais	43	21,8
Grau de escolaridade	Ensino Fundamental	23	3,8
	Ensino Médio	135	22,1
	Ensino Superior	222	36,4
	Curso Técnico	39	6,4
	Especialização ou MBA	133	21,8
	Mestrado	47	7,7
Raça	Doutorado	11	1,8
	Branca	229	37,7
	Negra	114	18,8
	Amarela ou oriental	06	1,0
	Parda	251	41,4
	Indígena	05	0,8
Ascendência	Outra	02	0,3
	Brasileira	543	89,3
	Italiana	9	1,5
	Japonesa	1	0,2
	Portuguesa	16	2,6
	Não sei	20	3,3
Ocupação	Outra	19	3,1
	Funcionário público (a)	226	37,4
	Autônomo (a)	66	10,9
	Profissional liberal	20	3,3
	Empregado (a) assalariado (a)	152	25,2
	Agricultor (a)	1	0,2
	Aposentado	17	2,8
	Não trabalha	50	8,3
Idade	Outro	72	11,9
	Até 25	178	28,3
	De 26 a 30 anos	153	24,3
	De 31 a 38 anos	134	21,3
Renda	Maior que 38 anos	164	26,1
	Até R\$ 1.000,00	158	25,1
	De R\$ 1.000,01 a R\$ 2.000,00	143	22,7
	De R\$ 2.000,01 a R\$ 4.000,00	150	23,8
	Maior que R\$ 4.000,00	178	28,3

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

³ Os percentuais considerados correspondem ao percentual válido de respondentes. Caso algum respondente não tenha respondido, o percentual é automaticamente ajustado ao total.

Com base nos resultados da Tabela 01, é perceptível que a maioria dos respondentes pertence ao gênero feminino (59,8%), sendo grande parte solteiro(a) (63,2%). Constatou-se que a maioria não possui filhos (67,6%). Dos respondentes que possuem filhos, 45,2% possuem um filho, 33,0% possuem dois filhos e 21,8% possuem mais de dois filhos. Sobre o grau de escolaridade, 22,1% possuem Ensino Médio, 36,4% possuem Ensino Superior e 21,8% possuem Especialização ou MBA. Em relação à variável raça, 41,4% declaram-se como pardos, 37,7% como brancos e 18,8% como negros. Destaca-se ainda que 89,3% são de ascendência brasileira. A ocupação demonstra que 37,4% são funcionários públicos e 25,2% são empregados assalariados. A média da idade é de 33 anos, sendo que aproximadamente 80% dos respondentes possuem até 41 anos. Com relação à renda, a média foi de R\$ 3.469,84, sendo que 15,4% da amostra recebem até um salário mínimo.

Analisando-se os resultados do perfil amostral comparativamente aos dados do Censo Demográfico do IBGE, ano 2010, verifica-se que a população residente de São Luís - MA na faixa etária de 30 a 39 anos corresponde a aproximadamente 17% do total. As mulheres correspondem a 53,19% do total de residentes, e os homens representam 46,81% da população. Do total de ocupados, aproximadamente 44% da população residente, 3,54% declaram-se pardos e são militares e funcionários públicos estatutários, e aproximadamente 23% são pardos e são empregados com carteira de trabalho assinada. De forma similar, os declarados brancos representam aproximadamente 3% de militares e funcionários públicos estatutários. Já em relação aos empregados com carteira assinada, representam aproximadamente 13%. Os declarados negros representam aproximadamente 1% dos militares e funcionários públicos e 7% dos empregados com carteira assinada. No que diz respeito ao grau de escolaridade, 31,66% da população possuem ensino médio completo e 8,31% possuem ensino superior completo. Ressalta-se que em decorrência da complexidade do instrumento de pesquisa utilizado, trata-se da população-alvo deste estudo. O valor do rendimento nominal médio das pessoas com ensino médio completo é de R\$ 1.145,69 e da população com ensino superior completo é de R\$ 3.917,99, valores similares aos obtidos nesta pesquisa.

4.2 Estatística descritiva dos construtos

Após conhecer o perfil dos respondentes, o estudo buscou analisar os resultados dos fatores comportamentais: bem-estar financeiro, compras compulsivas, materialismo, comportamento financeiro, atitude financeira e conhecimento financeiro.

A primeira escala do tipo *likert* utilizada no instrumento de coleta de dados buscou analisar o bem-estar financeiro. A escala é formada por cinco pontos (1 = discordo totalmente, 2 = discordo, 3 = indiferente, 4 = concordo e 5 = concordo totalmente). Ressalta-se que as variáveis são baseadas no estudo de Norvilitis, Szablicki e Wilson (2003), composta por oito questões. As questões da escala e a estatística descritiva (média, mediana e desvio padrão) estão demonstradas na Tabela 02 e o percentual válido na Tabela 03.

Tabela 2 – Estatística descritiva da escala de bem-estar financeiro.

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
01. Sinto-me desconfortável com a quantia que devo.	2,935	3,000	1,318
02. Preocupo-me constantemente com o pagamento de minhas dívidas.	3,934	4,000	1,156
03. Sinto-me financeiramente satisfeito.	2,730	2,000	1,077
04. Acredito que estou em uma boa situação financeira.	2,725	2,000	1,104
05. Penso muito em minhas dívidas.	3,304	4,000	1,235
06. Tenho tido discussões com outras pessoas (pais, amigos, esposo(a), outros) devido as minhas dívidas.	2,105	2,000	1,133
07. Daqui a um ano pretendo não ter dívidas de cartão de crédito.	3,488	4,000	1,252
08. Daqui a cinco anos pretendo não ter dívidas de cartão de crédito.	3,536	4,000	1,273

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Tabela 3 – Percentual válido da escala de bem-estar financeiro.

Variável	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
01. Sinto-me desconfortável com a quantia que devo.	16,4	26,7	17,8	24,9	14,1
02. Preocupo-me constantemente com o pagamento de minhas dívidas.	7,0	6,8	8,0	42,3	35,9
03. Sinto-me financeiramente satisfeito.	8,0	44,9	19,6	21,2	6,3
04. Acredito que estou em uma boa situação financeira.	10,4	42,4	16,7	25,5	5,0
05. Penso muito em minhas dívidas.	11,5	16,5	16,9	40,5	14,7
06. Tenho tido discussões com outras pessoas (pais, amigos, esposo(a), outros) devido as minhas dívidas.	38,8	28,8	19,1	9,7	3,6
07. Daqui a um ano pretendo não ter dívidas de cartão de crédito.	9,9	11,2	23,8	30,2	24,8
08. Daqui a cinco anos pretendo não ter dívidas de cartão de crédito.	9,8	10,8	24,1	26,9	28,4

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

É perceptível em relação ao construto bem-estar financeiro que “Sinto-me desconfortável com a quantia que devo” apresenta um valor mediano (média 2,935). Analisando-se o percentual válido da escala de bem-estar financeiro, Tabela 03, evidencia-se o equilíbrio das respostas, já que os percentuais válidos de “discordo totalmente” e de “concordo totalmente” são de 16,4% e 14,1%, respectivamente. Outrossim, os percentuais

válidos de “discordo” e de “concordo” são de 26,7% e 24,9%, respectivamente, demonstrando uma ampla dispersão de respostas para esta questão.

No entanto, a variável “Preocupo-me constantemente com o pagamento de minhas dívidas” (média 3,934) apresenta valores mais elevados, com a maioria dos respondentes nas escalas de “concordo”, com 42,3% e “concordo totalmente”, com 35,9%, em um total de 78,2% de concordância.

As variáveis “Sinto-me financeiramente satisfeito” (média 2,730) e “Acredito que estou em uma boa situação financeira” (média 2,725) apresentam resultados similares, ficando abaixo da média da escala do tipo *likert*. Assim, analisando-se os percentuais válidos, verifica-se uma predominância das respostas no item “discordo”, com 44,9% para a variável “Sinto-me financeiramente satisfeito” e 42,4% para a variável “Acredito que estou em uma boa situação financeira”. Ainda, os percentuais de “discordo totalmente” são: 8,0% e 10,4%, respectivamente. Ressalta-se assim, que 52,9% e 52,8% concentraram-se nos itens que demonstram discordância com a situação financeira.

A variável “Penso muito em minhas dívidas” (média 3,304) apresenta resultados que demonstram uma concentração na concordância (55,2%). No que diz respeito à variável “Tenho tido discussões com outras pessoas (pais, amigos, esposo(a), outros) devido as minhas dívidas” (média 2,105, mediana 2,000) com um percentual válido de 38,8% de “discordo totalmente” e de 28,8% de “discordo” em um total de discordância de 67,6%.

As variáveis “Daqui a um ano pretendo não ter dívidas de cartão de crédito” (média 3,488) e “Daqui a cinco anos pretendo não ter dívidas de cartão de crédito” (média 3,536, mediana 4,000) apresentam resultados concentrados na área da “concordância”.

De maneira geral, os entrevistados pensam e se preocupam com as dívidas, não estão satisfeitos com a situação financeira atual e acreditam que no futuro não terão dívidas no cartão de crédito.

O próximo construto analisado é o compras compulsivas que foi investigado através de uma escala do tipo *likert*, tendo como parâmetro os estudos de Faber e O’Guinn (1992) e adaptada e aplicada no Brasil por Leite et al. (2011). As questões da escala e a estatística descritiva (média, mediana e desvio padrão) estão demonstradas na Tabela 04. A Tabela 05 representa a frequência de respostas em cada ponto da escala.

Tabela 4 – Estatística descritiva da escala de compras compulsivas.

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
09. Se sobra algum dinheiro no fim do mês, tenho que gastá-lo.	2,310	2,000	1,232
10. Sinto que os outros poderiam ficar horrorizados se soubessem dos meus hábitos de compra.	1,788	1,000	1,063
11. Já emiti cheques para comprar coisas mesmo sabendo que não havia dinheiro no banco para cobri-lo.	1,244	1,000	0,649
12. Compro coisas apesar de não conseguir pagar por elas.	1,434	1,000	0,792
13. Compro coisas para me sentir melhor comigo mesmo.	2,119	2,000	1,196
14. Sinto-me ansioso ou nervoso nos dias que não vou às compras.	1,495	1,000	0,880
15. Nos últimos 12 meses, paguei somente a fatura mínima exigida do cartão de crédito.	1,580	1,000	0,961

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Tabela 5 – Percentual válido da escala de compras compulsivas.

Variável	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre	Sempre
09. Se sobra algum dinheiro no fim do mês, tenho que gastá-lo.	35,6	21,4	25,5	11,6	6,0
10. Sinto que os outros poderiam ficar horrorizados se soubessem dos meus hábitos de compra.	54,9	22,4	15,0	4,4	3,3
11. Já emiti cheques para comprar coisas mesmo sabendo que não havia dinheiro no banco para cobri-lo.	83,8	10,7	3,9	0,7	1,0
12. Compro coisas apesar de não conseguir pagar por elas.	71,0	18,5	7,2	2,6	0,7
13. Compro coisas para me sentir melhor comigo mesmo.	45,8	12,8	29,0	8,5	3,9
14. Sinto-me ansioso ou nervoso nos dias que não vou às compras.	69,6	16,5	10,5	1,6	1,8
15. Nos últimos 12 meses, paguei somente a fatura mínima exigida do cartão de crédito.	66,0	18,2	9,6	4,5	1,8

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Analisando-se a Tabela 04 sobre o construto compras compulsivas, verifica-se uma média tendendo para as respostas “nunca” e “quase nunca” da escala utilizada. Assim, demonstra-se que a amostra apresenta um baixo grau de compulsividade ao realizar suas compras. Ou seja, a média fica abaixo do “3” ou “às vezes” na escala do tipo *Likert*, tendo a variável “Se sobra algum dinheiro no fim do mês, tenho que gastá-lo” a maior média (2,310) e a “Já emiti cheques para comprar coisas mesmo sabendo que não havia dinheiro no banco para cobri-lo” a menor média (1,244). Destaca-se ainda que todas as variáveis apresentaram um percentual maior que 50% nos itens “nunca” e “quase nunca” ao se analisar a Tabela 05.

A amostra estudada demonstra que não possui hábitos de compra que poderiam despertar sentimentos de constrangimento/horror de outras pessoas, que não realiza compras quando não dispõe de recursos para o pagamento, que não possui sentimentos de ansiedade ou nervosismo quando não efetua compras, bem como, em relação ao cartão de crédito, não pagou apenas a fatura mínima nos últimos doze meses. Dessa forma, tendo como parâmetro esses aspectos, evidencia-se que de forma geral os respondentes da pesquisa não se enquadram em compradores caracterizados pelo comportamento compulsivo. De forma similar, na pesquisa de Koram et al. (2006), em uma amostra de 2.513 indivíduos nos Estados Unidos, utilizando a escala original de Faber e O' Guinn (1992) com dezesseis variáveis, obteve-se um percentual total de 5,8% de indivíduos considerados compradores compulsivos. Outrossim, no estudo de Pham, Yap e Dowling (2012) um percentual de 8,5% da amostra apresentou comportamento de compras compulsivas.

Em sequência, o construto materialismo foi analisado tendo como parâmetro a estatística descritiva da Tabela 06, sendo construído em escala do tipo *likert* de cinco pontos e tomando como base a pesquisa de Richins e Dawson (1992), aplicada, em âmbito brasileiro, por Moura (2005), composta por 09 questões. A Tabela 06 apresenta a estatística descritiva e a Tabela 07 demonstra o percentual válido do construto materialismo com a frequência de cada ponto respondido na escala.

Tabela 6 – Estatística descritiva da escala de materialismo.

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
16. Admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras.	2,925	3,000	1,183
17. Gosto de gastar dinheiro com coisas caras.	2,352	2,000	1,125
18. Minha vida seria muito melhor se eu tivesse muitas coisas que não tenho.	2,791	3,000	1,192
19. Comprar coisas me dá muito prazer.	3,060	3,000	1,159
20. Ficaria muito mais feliz se pudesse comprar mais coisas.	3,097	3,000	1,203
21. Gosto de possuir coisas que impressionam as pessoas.	2,186	2,000	1,112
22. Gosto de muito luxo em minha vida.	2,198	2,000	1,112
23. Fico incomodado(a) quando não posso comprar tudo que quero.	2,454	2,000	1,164
24. Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	1,792	1,000	1,056

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Tabela 7 – Percentual válido da escala de materialismo.

Variável	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
16. Admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras.	15,2	18,9	33,4	23,1	9,3
17. Gosto de gastar dinheiro com coisas caras.	24,3	37,9	22,0	10,1	5,8
18. Minha vida seria muito melhor se eu tivesse muitas coisas que não tenho.	15,0	30,0	24,5	21,9	8,6
19. Comprar coisas me dá muito prazer.	12,1	19,4	27,6	32,3	8,6
20. Ficaria muito mais feliz se pudesse comprar mais coisas.	12,4	20,3	22,9	34,0	10,4
21. Gosto de possuir coisas que impressionam as pessoas.	33,5	31,0	23,0	8,4	4,1
22. Gosto de muito luxo em minha vida.	32,3	32,9	21,6	9,0	4,2
23. Fico incomodado(a) quando não posso comprar tudo que quero.	24,3	32,6	20,7	18,1	4,3
24. Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	52,2	28,8	9,9	5,6	3,5

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Analisando-se o construto materialismo, a variável “Admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras” apresenta valores próximos do centro na escala utilizada de 5 pontos (média 2,925, mediana 3,000). Assim, de acordo com a Tabela 07, o percentual total de discordância foi de 34,1% e o percentual de concordância foi em um total de 32,4% demonstrando um equilíbrio em relação a variável e a característica de “ser materialista”. Ressalta-se, um número expressivo no item “indiferente” em um percentual de 33,4%.

Ao se avaliar a variável “Gosto de gastar dinheiro com coisas caras” (média 2,352, mediana 2,000) observa-se uma predominância de negativa de materialismo em um percentual total de 62,2% (discordo totalmente: 24,3%, discordo: 37,9%). A variável “Minha vida seria muito melhor se eu tivesse muitas coisas que não tenho” (média 2,791, mediana 3,000) também apresenta valores com tendência à negativa de ser materialista, apresentando a discordância um total de 45,0%, conforme a Tabela 07.

Em contrapartida, a análise da variável “Comprar coisas me dá muito prazer” (média 3,060, mediana 3,000) demonstra um nível de materialismo mais elevado com predominância do item de concordância em um total de 40,9%. Igualmente, a questão “Ficaria muito mais feliz se pudesse comprar mais coisas.” (média 3,097, mediana 3,000) apresenta um nível mais elevado de materialismo em um total de 44,4%.

A variável “Gosto de possuir coisas que impressionam as pessoas” (média 2,186, mediana 2,000) e a “Gosto de muito luxo em minha vida” (média 2,198, mediana 2,000) concentram-se na área da discordância ou de níveis inferiores de materialismo em um percentual total de 64,5% e 65,2%, respectivamente.

A variável “Fico incomodado (a) quando não posso comprar tudo que quero” (média 2,454, mediana 2,000) também demonstra níveis mais baixos de materialismo, já que as respostas concentram-se na área da discordância em um percentual total de 56,9% (discordo totalmente: 24,3%, discordo: 32,6%).

Analisando-se a variável “Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida” (média 1,792, mediana 1,000) é identificado um nível baixo de materialismo em um total de 81% (discordo totalmente: 52,2%, discordo: 28,8%).

Em síntese, na amostra pesquisada foram observados níveis baixos de materialismo, já que para a maioria das questões a mediana é igual ou inferior a 2 e para nenhuma das questões a média é superior a três.

O construto comportamento financeiro, na sequência, foi analisado tendo como parâmetro a estatística descritiva da Tabela 08 e tomando como base a pesquisa de Matta (2007), composta por vinte questões. A Tabela 09 demonstra o percentual válido do construto com a frequência de cada ponto respondido na escala.

Tabela 8 – Estatística descritiva da escala de comportamento financeiro.

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
25. Preocupo-me em gerenciar da melhor forma o meu dinheiro.	4,229	4,000	0,802
26. Anoto e controlo os meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).	3,570	4,000	1,207
27. Estabeleço metas financeiras de longo prazo que influenciam na administração de minhas finanças (ex.: poupar uma quantia “X” em 1 ano).	3,277	3,000	1,223
28. Sigo um orçamento ou plano de gastos semanal ou mensal.	3,236	3,000	1,192
29. Fico mais de um mês sem fazer o balanço dos meus gastos.	2,591	3,000	1,223
30. Estou satisfeita(o) com o sistema de controle de minhas finanças.	3,340	4,000	1,191
31. Pago minhas contas sem atraso.	3,988	4,000	1,101
32. Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto a crédito.	3,525	4,000	1,208
33. Tenho utilizado cartões de crédito e cheque especial por não possuir dinheiro disponível para as despesas.	2,182	2,000	1,138
34. Ao comprar a prazo, comparo as opções de crédito disponíveis.	3,627	4,000	1,190
35. Comprometo mais de 10% da minha renda mensal com compras a crédito (exceto financiamento de imóvel e carro).	3,510	4,000	1,175
36. Confiro a fatura dos cartões de crédito para averiguar erros e cobranças indevidas.	4,011	4,000	1,208
37. Poupo mensalmente.	3,298	3,000	1,144
38. Poupo visando à compra de um produto mais caro (ex.: carro).	3,065	3,000	1,261
39. Posso uma reserva financeira maior ou igual a 3 vezes a minha renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex.: desemprego).	2,589	2,000	1,408
40. Comparo preços ao fazer uma compra.	4,066	4,000	1,044
41. Analiso minhas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra.	3,985	4,000	1,117
42. Compro por impulso.	2,293	2,000	1,010
43. Prefiro comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo à vista.	2,805	3,000	1,046
44. Sempre pago o(s) meu(s) cartão(ões) de crédito na data de vencimento para evitar a cobrança de juros.	4,300	5,000	0,995

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Tabela 9 – Percentual válido da escala de comportamento financeiro.

Variável	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre	Sempre
25. Preocupo-me em gerenciar da melhor forma o meu dinheiro.	0,7	2,1	12,9	42,2	42,1
26. Anoto e controlo os meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).	7,2	10,6	28,4	25,5	28,3
27. Estabeleço metas financeiras de longo prazo que influenciam na administração de minhas finanças (ex.: poupar uma quantia “X” em 1 ano).	11,1	13,3	30,4	27,2	18,0
28. Sigo um orçamento ou plano de gastos semanal ou mensal.	10,4	15,0	31,1	27,7	15,8
29. Fico mais de um mês sem fazer o balanço dos meus gastos.	24,6	22,4	29,5	16,2	7,3
30. Estou satisfeita(o) com o sistema de controle de minhas finanças.	10,2	12,9	25,6	35,3	16,0
31. Pago minhas contas sem atraso.	4,7	4,7	19,1	30,3	41,3
32. Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto a crédito.	8,5	9,7	27,7	29,0	25,1
33. Tenho utilizado cartões de crédito e cheque especial por não possuir dinheiro disponível para as despesas.	36,5	26,2	23,2	10,8	3,3
34. Ao comprar a prazo, comparo as opções de crédito disponíveis.	7,5	7,3	29,7	26,2	29,4
35. Comprometo mais de 10% da minha renda mensal com compras a crédito (exceto financiamento de imóvel e carro).	8,4	10,3	24,3	36,1	21,0
36. Confiro a fatura dos cartões de crédito para averiguar erros e cobranças indevidas.	4,6	9,9	15,1	20,7	49,8
37. Poupo mensalmente.	7,1	16,2	33,6	25,8	17,2
38. Poupo visando à compra de um produto mais caro (ex.: carro).	13,0	21,1	28,6	21,0	16,3
39. Possuo uma reserva financeira maior ou igual a 3 vezes a minha renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex.: desemprego).	29,7	24,6	17,4	13,9	14,4
40. Comparo preços ao fazer uma compra.	2,3	5,8	19,9	26,7	45,2
41. Analiso minhas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra.	3,3	8,0	19,4	25,5	43,8
42. Compró por impulso.	27,3	26,7	38,1	5,3	2,6
43. Prefiro comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo à vista.	14,6	18,2	43,9	19,0	4,4
44. Sempre pago o(s) meu(s) cartão(ões) de crédito na data de vencimento para evitar a cobrança de juros.	3,3	5,1	4,1	33,6	54,0

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Conforme a Tabela 09 identifica-se que as variáveis: “Preocupo-me em gerenciar da melhor forma o meu dinheiro” (média 4,229), “Confiro a fatura dos cartões de crédito para averiguar erros e cobranças indevidas” (média 4,011), “Comparo preços ao fazer uma compra” (média 4,066) e “Sempre pago o(s) meu(s) cartão(ões) de crédito na data de vencimento para evitar a cobrança de juros” (média 4,300) apresentam valores superiores a

quatro, relativos ao comportamento de “quase sempre/sempré” na escala, demonstrando hábitos financeiros positivos/funcionais.

As variáveis “Anoto e controlo os meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais)” (média 3,570), “Estabeleço metas financeiras de longo prazo que influenciam na administração de minhas finanças (ex.: poupar uma quantia “X” em 1 ano)” (média 3,277), “Sigo um orçamento ou plano de gastos semanal ou mensal” (média 3,236), “Estou satisfeita(o) com o sistema de controle de minhas finanças” (média 3,340), “Pago minhas contas sem atraso” (média 3,988), “Consigno identificar os custos que pago ao comprar um produto a crédito” (média 3,525), “Ao comprar a prazo, comparo as opções de crédito disponíveis” (média 3,627), “Poupo mensalmente” (média 3,298), “Poupo visando à compra de um produto mais caro (ex.: carro)” (média 3,065) e “Analiso minhas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra” (média 3,985), possuem médias acima de três e inferior a quatro, representando uma tendência a um comportamento positivo em relação às finanças pessoais, já que as ocorre um deslocamento da zona de neutralidade em direção à área de “quase sempre/sempré”.

Embora as variáveis: “Fico mais de um mês sem fazer o balanço dos meus gastos” (média 2,591), “Tenho utilizado cartões de crédito e cheque especial por não possuir dinheiro disponível para as despesas” (média 2,182), “Compro por impulso” (média 2,293) e “Prefiro comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo à vista” (média 2,805), conforme Tabela 08, demonstrem valores médios inferiores a três, elas determinam um comportamento positivo/funcional em relação às finanças pessoais, já que se constituem em questões reversas e o fato de se concentrarem na zona do “nunca/quase nunca” significa um comportamento financeiro satisfatório.

Destaca-se a variável “Comprometo mais de 10% da minha renda mensal com compras a crédito (exceto financiamento de imóvel e carro)” (média 3,510) que se constitui em uma variável reversa, e, portanto, como possui valores acima de três materializa um comportamento financeiro com tendências à disfuncionalidade. Corroborando, a Tabela 09, demonstra um percentual válido concentrado na área do comportamento financeiro negativo “quase sempre/sempré” (variável reversa) em valores superiores a 50%.

No mesmo sentido, a variável “Possuo uma reserva financeira maior ou igual a 3 vezes a minha renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex.: desemprego)” (média 2,589) representa um comportamento financeiro negativo, pois possui um valor médio inferior à três. E, a Tabela 09 apresenta que a variável concentra o percentual válido de respostas na zona do comportamento negativo “nunca/quase nunca” em um percentual superior a 50%.

Ainda, ao se analisar a Tabela 09, destaca-se as variáveis 25, 31, 36, 40 e 44 apresentam na zona de comportamento positivo “quase sempre/sempre” percentuais válidos superiores a 70%. As variáveis 26, 32 e 34 também apresentam um comportamento positivo, estando na área supracitada em percentuais de aproximadamente 50%.

Dessa forma, no geral, a amostra pesquisada apresenta um comportamento financeiro positivo/funcional, sendo que das vinte, apenas duas variáveis denotam um comportamento mais negativo.

O próximo passo é a análise do construto atitude financeira, sendo formado por uma escala do tipo *likert* de cinco pontos e baseado no estudo de Shockey (2002), sendo composta por nove questões. As questões da escala e a estatística descritiva (média, mediana e desvio padrão) estão demonstradas na Tabela 10 e o percentual válido na Tabela 11.

Tabela 10 – Estatística descritiva da escala de atitude financeira.

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
45. É importante controlar as despesas mensais.	4,587	5,000	0,783
46. É importante estabelecer metas financeiras para o futuro.	4,518	5,000	0,777
47. É importante poupar dinheiro mensalmente.	4,567	5,000	0,684
48. O modo como gerencio o dinheiro hoje irá afetar meu futuro.	4,270	5,000	1,034
49. É importante ter e seguir um plano de gastos mensal.	4,494	5,000	0,664
50. É importante pagar o saldo integral dos cartões de crédito mensalmente.	4,543	5,000	0,780
51. Ao comprar a prazo, é importante comparar as ofertas de crédito disponíveis.	4,415	5,000	0,782
52. É importante passar o mês dentro do orçamento.	4,618	5,000	0,599
53. É importante investir regularmente para atingir metas de longo prazo.	4,414	5,000	0,745

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Tabela 11 – Percentual válido da escala de atitude financeira.

Variável	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
45. É importante controlar as despesas mensais.	2,0	1,7	1,5	25,3	69,5
46. É importante estabelecer metas financeiras para o futuro.	1,6	1,5	3,4	30,4	63,1
47. É importante poupar dinheiro mensalmente.	1,0	1,0	2,3	31,9	63,9
48. O modo como gerencio o dinheiro hoje irá afetar meu futuro.	2,1	8,5	5,2	28,5	55,6
49. É importante ter e seguir um plano de gastos mensal.	0,3	1,5	3,1	38,6	56,5
50. É importante pagar o saldo integral dos cartões de crédito mensalmente.	0,5	3,8	3,6	25,2	66,9
51. Ao comprar a prazo, é importante comparar as ofertas de crédito disponíveis.	0,5	3,8	4,1	36,9	54,7
52. É importante passar o mês dentro do orçamento.	0,3	1,0	1,2	31,6	66,0
53. É importante investir regularmente para atingir metas de longo prazo.	0,7	0,8	9,2	35,2	54,2

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Ao se avaliar a Tabela 10 com a estatística descritiva do construto atitude financeira verifica-se que a média de todas as variáveis concentra-se depois do ponto quatro da escala do tipo *likert*, representando a área de concordância da escala: “concordo” e “concordo totalmente”, que desempenham um aspecto positivo em relação à atitude financeira do indivíduo. Sendo que a maior média foi da variável “É importante passar o mês dentro do orçamento” (média 4,618, mediana 5,000) e a menor média foi da variável “O modo como gerencio o dinheiro hoje irá afetar meu futuro” (média 4,270, mediana 5,000).

Destaca-se, que para todas as variáveis do construto analisado a maior frequência está no item “concordo totalmente” o que confirma a predominância de uma boa atitude financeira, conforme pode ser observado na Tabela 11.

Desenvolve-se, a seguir, o índice de conhecimento financeiro, tendo como parâmetro os critérios definidos por Rooij, Lusardi e Alessie (2011). Assim, o nível de conhecimento financeiro dos respondentes foi avaliado através da média da pontuação dos dois conjuntos de questões de múltipla escolha. O primeiro conjunto, conhecimento básico, é composto por três questões, visando mensurar as habilidades financeiras básicas, como o entendimento de questões relacionadas à inflação, taxa de juros compostos e o valor do dinheiro no tempo. O segundo grupo diz respeito às questões de conhecimento avançado, composto por cinco

questões. Neste grupo, busca-se explorar o nível de conhecimento em relação a instrumentos financeiros complexos, como ações, títulos públicos e diversificação de risco.

Assim, buscando-se avaliar o nível de conhecimento financeiro da amostra estudada foi realizada a estatística descritiva das variáveis relativas ao conhecimento financeiro: básico e avançado para identificação do percentual de respostas corretas, incorretas e dos que não souberam responder, conforme Tabela 12.

Tabela 12 – Percentual de respostas corretas, incorretas e não soube responder para as variáveis relativas ao conhecimento financeiro.

Fator	Variáveis	Resposta correta	Resposta incorreta	Não soube responder
Conhecimento financeiro básico	54. Suponha que você tenha R\$ 100,00 em uma conta poupança a uma taxa de juros de 10% ao ano. Depois de 5 anos, qual o valor que você terá na poupança?	45,2%	32,5%	22,3%
	55. Imagine que a taxa de juros incidente sobre sua conta poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação seja de 10% ao ano. Após 1 ano, o quanto você será capaz de comprar com o dinheiro dessa conta?	46,7%	12,3%	41,0%
	56. Suponha que José herde R\$ 10.000,00 hoje e Pedro herde R\$ 10.000,00 daqui a 3 anos. Devido à herança, quem ficará mais rico?	36,3%	28,2%	35,5%
Conhecimento financeiro avançado	57. Qual das seguintes afirmações descreve a principal função do mercado de ações?	48,7%	22,5%	28,8%
	58. Considerando-se um longo período de tempo (ex.: 10 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?	24,2%	41,4%	34,4%
	59. Quanto aos fundos de investimento, qual das seguintes afirmações está correta?	30,1%	14,1%	55,8%
	60. Normalmente, qual ativo apresenta as maiores oscilações ao longo do tempo?	62,2%	9,7%	28,1%
	61. Quando um investidor diversifica seu investimento entre diferentes ativos, faz o risco de perder dinheiro?	39,0%	24,3%	36,7%

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Analisando-se o nível de conhecimento financeiro básico, destaca-se que em nenhuma questão obteve-se um percentual de acerto superior a 60%, determinando conforme Chen e Volpe (1998) um baixo nível de conhecimento financeiro. Ressalta-se que um número

expressivo da amostra não soube responder às questões, em percentuais que variam de 22,3% a 41,0%.

Com relação às questões de conhecimento financeiro avançado, a variável “Normalmente, qual ativo apresenta as maiores oscilações ao longo do tempo?” apresentou um percentual de acerto de 62,2%, como o valor é acima de 60% é considerado por Chen e Volpe (1998) como sendo um nível mediano de conhecimento financeiro. No entanto, todas as outras questões apresentaram um nível abaixo de 60%, representando níveis baixos de conhecimento financeiro, sendo que os percentuais variam entre 24,2% e 48,7%. Outrossim, destaca-se um percentual expressivo de indivíduos que não souberam responder às questões, notadamente a variável “Quanto aos fundos de investimento, qual das seguintes afirmações está correta?” que apresentou um percentual de 55,8%.

Para uma melhor identificação do nível de conhecimento financeiro da amostra, desenvolveu-se o índice de conhecimento financeiro, apresentado na Tabela 13.

Tabela 13 – Estatística descritiva do conhecimento financeiro básico e avançado e do índice de conhecimento financeiro.

Fator	Média	Mediana	Desvio Padrão
Conhecimento básico	0,411	0,333	0,361
Conhecimento avançado	0,785	0,800	0,590
Índice de Conhecimento Financeiro (básico + avançado)	1,196	1,200	0,833

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Retomando o que já foi explicitado no método, o conhecimento financeiro foi construído da seguinte forma: para cada uma das questões de conhecimento básico foi atribuído o peso 0,333 para a resposta correta e para cada uma das cinco questões de conhecimento avançado foi atribuído peso 0,4. Dessa forma, o valor máximo das questões de conhecimento básico é de 1,0 ponto e a pontuação máxima de conhecimento avançado é de 2,0 pontos. Sendo, portanto, nesta escala, quanto maior a pontuação, maior o conhecimento financeiro.

Analisando-se a estatística descritiva do conhecimento básico, nota-se uma média de 0,411 em um nível máximo de 1,0 ponto, sendo, portanto, uma média baixa de acertos. Igualmente, o conhecimento avançado apresenta uma média baixa, sendo de 0,785 em um

nível máximo de 2,0 pontos. Dessa forma, em média os respondentes acertaram 41,12% das questões básicas e 39,23% das questões avançadas. Calculou-se assim o índice de conhecimento financeiro que apresentou a média de 1,196 em um nível máximo de 3,0 pontos. Ou seja, em média os respondentes acertaram 39,86% das oito questões de conhecimento financeiro propostas. Assim, é perceptível que o índice de conhecimento financeiro da amostra estudada é baixo, já que tendo como parâmetro Chen e Volpe (1998), em média os respondentes apresentam um percentual abaixo de 60% de acertos.

Destaca-se que o nível de conhecimento financeiro é investigado por outros autores e igualmente em outras amostras identificou-se níveis baixos de conhecimento financeiro (DISNEY, GATHERGOOD, 2010; LUSARDI, MITCHELL, 2006; LUSARDI, MITCHELL, CURTO, 2010; LUSARDI, TUFFANO, 2009; MATTA, 2007; ROOIJ, LUSARDI, ALESSIE, 2011).

Em seguida, foi realizada a análise fatorial dos construtos da pesquisa: bem-estar financeiro, compras compulsivas, materialismo, comportamento financeiro e atitude financeira.

4.3 Análise fatorial exploratória dos construtos

A análise fatorial exploratória foi realizada com o intuito de verificar a consistência interna e adequação ao referencial teórico dos construtos: bem-estar financeiro, compras compulsivas, materialismo, comportamento financeiro e atitude financeira.

Optou-se como método de extração dos fatores a análise dos componentes principais, como método de rotação a varimax normalizada e como critério de extração o autovalor superior a um. Ressalta-se que a manutenção de uma variável em um fator teve como parâmetro a comunalidade ou proporção de sua variância em relação às demais variáveis, sendo, portanto, necessário a comunalidade superior a 0,50 para que a variável fosse mantida na fatorial.

A confiabilidade dos fatores foi analisada tendo como parâmetro o *Alpha de Cronbach*, indicando o grau de consistência interna entre os múltiplos indicadores de um fator. De acordo com Hair et al. (2009) o *Alpha de Cronbach*, em uma análise fatorial exploratória, deve possuir um valor superior a 0,60.

A primeira análise fatorial refere-se ao construto bem-estar financeiro. Destaca-se que para a realização da técnica de análise fatorial as variáveis: “Sinto-me desconfortável com a quantia que devo”, “Preocupo-me constantemente com o pagamento de minhas dívidas” e “Penso muito em minhas dívidas” foram recodificadas no momento da análise, ou seja, como se constituem em variáveis reversas suas respostas foram invertidas.

Tendo como parâmetro a comunalidade superior a 0,50, excluiu-se a variável “Tenho tido discussões com outras pessoas (pais, amigos, esposo(a), outros) devido as minhas dívidas” com comunalidade 0,408. A medida KMO apresentou o valor de 0,60 e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($< 0,001$) indicando a fatorabilidade dos dados.

A Tabela 14 apresenta as variáveis que compõem cada fator, as respectivas cargas fatoriais e o *Alpha de Cronbach* dos fatores.

Tabela 14 – Fatores do bem-estar financeiro: situação financeira, futuro financeiro e auto-percepção de bem-estar financeiro.

VARIÁVEL	FATOR		
	situação financeira	futuro financeiro	auto-percepção de bem-estar financeiro
02. Preocupo-me constantemente com o pagamento de minhas dívidas.	0,801		
05. Penso muito em minhas dívidas.	0,783		
01. Sinto-me desconfortável com a quantia que devo.	0,761		
08. Daqui a cinco anos pretendo não ter dívidas de cartão de crédito		0,940	
07. Daqui a um ano pretendo não ter dívidas de cartão de crédito.		0,934	
03. Sinto-me financeiramente satisfeito.			0,926
04. Acredito que estou em uma boa situação financeira.			0,920
ALPHA DE CRONBACH	0,696	0,891	0,821

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Destaca-se que todos os fatores apresentaram cargas fatoriais satisfatórias, já que de acordo com Hair et al. (2009) as cargas fatoriais superiores a 0,30 são significativas, mantendo-se assim, todas as variáveis no estudo.

O construto bem-estar financeiro foi dividido em três fatores: situação financeira, futuro financeiro e auto-percepção de bem-estar financeiro. Destaca-se que os três fatores com autovalores superiores a um, em conjunto explicam 77,92% de toda a variância. Os três fatores apresentam confiabilidade satisfatória, conforme o *Alpha de Cronbach*, tendo valores de 0,696, 0,891 e 0,821, respectivamente.

Destaca-se que a escala original do bem-estar financeiro de Norvilitis, Szablicki e Wilson (2003) delineou uma bidimensionalidade de fatores, ou seja, a formação de dois fatores: um relacionado com as preocupações financeiras atuais e outro relacionado com as expectativas/futuro financeiro.

O fator situação financeira, que compreende as variáveis: “Sinto-me desconfortável com a quantia que devo”, “Preocupo-me constantemente com o pagamento de minhas dívidas” e “Penso muito em minhas dívidas”, que podem ser analisadas através de Shim et al. (2009) e de Leach, Hayhoe e Turner (1999). Shim et al. (2009) compreendem o bem-estar financeiro como o nível de endividamento e satisfação com a situação financeira. Outrossim, Leach, Hayhoe e Turner (1999) definem a insatisfação financeira como sendo resultado de alto endividamento e baixa renda. O fator futuro financeiro envolvendo as variáveis: “Daqui a um ano pretendo não ter dívidas de cartão de crédito” e “Daqui a cinco anos pretendo não ter dívidas de cartão de crédito”, representa a relação entre bem-estar financeiro e a questão da temporalidade das finanças pessoais. Porter e Garman (1993) analisam as experiências financeiras passadas e as projeções para os próximos cinco anos como determinantes de bem-estar financeiro. Os autores também afirmam que a perspectiva psicológica da vida de cada um que pode explicar as proporções de variância no estudo do bem-estar financeiro, sendo influenciado, portanto, pela percepção de cada um, ou seja, pela auto-percepção do bem-estar financeiro, que se constitui em um fator construído neste estudo pelas seguintes variáveis: “Sinto-me financeiramente satisfeito” e “Acredito que estou em uma boa situação financeira”.

Dessa forma, em síntese, o fator situação financeira representa a percepção dos entrevistados quanto à situação de suas dívidas. Enquanto o fator futuro financeiro representa a projeção futura quanto à situação do cartão de crédito. Já o fator auto-percepção de bem-estar financeiro está relacionado à satisfação/percepção do entrevistado quanto à sua situação financeira atual.

Em seguida, foi realizada a análise fatorial do construto compras compulsivas. Após a estimação inicial excluiu-se sucessivamente as variáveis com valores inferiores a 0,50 tendo como parâmetro as comunalidades. Excluindo-se as variáveis: “Se sobra algum dinheiro no fim do mês, tenho que gastá-lo” (0,347), “Nos últimos 12 meses, paguei somente a fatura

mínima exigida do cartão de crédito” (0,280), “Compro coisas para me sentir melhor comigo mesmo” (0,406) e “Sinto que os outros poderiam ficar horrorizados se soubessem dos meus hábitos de compra” (0,432). A medida KMO apresentou o valor de 0,670 e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($< 0,001$) indicando a fatorabilidade dos dados.

A Tabela 15 apresenta as variáveis que compõem o fator, as cargas fatoriais e o *Alpha de Cronbach*.

Tabela 15 – Fator compras compulsivas.

VARIÁVEL	FATOR COMPRAS COMPULSIVAS
12. Compro coisas apesar de não conseguir pagar por elas.	0,817
14. Sinto-me ansioso ou nervoso nos dias que não vou às compras.	0,785
11. Já emiti cheques para comprar coisas mesmo sabendo que não havia dinheiro no banco para cobri-lo.	0,777
ALPHA DE CRONBACH	0,698

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

A Tabela 15 demonstra que o construto original foi reduzido em um fator compras compulsivas, sendo composto por três variáveis: a “Compro coisas apesar de não conseguir pagar por elas”, a “Sinto-me ansioso ou nervoso nos dias que não vou às compras” e a “Já emiti cheques para comprar coisas mesmo sabendo que não havia dinheiro no banco para cobri-lo”. Ressalta-se que o fator com autovalor superior a um explica 63,00% de toda a variância. O *Alpha de Cronbach* do construto apresenta valor de 0,698, considerado confiável para estudos exploratórios, conforme Hair et al. (2009).

A escala original de Faber e O'Guinn (1992) apresentou um *Alpha de Cronbach* de 0,95. Em contrapartida, Kwak, Zinkhan e Crask (2003) no item revisão de literatura discorrem que não identificaram estudos cujos resultados se aproximassem do resultado encontrado pelo estudo original, com níveis variando entre 0,70 e 0,80, mas que são níveis aceitáveis. Destaca-se assim, tendo ainda como parâmetro os autores que a escala pode apresentar diferenças quando aplicada em culturas diferentes. Em pesquisa mais recentes, como por exemplo, Muller et al. (2011), em uma amostra de 410 estudantes de graduação da Alemanha e Bélgica, obteve-se um coeficiente *Alpha de Cronbach* da escala de Faber e O' Guinn (1992) de 0,75.

Ainda, na pesquisa de Pham, Yap e Dowling (2012), em uma amostra de 118 indivíduos na Austrália, a escala apresentou uma consistência interna de 0,78.

O fator compras compulsivas demonstra a associação entre o ato de comprar e a capacidade de pagamento das compras efetuadas, bem como o sentimento de nervosismo ou ansiedade vinculado às compras.

Em seguida, foi realizada a análise fatorial do construto materialismo. Destaca-se que embora a escala do materialismo apresente três dimensões (sucesso, centralidade e felicidade, aplicou-se o método da análise fatorial no construto como um todo, tendo como base Richins (2004) que determina que o construto mensura o materialismo em sua totalidade. Considerando-se assim, as nove variáveis para mensurar diretamente o construto materialismo.

Assim, após a rotação, excluiu-se sucessivamente as variáveis: “Admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras” (0,360), “Comprar coisas me dá muito prazer” (0,483) e “Gosto de gastar dinheiro com coisas caras” (0,492). A medida KMO apresentou o valor de 0,856 e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($< 0,001$), sendo adequados.

A Tabela 16 apresenta as variáveis que compõem o fator materialismo, as respectivas cargas fatoriais e o *Alpha de Cronbach*.

Tabela 16 – Fator materialismo.

VARIÁVEL	FATOR MATERIALISMO
21. Gosto de possuir coisas que impressionam as pessoas.	0,812
22. Gosto de muito luxo em minha vida.	0,807
23. Fico incomodado(a) quando não posso comprar tudo que quero.	0,780
20. Ficaria muito mais feliz se pudesse comprar mais coisas.	0,772
24. Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.	0,737
18. Minha vida seria muito melhor se eu tivesse muitas coisas que não tenho.	0,732
ALPHA DE CRONBACH	0,865

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

A Tabela 16 demonstra que o construto original foi reduzido em um fator materialismo, sendo composto por seis variáveis. O fator representa a importância de se possuir bens/coisas que impressionem as pessoas, a ênfase dada ao luxo na vida, o incômodo de não poder comprar tudo que se deseja, a felicidade em se comprar cada vez mais coisas, a

relevância do dinheiro na vida e a relação entre a posse de bens e o estágio de felicidade. Destaca-se que o fator explica 60,00% de toda a variância e o *Alpha de Cronbach* do construto apresenta valor de 0,865.

Em seguida, foi realizada a análise fatorial do construto comportamento financeiro. Destaca-se que para a realização da técnica de análise fatorial as variáveis: “Fico mais de um mês sem fazer o balanço dos meus gastos”, “Tenho utilizado cartões de crédito e cheque especial por não possuir dinheiro disponível para as despesas”, “Comprometo mais de 10% da minha renda mensal com compras a crédito (exceto financiamento de imóvel e carro)”, “Compro por impulso” e “Prefiro comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo à vista” foram recodificadas no momento da análise, ou seja, como se constituem em variáveis reversas a escala original foi invertida.

Excluíram-se sucessivamente quatro variáveis com comunalidades inferiores a 0,50: “Tenho utilizado cartões de crédito e cheque especial por não possuir dinheiro disponível para as despesas” (0,342), “Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto a crédito” (0,424), “Estou satisfeita(o) com o sistema de controle de minhas finanças” (0,468) e “Sempre pago o(s) meu(s) cartão(ões) de crédito na data de vencimento para evitar a cobrança de juros” (0,459). O KMO apresenta o valor de 0,830 e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($< 0,001$) indicando a fatorabilidade dos dados.

A Tabela 17 apresenta as variáveis que compõem cada fator, as respectivas cargas fatoriais e o *Alpha de Cronbach* dos fatores do comportamento financeiro.

Tabela 17 – Fatores do comportamento financeiro: orçamento financeiro pessoal, consumo planejado e investimento e poupança.

VARIÁVEL	FATOR			
	orçamento financeiro pessoal	consumo planejado	investimento e poupança	comportamento de compra
26. Anoto e controlo os meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).	0,842			
28. Sigo um orçamento ou plano de gastos semanal ou mensal.	0,771			
29. Fico mais de um mês sem fazer o balanço dos meus gastos.	0,695			
27. Estabeleço metas financeiras de longo prazo que influenciam na administração de minhas finanças (ex.: poupar uma quantia “X” em 1 ano).	0,573			
25. Preocupo-me em gerenciar da melhor forma o meu dinheiro.	0,490			
40. Comparo preços ao fazer uma compra.		0,833		
41. Analiso minhas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra.		0,731		
34. Ao comprar a prazo, comparo as opções de crédito disponíveis.		0,673		
36. Confiro a fatura dos cartões de crédito para averiguar erros e cobranças indevidas.		0,600		
38. Poupo visando à compra de um produto mais caro (ex.: carro).			0,820	
39. Possuo uma reserva financeira maior ou igual a 3 vezes a minha renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex.: desemprego).			0,803	
37. Poupo mensalmente.			0,782	
35. Comprometo mais de 10% da minha renda mensal com compras a crédito (exceto financiamento de imóvel e carro).				0,701
43. Prefiro comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo à vista.				0,660
42. Compro por impulso.				0,614
ALPHA DE CRONBACH	0,798	0,740	0,764	0,363

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

As variáveis originaram cinco fatores. No entanto, como o último fator foi representado por apenas uma variável: “Pago minhas contas sem atraso”, ele foi excluído do modelo.

Assim, o construto comportamento financeiro é composto por quatro fatores: orçamento financeiro pessoal, consumo planejado, investimento e poupança e comportamento de compra, explicando 57,05% de toda a variância.

No entanto, apenas os três primeiros fatores: apresentam confiabilidade satisfatória, conforme o *Alpha de Cronbach*, tendo valores de 0,798, 0,740 e 0,764, respectivamente. Assim, o fator comportamento de compra com *Alpha de Cronbach* de 0,363 foi excluído da análise.

Nomeou-se o primeiro fator como orçamento financeiro pessoal já que versa sobre o controle de gastos mensais através de orçamento ou plano, sobre a periodicidade do controle de gastos, sobre metas financeiras de longo prazo e sobre a preocupação de gerência satisfatória do dinheiro. Para a definição do fator, utilizou-se como parâmetro Matta (2007) que identificou, em sua pesquisa, o orçamento financeiro pessoal como sendo de grande interesse de conhecimento no que tange às finanças pessoais.

O segundo fator oriundo do construto comportamento financeiro foi intitulado de consumo planejado, tendo como base Matta (2007) ao definir o termo como sendo o tipo de consumo realizado em consonância com o planejamento, bem como vinculado às disponibilidades financeiras pessoais e às alternativas existentes no mercado, com o intuito de realizar a opção mais vantajosa. Dessa forma, o fator consumo planejado demonstra o comportamento de comparação de preços ao se realizar uma compra, a análise em profundidade das finanças antes de se comprar, a comparação de créditos disponíveis nas compras a prazo e a conferência das faturas de cartões de crédito para averiguar erros e cobranças indevidas.

Obteve-se, então o terceiro fator, denominado de investimento e poupança, sendo composto por variáveis vinculadas às questões de poupança, mas especificamente, sobre a poupança para a realização de compras de bens mais caros, a posse de reservas financeiras para emergências e o ato de poupar mensalmente. O fator foi assim intitulado tendo como parâmetro a pesquisa de Matta (2007) ao identificar nas demandas de informação sobre assuntos vinculados à educação financeira pessoal o item investimento e poupança como sendo o mais demandado pela amostra pesquisada.

Então, foi realizada a análise fatorial do construto atitude financeira. Após a rotação varimax, nenhuma variável foi excluída, já que todas possuem valores superiores a 0,50. Portanto, a escala original manteve-se em sua totalidade, com as nove variáveis. O KMO apresenta o valor de 0,824 e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($< 0,001$) indicando a fatorabilidade dos dados.

A Tabela 18 apresenta as variáveis que compõem cada fator do construto atitude financeira, as respectivas cargas fatoriais e o *Alpha de Cronbach* dos fatores.

Tabela 18 – Fatores da atitude financeira: atitude financeira de controle, atitude financeira de consciência de crédito e atitude financeira para o futuro.

VARIÁVEL	FATOR		
	atitude financeira de controle	atitude financeira de consciência de crédito	atitude financeira para o futuro
46. É importante estabelecer metas financeiras para o futuro.	0,843		
45. É importante controlar as despesas mensais.	0,813		
47. É importante poupar dinheiro mensalmente.	0,795		
50. É importante pagar o saldo integral dos cartões de crédito mensalmente.		0,842	
52. É importante passar o mês dentro do orçamento.		0,729	
51. Ao comprar a prazo, é importante comparar as ofertas de crédito disponíveis.		0,705	
48. O modo como gerencio o dinheiro hoje irá afetar meu futuro.			0,815
53. É importante investir regularmente para atingir metas de longo prazo			0,659
49. É importante ter e seguir um plano de gastos mensal.			0,657
ALPHA DE CRONBACH	0,822	0,726	0,646

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

O construto atitude financeira foi dividido em três fatores: atitude financeira de controle, atitude financeira de consciência de crédito e atitude financeira para o futuro. Destaca-se que os três fatores com autovalores superiores a um em conjunto explicam 68,50% de toda a variância. Os três fatores apresentam confiabilidade satisfatória, conforme o *Alpha de Cronbach*, tendo valores de 0,822, de 0,726 e 0,646, respectivamente.

O fator atitude financeira de controle é composto por variáveis que demonstram questões relativas às metas, ao controle de despesas e à poupança, mais especificamente, apresenta a importância do estabelecimento de metas financeiras para o futuro, do controle de despesas mensais e da poupança mensal.

O fator atitude financeira de consciência de crédito materializa a importância do pagamento integral da fatura de cartão de crédito mensalmente, o cumprimento do orçamento mensal e a consciência da utilização do crédito em compras a prazo.

O fator atitude financeira para o futuro evidencia que o gerenciamento do dinheiro afeta o futuro de cada indivíduo, sobre a importância de investimentos para o alcance de metas de longo prazo e a relevância de se ter e seguir um plano de gastos mensal.

Em seguida, com a finalidade de analisar os onze fatores obtidos pelo estudo: auto-percepção de bem-estar financeiro, futuro financeiro, situação financeira, compras compulsivas, materialismo, orçamento financeiro pessoal, consumo planejado, investimento e poupança, atitude financeira de controle, atitude financeira de consciência de crédito e atitude financeira para o futuro calculou-se as estatísticas descritivas dos fatores. Para essa análise computou-se cada fator como a média das respostas de cada entrevistado em relação às questões que compõem o fator. Os resultados são apresentados na Tabela 19.

Tabela 19 – Estatística descritiva dos fatores.

Escala	Fatores	Média	Mediana	Desvio Padrão
bem-estar financeiro	auto-percepção de bem-estar financeiro	2,724	2,500	1,010
	futuro financeiro	3,511	4,000	1,198
	situação financeira	2,612	2,667	0,975
compras compulsivas	compras compulsivas	1,391	1,000	0,615
Materialismo	Materialismo	2,418	2,333	0,878
comportamento financeiro	orçamento financeiro pessoal	3,545	3,600	0,849
	consumo planejado	3,924	4,000	0,852
	investimento e poupança	2,976	3,000	1,055
atitude financeira	atitude financeira de controle	4,553	5,000	0,643
	atitude financeira de consciência de crédito	4,524	4,667	0,583
	atitude financeira para o futuro	4,390	4,667	0,639

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

O fator auto-percepção de bem-estar financeiro (média 2,724) apresenta valor médio abaixo de três, portanto, localizado na zona da “discordância” e determinando níveis baixos de satisfação financeira para a amostra estudada.

Representando a percepção de questões futuras vinculadas ao crédito o fator futuro financeiro (média 3,511, mediana 4,000), indicando que a maioria dos respondentes concorda em manter e/ou mudar para melhor (não possuir mais dívidas de cartão de crédito pelos próximos cinco/dez anos) a sua situação em relação ao uso do cartão de crédito.

Com relação ao fator situação financeira (média 2,612), que engloba questões relativas às dívidas, como: preocupação, pensamento constante e sentimento de desconforto em relação às dívidas, identifica-se um valor médio inferior a três, demonstrando que a “discordância” representa baixos índices de endividamento.

Os fatores compras compulsivas (média 1,391) e materialismo (média 2,418) apresentam valores médios menores que três, ou seja, com tendência a um alto nível de discordância em relação às afirmações. Demonstra-se, portanto, um baixo nível de compulsividade em relação às compras e em relação ao materialismo. Destaca-se que nas pesquisas de Joji e Raveendran (2007), em uma amostra de 100 indivíduos selecionados pela utilização de cartão de crédito na Índia, identificaram um baixo nível de comportamento compulsivo e uma percepção neutra de “não concordo, nem discordo” em relação ao materialismo. Diante dos resultados, os autores questionam as tendências de alto materialismo vinculadas ao consumo, colocando a necessidade de estudos longitudinais para uma melhor compreensão desses construtos.

Analisando-se o fator orçamento financeiro pessoal (média 3,545) verifica-se um valor médio acima da zona de neutralidade demonstrando um comportamento com níveis tendentes ao positivo no que diz respeito às questões de gestão orçamentária pessoal.

Igualmente, em relação ao fator consumo planejado (média 3,924) identifica-se um comportamento positivo no que diz respeito ao consumo consciente, notadamente com a identificação das melhores oportunidades de compras, comparações de preços, análise das finanças pessoais antes da realização de uma compra e conferência de faturas de cartões de crédito, já que o valor médio acima de três representa uma maior frequência: “quase sempre/sempre” no que diz respeito aos aspectos mencionados.

Em contrapartida, o fator investimento e poupança (média 2,976) demonstram valores inferiores a três delineando que em relação ao comportamento de investir e poupar, principalmente, no que tange ao hábito de poupar para aquisição de bens mais caros, às reservas financeiras para situações emergenciais e à poupança mensal, a amostra mostra-se tendente à área de “nunca”, apresentando, portanto, um comportamento insatisfatório.

Os fatores atitude financeira de controle (média 4,553), atitude financeira de consciência de crédito (média 4,524) e atitude financeira para o futuro (média 4,390) demonstram valores médios acima de quatro delineando atitudes financeiras positivas para a amostra estudada.

4.4 Análise da influência das variáveis socioeconômicas e demográficas

Este item tem como finalidade atender ao objetivo específico “analisar a influência das variáveis socioeconômicas e demográficas” em relação aos construtos do estudo: bem-estar financeiro, compras compulsivas, materialismo, comportamento financeiro, atitude financeira e conhecimento financeiro. Assim, foram analisados os onze fatores obtidos após o método multivariado da análise fatorial: auto-percepção de bem-estar financeiro, futuro financeiro, situação financeira, compras compulsivas, materialismo, orçamento financeiro pessoal, consumo planejado, investimento e poupança, atitude financeira de consciência de crédito e atitude financeira para o futuro em relação às variáveis socioeconômicas e demográficas. E, em relação ao construto conhecimento financeiro a análise foi realizada tendo como base o índice de conhecimento financeiro, em sua totalidade e no que tange ao conhecimento financeiro básico e avançado.

Destaca-se que todas as variáveis socioeconômicas e demográficas foram testadas: gênero, estado civil, filhos, grau de escolaridade, raça, ocupação, idade e renda, tendo como exceção a variável ascendência, que conforme se observa na Tabela 01, apresenta um percentual concentrado na ascendência brasileira (89,3%), não sendo, portanto, relevante a análise de diferença de médias entre os grupos identificados no estudo para esta variável.

Dessa forma, a fim de analisar se existe diferença de média em cada fator criado considerando-se as variáveis socioeconômicas e demográficas foram realizados os testes *t* (nas variáveis com até dois grupos, como o gênero e filhos) e a análise da variância (ANOVA) (nas variáveis com mais de dois grupos: estado civil, grau de escolaridade, raça, ocupação, idade e renda). As Tabelas 20 a 27 apresentam os resultados.

Tabela 20 – Valor e significância do teste *t* para a variável gênero em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro.

Escala	Fatores	Média		Sig	T
		Masculino	Feminino		
bem-estar financeiro	auto-percepção de bem-estar financeiro	2,789	2,679	0,917	1,322
	futuro financeiro	3,483	3,523	0,881	-0,400
	situação financeira	2,598	2,624	0,264	-0,324
compras compulsivas	compras compulsivas	1,356	1,412	0,735	-1,106
Materialismo	Materialismo	2,501	2,361	0,762	1,935
comportamento financeiro	orçamento financeiro pessoal	3,520	3,565	0,628	-0,631
	consumo planejado	3,935	3,915	0,887	0,278
	investimento e poupança	3,050	2,923	0,548	1,459
atitude financeira	atitude financeira de controle	4,521	4,578	0,162	-1,064
	atitude financeira de consciência de crédito	4,496	4,543	0,079	-0,979
	atitude financeira para o futuro	4,382	4,396	0,220	-0,269
conhecimento financeiro	Básico	0,478	0,383	0,041	3,217
	Avançado	0,847	0,774	0,315	1,527
	Total	1,325	1,156	0,107	2,495

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

No que diz respeito à variável gênero, foi encontrada diferença significativa de média, ao nível de 5%, em relação ao fator conhecimento financeiro básico. Dessa forma, para o fator os homens (média 0,478) apresentam um melhor índice de conhecimento financeiro básico comparativamente às mulheres (média 0,383). Tendo como referência a literatura, pode-se destacar no estudo de Lusardi e Mitchell (2011), que identificaram em uma amostra nos Estados Unidos em uma pesquisa sobre conhecimento financeiro, que as mulheres são menos propensas a responderem às questões de forma correta, sendo também, mais propensas a dizer que não sabem a resposta. Segundo Chen e Volpe (1998), o fato das mulheres apresentarem mais níveis mais baixos de conhecimento financeiro delineia maiores dificuldades na tomada de decisões financeiras satisfatórias.

Em seguida, a Tabela 21 demonstra o valor e significância da ANOVA da variável estado civil em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro.

Tabela 21 – Valor e significância da ANOVA para a variável estado civil em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro.

Escala	Fatores	Média			F	Sig
		Solteiro	Casado	Separado/ Viúvo		
bem-estar financeiro	auto-percepção de bem-estar financeiro	2,623	2,935	2,756	6,057	0,002
	futuro financeiro	3,529	3,459	3,610	0,352	0,703
	situação financeira	2,630	2,559	2,671	0,409	0,665
compras compulsivas	compras compulsivas	1,422	1,299	1,504	3,261	0,039
materialismo	Materialismo	2,505	2,254	2,345	5,293	0,005
comportamento financeiro	orçamento financeiro pessoal	3,485	3,697	3,398	4,575	0,011
	consumo planejado	3,851	4,058	3,988	3,846	0,022
	investimento e poupança	3,016	2,867	3,045	1,359	0,258
atitude financeira	atitude financeira de controle	4,536	4,597	4,512	0,650	0,522
	atitude financeira de consciência de crédito	4,495	4,572	4,569	1,227	0,294
	atitude financeira para o futuro	4,401	4,397	4,236	1,265	0,283
conhecimento financeiro	Básico	0,413	0,438	0,447	0,422	0,656
	Avançado	0,822	0,776	0,790	0,395	0,674
	Total	1,234	1,214	1,237	0,039	0,962

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Na análise da variância em relação ao estado civil obteve-se diferenças de médias significativas nos fatores auto-percepção de bem-estar financeiro, compras compulsivas, materialismo, orçamento financeiro pessoal e consumo planejado. Assim, no que diz respeito à auto-percepção de bem-estar financeiro os casados (média 2,935) possuem uma melhor percepção de bem-estar financeiro em comparação aos solteiros (média 2,623) e ao grupo dos viúvos/separados (média 2,756). De forma similar, Sumarwan (1990) identificou que indivíduos casados apresentam maior propensão em serem financeiramente satisfeitos.

Em relação ao fator compras compulsivas, os casados (média 1,299) apresentam um menor comportamento de compulsividade associado às compras. Igualmente, os casados (média 2,254) demonstram um menor materialismo em comparação aos outros grupos: solteiros (média 2,505) e viúvos/separados (média 2,345). Os resultados da pesquisa de Flores (2012), em sua pesquisa sobre endividamento, foram similares, concluindo a seguinte ordem crescente em relação ao materialismo (do menor ao maior nível de materialismo): casados, separados e solteiros.

No que tange ao orçamento financeiro pessoal, os casados apresentam um melhor comportamento financeiro (média 3,697) em comparação aos solteiros (média 3,485) e aos viúvos/separados (média 3,398). Do mesmo modo, em relação ao fator consumo planejado, os

casados (média 4,058) apresentam um comportamento financeiro mais satisfatório comparativamente aos solteiros (média 3,851) e aos viúvos/separados (3,988).

Em seguida, a Tabela 22 apresenta os resultados do valor e significância do teste *t* para a variável filhos em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro.

Tabela 22 – Valor e significância do teste *t* para a variável filhos em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro.

Escala	Fatores	Média		Sig	<i>t</i>
		Sem Filhos	Com Filhos		
bem-estar financeiro	auto-percepção de bem-estar financeiro	2,652	2,876	0,061	-2,572
	futuro financeiro	3,502	3,525	0,638	-0,220
	situação financeira	2,662	2,507	0,787	1,844
compras compulsivas	compras compulsivas	1,388	1,401	0,311	-0,244
materialismo	Materialismo	2,498	2,254	0,617	3,235
	orçamento financeiro pessoal	3,504	3,632	0,588	-1,748
comportamento financeiro	consumo planejado	3,857	4,059	0,346	-2,749
	investimento e poupança	3,023	2,885	0,270	1,519
	atitude financeira de controle	4,559	4,544	0,361	0,277
atitude financeira	atitude financeira de consciência de crédito	4,489	4,602	0,022	-2,252
	atitude financeira para o futuro	4,401	4,369	0,323	0,561
conhecimento financeiro	Básico	0,414	0,439	0,394	-0,820
	Avançado	0,795	0,830	0,011	-0,697
	Total	1,209	1,270	0,042	-0,855

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Analisando-se a Tabela 22 foram identificadas diferenças significativas de médias entre os grupos estudados da variável filhos em relação aos fatores: atitude financeira de consciência de crédito, conhecimento financeiro avançado e conhecimento financeiro total. Verifica-se que para todos os fatores, os indivíduos com filhos apresentam maior média: atitude financeira de consciência de crédito (média 4,602), conhecimento financeiro avançado (média 0,830) e conhecimento financeiro total (média 1,270) comparativamente aos indivíduos sem filhos, com os seguintes valores: (média 4,489), (média 0,795) e (média 1,209), respectivamente. Dessa forma, indivíduos com filhos apresentam uma melhor atitude financeira de consciência de crédito e melhores níveis de conhecimento financeiro.

Em seguida, apresentam-se os resultados do valor de significância da ANOVA para a variável grau de escolaridade, conforme Tabela 23.

Tabela 23 – Valor e significância da ANOVA para a variável grau de escolaridade em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro.

Escala	Fatores	Média			F	Sig
		Escolaridade 1	Escolaridade 2	Escolaridade 3		
bem-estar financeiro	auto-percepção de bem-estar financeiro	2,791	2,471	3,008	16,778	0,000
	futuro financeiro	3,622	3,558	3,364	2,324	0,099
	situação financeira	2,577	2,548	2,734	2,146	0,118
compras compulsivas materialismo	compras compulsivas	1,421	1,391	1,372	0,277	0,758
	Materialismo	2,437	2,428	2,397	0,106	0,900
comportamento financeiro	orçamento financeiro pessoal	3,417	3,532	3,677	4,188	0,016
	consumo planejado	3,858	3,906	4,003	1,369	0,255
	investimento e poupança	2,985	2,925	3,037	0,631	0,533
atitude financeira	atitude financeira de controle	4,475	4,477	4,721	9,759	0,000
	atitude financeira de consciência de crédito	4,400	4,431	4,749	22,561	0,000
	atitude financeira para o futuro	4,300	4,261	4,636	22,490	0,000
conhecimento financeiro	Básico	0,394	0,415	0,455	1,335	0,264
	Avançado	0,701	0,835	0,852	3,496	0,031
	Total	1,096	1,250	1,308	3,067	0,047

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

A ANOVA para o grau de escolaridade apresentou diferenças significativas de médias para os seguintes fatores: auto-percepção de bem-estar financeiro, orçamento financeiro pessoal, atitude financeira de controle, atitude financeira de consciência de crédito e atitude financeira para o futuro, bem como para o conhecimento financeiro avançado e o conhecimento financeiro total.

Destaca-se que a variável escolaridade foi recodificada em três grupos: escolaridade 1, escolaridade 2 e escolaridade 3. A escolaridade 1 abrange os respondentes com ensino fundamental e médio. A escolaridade 2 engloba o curso técnico e o ensino superior. E, a escolaridade 3 diz respeito à especialização ou MBA, o mestrado e o doutorado, ou seja, à pós-graduação.

O construto bem-estar financeiro, especificamente a auto-percepção de bem-estar financeiro demonstra que a satisfação financeira é maior nos dois extremos de escolaridades,

escolaridade 1 (média 2,791), escolaridade 2 (média 2,471) e escolaridade 3 (média 3,008). Ressalta-se que a maior escolaridade (pós-graduação) apresenta a maior satisfação financeira. De forma similar aos resultados encontrados, os estudos de Lown e Ju (1992) e Penn (2007) demonstram que existe uma tendência de indivíduos com níveis educacionais maiores apresentarem uma melhor satisfação financeira.

O orçamento financeiro pessoal apresenta uma progressão satisfatória com o aumento do grau de escolaridade, escolaridade 1 (média 3,417), escolaridade 2 (média 3,532) e escolaridade 3 (média 3,677). Ou seja, quanto maior o grau de escolaridade, melhor o comportamento financeiro.

Igualmente a atitude financeira é melhor quanto maior o grau de escolaridade. Especificamente, em relação à atitude financeira de controle e à atitude financeira de consciência de crédito, sendo nos dois fatores a melhor atitude estando associada à escolaridade de pós-graduação. Já em relação à atitude financeira para o futuro, a maior escolaridade também define melhor atitude, escolaridade 3 (média 4,636), mas a segunda atitude melhor vincula-se à escolaridade 1 (média 4,300).

Em relação ao índice de conhecimento financeiro, notadamente conhecimento financeiro básico e o total, quanto maior o grau de escolaridade melhor o conhecimento financeiro. Assim, em relação ao conhecimento financeiro total a escolaridade 1 (média 1,096), a escolaridade 2 (média 1,250) e a escolaridade 3 (média 1,308) demonstram um padrão crescente. Corroborando, a literatura evidencia que maiores níveis de conhecimento financeiro são identificados em indivíduos com maior grau de escolaridade (LUSARDI; MITCHELL, 2011).

A seguir, apresenta-se o valor e significância da ANOVA para a variável raça em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro, conforme Tabela 24.

Tabela 24 – Valor e significância da ANOVA para a variável raça em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro.

Escala	Fatores	Média				F	Sig
		Branca	Negra	Parda	Outras		
bem-estar financeiro	auto-percepção de bem-estar financeiro	2,791	2,668	2,700	2,885	0,589	0,622
	futuro financeiro	3,431	3,496	3,588	3,846	1,024	0,381
	situação financeira	2,791	2,640	2,453	2,372	5,223	0,001
compras compulsivas	compras compulsivas	1,359	1,361	1,417	1,872	3,095	0,026
materialismo	Materialismo	2,353	2,532	2,416	2,833	2,032	0,108
comportamento financeiro	orçamento financeiro pessoal	3,618	3,443	3,534	3,077	2,471	0,061
	consumo planejado	3,984	3,830	3,923	3,538	1,726	0,160
	investimento e poupança	3,180	2,795	2,912	1,974	8,518	0,000
atitude financeira	atitude financeira de controle	4,493	4,594	4,604	4,308	2,023	0,110
	atitude financeira de consciência de crédito	4,485	4,561	4,573	4,051	4,067	0,007
	atitude financeira para o futuro	4,341	4,406	4,446	4,000	2,739	0,043
conhecimento financeiro	Básico	0,496	0,357	0,390	0,231	6,520	0,000
	Avançado	0,898	0,712	0,760	0,892	3,549	0,014
	Total	1,394	1,069	1,151	1,123	5,508	0,001

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Em relação à variável raça, a ANOVA demonstra diferenças significativas para os seguintes fatores: situação financeira, compras compulsivas, investimento e poupança, atitude financeira de consciência de crédito e atitude financeira para o futuro, bem como para o índice de conhecimento financeiro: básico, avançado e total.

Destaca-se que a variável raça foi recodificada em quatro grupos: branca, negra, parda e outra. As outras englobam os itens do instrumento de pesquisa original: amarela ou oriental, indígena e outra.

No que diz respeito ao construto bem-estar financeiro, especificamente ao fator situação financeira, a raça branca (média 2,791) apresenta a melhor satisfação com o bem-estar financeiro. Igualmente, a raça branca (média 1,359) apresenta o menor/melhor comportamento de compulsividade em relação às compras. Corroborando, o estudo de Gutter e Copur (2011) demonstra que brancos possuem melhores níveis de bem-estar financeiro em relação aos não-brancos.

Em relação ao comportamento financeiro, investimento e poupança, a raça branca (média 3,180) apresenta o comportamento mais satisfatório. E, em seguida os pardos (média 2,912).

No que tange à atitude financeira, atitude financeira de consciência de crédito, a raça negra (média 4,561) apresenta melhor atitude comparativamente à raça branca (média 4,485). No entanto, são os pardos (média 4,573) que apresentam uma melhor atitude financeira de consciência de crédito. Outrossim, para a atitude financeira para o futuro os pardos (média 4,446) apresentam uma atitude financeira mais satisfatória, sendo seguidos pela negra (média 4,406), branca (média 4,341) e outras (média 4,000).

O conhecimento financeiro é maior na raça branca, sendo o conhecimento total (média 1,394), o básico (média 0,496) e o avançado (média 0,898). Nota-se que em dois âmbitos do conhecimento financeiro, a raça negra apresenta os menores resultados: conhecimento total (média 1,069) e o avançado (média 0,712). Os resultados da pesquisa estão de acordo com Lusardi e Mitchell (2011) que identificaram que indivíduos brancos apresentaram maior nível de conhecimento financeiro comparativamente aos negros e hispânicos.

Apresenta-se, em seguida, o valor e significância da ANOVA para a variável idade em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro, conforme Tabela 25.

Tabela 25 – Valor e significância da ANOVA para a variável idade em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro.

Escala	Fatores	Média				F	Sig
		Até 25 anos	De 26 a 30 anos	De 31 a 38 anos	Maior que 38 anos		
bem-estar financeiro	auto-percepção de bem-estar financeiro	2,531	2,566	2,812	3,037	8,785	0,000
	futuro financeiro	3,480	3,635	3,538	3,395	1,066	0,363
	situação financeira	2,646	2,562	2,559	2,669	0,499	0,683
compras compulsivas	compras compulsivas	1,303	1,506	1,336	1,428	3,590	0,014
materialismo	Materialismo	2,553	2,519	2,346	2,218	5,032	0,002
comportamento financeiro	orçamento financeiro pessoal	3,366	3,549	3,539	3,761	5,986	0,001
	consumo planejado	3,813	3,792	4,024	4,102	5,085	0,002
	investimento e poupança	2,803	3,105	3,019	3,012	2,497	0,059
atitude financeira	atitude financeira de controle	4,573	4,508	4,710	4,435	4,742	0,003
	atitude financeira de consciência de crédito	4,459	4,474	4,670	4,520	4,001	0,008
	atitude financeira para o futuro	4,294	4,504	4,556	4,236	9,180	0,000
conhecimento financeiro	Básico	0,311	0,486	0,478	0,396	8,650	0,000
	Avançado	0,726	0,889	0,881	0,673	5,423	0,001
	Total	1,037	1,375	1,358	1,069	7,709	0,000

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

A auto-percepção de bem-estar financeiro é progressivamente melhor quanto maior a faixa etária, assim até 25 anos (média 2,531), de 26 a 30 anos (média 2,566), de 31 a 38 anos (média 2,812) e maior de 38 anos (média 3,037). Diversos estudos afirmam que a idade é diretamente relacionada ao bem-estar financeiro, ou seja, quanto maior a idade, maior a satisfação financeira (PENN, 2007; PLAGNOL, 2011; SUMARWAN, 1990; XIAO, SORHAINDO, GARMAN, 2006).

Em contrapartida, as compras compulsivas são maiores na faixa etária de 26 a 30 anos (média 1,506). E, o materialismo é maior nas duas menores faixa etárias até 25 anos (média 2,553) e de 26 a 30 anos (média 2,519).

O comportamento financeiro é mais satisfatório na maior faixa etária: orçamento financeiro pessoal (média 3,761) e consumo planejado (média 4,102).

Com relação à atitude financeira, verifica-se uma atitude mais satisfatória na faixa etária de 31 a 38 anos, no caso da atitude financeira de controle (média 4,710), da atitude

financeira de consciência de crédito (média 4,670) e atitude financeira para o futuro (média 4,556).

E, no que diz respeito ao conhecimento financeiro, a faixa etária de 26 a 30 anos é a que apresenta os melhores resultados: básico (média 0,486), avançado (média 0,889) e total (média 1,375). Em seguida, a faixa etária de 31 a 38 anos também apresentou médias elevadas comparativamente aos grupos: básico (média 0,478), avançado (média 0,881) e total (média 1,358). Assim, as faixas etárias intermediárias apresentaram os melhores resultados de conhecimento financeiro, sendo o resultado da pesquisa corroborado por Agarwal et al. (2009) que evidenciam que o conhecimento financeiro tende a ser maior em adultos, notadamente no meio do ciclo de vida.

Em seguida, apresenta-se o valor e significância da ANOVA para a variável renda em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro, conforme Tabela 26.

Tabela 26 – Valor e significância da ANOVA para a variável renda em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro.

Escala	Fatores	Média				F	Sig
		Até R\$ 1.000,00	De R\$ 1.000,01 a R\$ 2.000,00	De R\$ 2.000,01 a R\$ 4.000,00	Maior que R\$ 4.000,00		
bem-estar financeiro	auto-percepção de bem-estar financeiro	2,366	2,704	2,767	3,049	13,007	0,000
	futuro financeiro	3,500	3,528	3,662	3,367	1,581	0,193
	situação financeira	2,585	2,549	2,457	2,833	4,330	0,005
compras compulsivas	compras compulsivas	1,315	1,468	1,444	1,348	2,213	0,085
materialismo	Materialismo	2,498	2,437	2,418	2,325	1,052	0,369
comportamento financeiro	orçamento financeiro pessoal	3,291	3,644	3,450	3,792	11,113	0,000
	consumo planejado	3,782	3,966	3,909	4,038	2,569	0,053
	investimento e poupança	2,642	3,259	2,881	3,140	10,905	0,000
atitude financeira	atitude financeira de controle	4,583	4,404	4,550	4,658	4,184	0,006
	atitude financeira de consciência de crédito	4,431	4,376	4,596	4,678	9,253	0,000
	atitude financeira para o futuro	4,331	4,345	4,358	4,516	2,950	0,032
conhecimento financeiro	Básico	0,243	0,450	0,516	0,442	17,938	0,000
	Avançado	0,643	0,845	0,848	0,809	4,269	0,005
	Total	0,886	1,295	1,364	1,251	10,733	0,000

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Em relação auto-percepção de bem-estar financeiro, nota-se que a satisfação financeira é progressivamente maior em relação à renda. Assim, até R\$ 1.000,00 (média 2,366), de 1.000,01 a R\$ 2.000,00 (média 2,704), de R\$ 2.000,01 a R\$ 4.000,00 (média 2,767) e maior que R\$ 4.000,00 (média 3,049), apresentam maior satisfação conforme o aumento da renda. No que diz respeito à situação financeira a maior satisfação está relacionada com a maior renda maior que R\$ 4.000,00 (média 2,833). Neste sentido, diversos estudos enfatizam que a renda influencia positivamente no bem-estar financeiro (DELAFROOZ, PAIM, 2011; PENN, 2007; SUMARWAN, 1990).

Igualmente, o orçamento financeiro pessoal demonstra resultados mais satisfatórios no maior grau de renda: maior que R\$ 4.000,00 (média 3,792). Com relação ao investimento e poupança, o comportamento financeiro é mais satisfatório nas faixas de renda de R\$ 1.000,01 a R\$ 2.000,00 (média 3,259) e maior que R\$ 4.000,00 (média 3,140).

Outrossim, a atitude financeira é melhor na maior faixa de renda da pesquisa: maior que R\$ 4.000,00, sendo a atitude financeira de controle (média 4,658), atitude financeira de consciência de crédito (média 4,678) e atitude financeira para o futuro (média 4,516).

No que diz respeito ao conhecimento financeiro, a faixa de renda que apresenta o melhor resultado do índice é a de R\$ 2.000,01 a R\$ 4.000,00: básico (média 0,516), avançado (média 0,848) e total (média 1,364). A faixa de renda que apresentou menor conhecimento financeiro foi a até R\$ 1.000,00: conhecimento básico (média 0,243), conhecimento avançado (média 0,643) e conhecimento total (média 0,886). Na literatura, Atkinson e Messy (2012) identificaram que baixos níveis de renda estão vinculados a menores índices de conhecimento financeiro.

Apresenta-se, a seguir, o valor e significância da ANOVA para a variável ocupação em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro, conforme Tabela 27.

Tabela 27 – Valor e significância da ANOVA para a variável ocupação em relação aos fatores e ao índice de conhecimento financeiro.

Escala	Fatores	Média					F	Sig
		Func. Públ.	Autôn./ Prof. Liberal	Empreg. Assalar.	Outros	Não Traba.		
bem-estar financeiro	auto-percepção de bem-estar financeiro	2,913	2,692	2,649	2,584	2,400	3,969	0,003
	futuro financeiro	3,431	3,576	3,663	3,381	3,460	1,196	0,311
	situação financeira	2,666	2,558	2,517	2,654	2,717	0,774	0,542
compras compulsivas	compras compulsivas	1,383	1,432	1,403	1,381	1,387	0,117	0,976
materialismo	Materialismo	2,321	2,481	2,520	2,395	2,492	1,425	0,224
comportamento financeiro	orçamento financeiro pessoal	3,677	3,489	3,480	3,416	3,444	2,371	0,051
	consumo planejado	4,054	3,826	3,845	3,842	3,820	2,329	0,055
	investimento e poupança	2,978	2,959	3,156	2,763	2,837	2,259	0,062
atitude financeira	atitude financeira de controle	4,581	4,597	4,555	4,557	4,313	1,939	0,102
	atitude financeira de consciência de crédito	4,636	4,490	4,436	4,452	4,453	3,614	0,006
	atitude financeira para o futuro	4,431	4,420	4,444	4,281	4,133	3,230	0,012
conhecimento financeiro	Básico	0,454	0,442	0,447	0,333	0,300	3,559	0,007
	Avançado	0,853	0,781	0,826	0,702	0,704	1,541	0,189
	Total	1,307	1,223	1,274	1,036	1,004	2,833	0,024

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Destaca-se que a variável ocupação foi recodificada do instrumento de coleta de dados original em cinco categorias: funcionário público, autônomo/profissional liberal, empregado assalariado, outros e não trabalha. Assim, analisando-se a variável ocupação, verifica-se diferenças de médias para os seguintes fatores: auto-percepção de bem-estar financeiro, atitude financeira de consciência de crédito e atitude financeira para o futuro, bem como para o conhecimento básico e total.

A auto-percepção de bem-estar financeiro é maior no grupo de ocupação funcionário público (média 2,913). Dessa forma, para a amostra estudada, o funcionário público é o mais financeiramente satisfeito. E, o menos insatisfeito financeiramente é o grupo que não trabalha

(média 2,400). Diversos estudos associam a não-ocupação à insatisfação financeira (PLAGNOL, 2011; SUMARWAN, 1990; XIAO, SORHAINDO, GARMAN , 2006).

Igualmente, em relação à atitude financeira de consciência de crédito o funcionário público é o grupo que apresenta melhor atitude financeira (média 4,636). Já no que tange à atitude financeira para o futuro o empregado assalariado (média 4,444) é o que apresenta uma atitude mais satisfatória; e a menos satisfatória está intimamente relacionada com o grupo que não trabalha (média 4,133).

No que diz respeito ao conhecimento financeiro, o funcionário público apresenta os melhores resultados do índice, no que tange ao conhecimento básico (média 0,454) e ao conhecimento total (média 1,307). Por outro lado, o grupo que apresentou os menores índices foi o relacionado aos indivíduos que não trabalham: conhecimento básico (média 0,300) e conhecimento total (média 1,004). De forma congruente, a literatura demonstra que trabalhadores com baixa qualificação ou desempregados são predispostos a apresentarem desempenho inferior no que tange aos conhecimentos financeiros (RESEARCH, 2003).

A Figura 08 apresenta uma síntese da influência das variáveis socioeconômicas e demográficas identificada na pesquisa em relação aos fatores do bem-estar financeiro.

VARIÁVEL SOCIOECONÔMICA E DEMOGRÁFICA	FATOR DO BEM-ESTAR FINANCEIRO	RESULTADO DA PESQUISA	REFERENCIAL TEÓRICO
Gênero	Não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos.		
Idade	auto-percepção de bem-estar financeiro	Quanto maior a idade, ou seja, mais velho, maior o bem-estar financeiro.	Penn (2007); Plagnol (2011); Sumarwan (1990); Xiao, Sorhaindo e Garman (2006)
Estado civil	auto-percepção de bem-estar financeiro	Os casados possuem uma melhor percepção de bem-estar financeiro.	Sumarwan (1990)
Filhos	Não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos.		
Grau de escolaridade	auto-percepção de bem-estar financeiro	Níveis de escolaridade maiores apresentam maiores níveis de bem-estar financeiros.	Lown e Ju (1992); Penn (2007)
Raça	situação financeira	A raça branca apresenta maiores níveis de bem-estar financeiro.	Gutter e Copur (2011)
Ocupação	auto-percepção de bem-estar financeiro	Menores níveis de bem-estar financeiro são identificados em indivíduos que não trabalham.	Plagnol (2011); Sumarwan (1990); Xiao, Sorhaindo e Garman (2006)
Renda	auto-percepção de bem-estar financeiro/situação financeira	Maiores rendas estão associadas a melhores níveis de bem-estar financeiro.	Sumarwan (1990); Penn (2007); Delafrooz e Paim (2011)

Figura 8 – Síntese da influência das variáveis socioeconômicas e demográficas nos fatores de bem-estar financeiro

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

4.5 Análise de regressão

Com o intuito de verificar a influência dos fatores e das variáveis socioeconômicas e demográficas no bem-estar financeiro, realizou-se uma regressão linear múltipla. Para a estimação do modelo de regressão linear, utilizou-se a estimação por Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) e método *Stepwise*. Na primeira tentativa de estimação observou-se que os erros eram heterocedásticos. Para resolver este problema utilizou-se a técnica *White Heteroskedasticity-Consistent Standart Erros & Covariance*, a qual corrige os erros-padrões e covariâncias, tornando-os consistentes com o pressuposto de não-heterocedasticidade. O modelo estimado é descrito na Tabela 28.

Tabela 28 - Resultados da regressão múltipla por Mínimos Quadrados Ordinários pelo método *Stepwise*, estimada para o bem-estar financeiro.

Variáveis	Coeficientes Padronizados	Teste t		VIF
		Valor	Sig	
Investimento e Poupança	0,152	3,6160	0,0003	1,008
Atitude Financeira de Controle	0,111	3,0407	0,0025	1,024
Idade	0,105	2,8117	0,0051	1,019

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

O resultado apresenta quatro variáveis independentes, com um R^2 ajustado de 0,042, o que significa que as variáveis independentes em conjunto explicam 4,2% da variável dependente. A significância do teste F (valor 9,4304 e sig. 0,0000) indica que pelo menos uma das variáveis independentes exerce influência sobre a variável dependente, sendo considerado o modelo significativo.

Quanto aos pressupostos do modelo, observou-se que: (i) não há autocorrelação serial, uma vez que o valor do teste de Durbin Watson (1,77) ficou próximo de 2; (ii) o modelo não apresenta problemas de multicolinearidade, dado que os FIVs ficaram próximos a 1; e (iii) os resíduos do modelo possuem distribuição normal, uma vez que o teste Kolmogorov-Smirnov não foi significativo (0,032 e sig. 0,656).

Analisando-se os coeficientes que expressam a magnitude e a direção da relação de cada uma das variáveis independentes sobre a variável dependente, constatou-se que as variáveis: investimento e poupança, atitude financeira de controle e idade exercem influência positiva no bem-estar financeiro. Estes resultados evidenciam que indivíduos mais velhos, que investem e poupam dinheiro e com atitude financeira de controle (que percebem a importância de possuir metas financeiras, de controlar as despesas mensais e de poupar dinheiro mensalmente) são os que apresentam maior satisfação financeira ou nível de bem-estar financeiro.

No que diz respeito aos resultados identificados na regressão linear, diversos estudos enfatizam que a idade influencia positivamente na percepção de bem-estar financeiro (PENN, 2007; PLAGNOL, 2011; SUMARWAN, 1990; XIAO, SORHAINDO, GARMAN, 2006). A influência positiva/satisfatória do comportamento financeiro também é identificada por vários autores (DELAFFROOZ, PAIM, 2011; FALAHATI, SABRI, PAIM, 2012; GUTTER, COPUR, 2011; JOO, GRABLE, 2004; KIM, GARMAN, SORHAINDO, 2003; SHIM et al., 2009; SUMARWAN, 1990; XIAO, SORHAINDO, GARMAN, 2006). Mais especificamente, nos estudos de Lown e Ju (1992) o coeficiente de correlação de Pearson demonstrou uma relação positiva entre poupança e satisfação financeira. No mesmo sentido, Gutter e Copur (2011) e Shim et al. (2009) identificaram a influência positiva da gestão de orçamento e poupança no nível de bem-estar financeiro.

No próximo capítulo são apresentadas as considerações finais da pesquisa com a finalidade de demonstrar as principais conclusões em relação ao problema de pesquisa, objetivos geral e específicos. Outrossim, são expostas as implicações do trabalho, no que diz respeito às limitações da pesquisa e às sugestões de trabalhos futuros. A Figura 09 representa os principais resultados, sendo os mesmos associados aos objetivos da pesquisa.

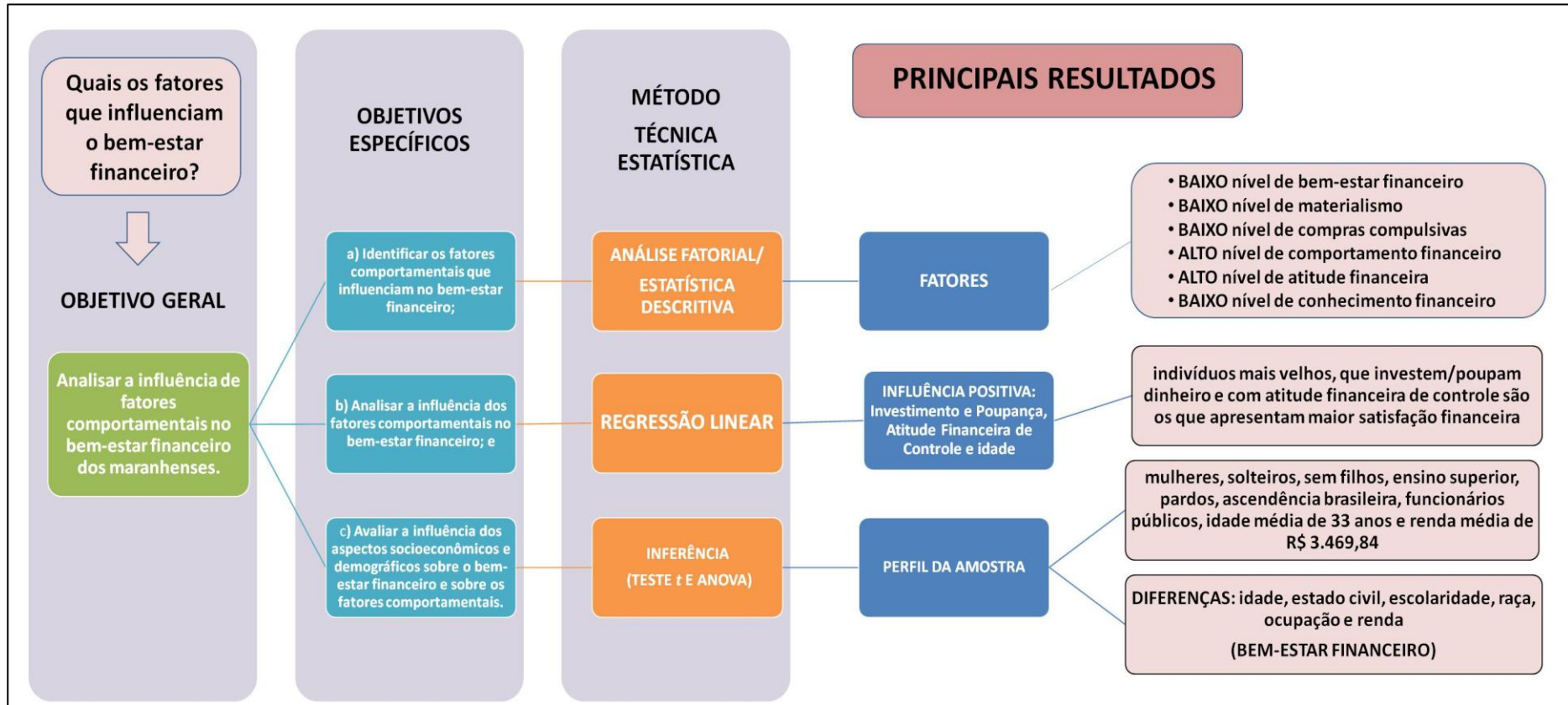


Figura 9 – Desenho dos principais resultados da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos autores demonstram a importância de se considerar o bem-estar financeiro como sendo um aspecto amplo e inter-relacionado com diversos aspectos da vida de cada pessoa, sendo relevante ressaltar, que neste estudo optou-se por investigar a influência de fatores comportamentais. Destaca-se que este trabalho teve como objetivo geral analisar a influência de fatores comportamentais no bem-estar financeiro dos maranhenses, estabelecendo-se, portanto, três objetivos específicos: (a) identificar os fatores comportamentais que influenciam no bem-estar financeiro, (b) analisar a influência dos fatores comportamentais no bem-estar financeiro; e (c) avaliar a influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos sobre o bem-estar financeiro e sobre os fatores comportamentais. Realizaram-se as seguintes etapas para a consecução dos objetivos desta pesquisa: análise do perfil da amostra, análise fatorial dos construtos comportamentais, desenvolvimento do índice de conhecimento financeiro, identificação das diferenças entre os grupos das variáveis socioeconômicas e demográficas em relação ao bem-estar financeiro e aos fatores comportamentais através do teste *t* e da ANOVA e análise de regressão.

Tendo como parâmetro a estatística descritiva, em linhas gerais, constatou-se que a amostra é predominantemente composta por mulheres, solteiros(as), sem filhos, com ensino superior, declaram-se pardos(as), com ascendência brasileira, funcionários(as) públicos(as), com idade média de 33 anos e renda média de R\$ 3.469,84. Os resultados da estatística descritiva dos construtos: bem-estar financeiro, compras compulsivas, materialismo, comportamento financeiro e atitude financeira possibilitam a compreensão sobre a percepção dos respondentes em relação aos construtos pesquisados. Dessa forma, em relação ao bem-estar financeiro, nota-se que de forma geral, os indivíduos mostram-se insatisfeitos com a própria situação financeira, pensam e preocupam-se com as dívidas e acreditam que no futuro não terão dívidas com o cartão de crédito. A amostra apresenta baixos níveis de comportamento compulsivo de compras, não possuindo hábitos de compra disfuncionais que despertem sentimentos de horror em outras pessoas, bem como não realizam compras quando não dispõem de recursos para o pagamento. Igualmente, observam-se baixos níveis de materialismo. Em relação ao comportamento e atitude financeiros identificam-se comportamentos e atitudes funcionais/satisfatórias/positivas na amostra estudada. No entanto, no que diz respeito ao conhecimento financeiro, após o desenvolvimento do índice em três

níveis de conhecimento: básico, avançado e total, notou-se um baixo índice de conhecimento financeiro total, tendo como parâmetro o estudo de Chen e Volpe (1998).

A partir da técnica de análise fatorial conclui-se que as escalas mostram-se, no geral, consistentes e em consonância com o referencial teórico do tema. A escala do bem-estar financeiro que originalmente demonstrava uma bidimensionalidade, conforme Norvilitis, Szablicki e Wilson (2003), na pesquisa delineou a divisão em três fatores denominados de: situação financeira, futuro financeiro e auto-percepção de bem-estar financeiro. Os fatores foram assim denominados tendo como parâmetro as pesquisas de Leach, Hayhoe e Turner (1999), Shim et al. (2009) e Porter e Garman (1993), destaca-se que todos os fatores demonstram consistência interna através do *Alpha de Cronbach*. O construto compras compulsivas originou um fator, com consistência interna satisfatória. No entanto, ao se seguir de forma criteriosa todos os preceitos estatísticos, excluiu-se quatro variáveis das sete originais da escala de Faber e O'Guinn (1992). A escala do materialismo também apresenta no estudo uma unidimensionalidade, demonstrando uma consistência interna considerada elevada (*Alpha de Cronbach* 0,865). O comportamento financeiro resultou em três fatores com consistências internas satisfatórias: orçamento financeiro pessoal, consumo planejado e investimento e poupança, denominados desta forma, tendo como subsídio o estudo de Matta (2007). No que diz respeito ao construto atitude financeira, não se excluiu nenhuma variável e originam-se três fatores: atitude financeira de controle, atitude financeira de consciência de crédito e atitude financeira para o futuro, com consistências internas adequadas. Nomearam-se os fatores com base no conteúdo (variáveis) de cada fator. Dessa forma, obteve-se como resultado para análise onze fatores, e três níveis de conhecimento financeiro.

Analizou-se a influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos sobre os fatores tendo como base a ANOVA e o teste *t*. Destacam-se as diferenças entre os grupos identificadas em relação aos fatores do bem-estar financeiro. A auto-percepção de bem-estar financeiro mostrou diferenças em relação: estado civil, grau de escolaridade, idade, renda e ocupação. Dessa forma, os casados possuem uma melhor percepção de bem-estar financeiro comparativamente aos solteiros e aos viúvos/separados. O maior nível de escolaridade, representado pela pós-graduação apresentou o maior nível de bem-estar financeiro. Igualmente, quanto maior a idade, maior a percepção de bem-estar financeiro. No que diz respeito à percepção de bem-estar, pode-se concluir que ela é progressivamente melhor em relação ao aumento da faixa de renda. A satisfação financeira é identificada em maior nível nos funcionários públicos e em seguida no grupo dos profissionais autônomos/profissionais liberais. Em contrapartida, destaca-se que o menor nível de satisfação financeira foi

identificado no grupo que não trabalha. Já a situação financeira apresenta diferenças significativas em relação: à raça e a renda. A raça branca apresenta uma melhor percepção de bem-estar financeiro. O bem-estar financeiro, notadamente em relação à situação financeira é melhor na maior faixa de renda da pesquisa (renda maior que R\$ 4.000,00). Evidencia-se que não foram encontradas diferenças entre os grupos para o fator futuro financeiro.

Enfim, aplicou-se a técnica multivariada da regressão com a finalidade de responder ao problema norteador da pesquisa: Quais os fatores que influenciam o bem-estar financeiro? Assim, analisando-se o bem-estar financeiro, tema central da pesquisa, conclui-se que os seguintes aspectos influenciam de forma positiva o bem-estar financeiro para a amostra estudada: investimento e poupança, atitude financeira de controle e idade. Ou seja, analisando-se os coeficientes padronizados, após a verificação de conformidade com os pressupostos metodológicos para validade do modelo, os resultados delinearão que indivíduos mais velhos, que investem/poupam dinheiro, que acreditam na importância de se possuir metas financeiras, de se controlar as despesas mensais e da relevância da poupança mensal são mais propensos a serem financeiramente satisfeitos ou possuem maiores níveis de bem-estar financeiro.

Destaca-se que as limitações do estudo estão diretamente relacionadas aos seguintes aspectos: amostra e abordagem. Em relação à amostra identifica-se a não generalização dos resultados, já que a amostra foi coletada por conveniência. Ressalta-se que pesquisas relativas a finanças pessoais, como o bem-estar financeiro, por exemplo, com questionamentos sobre renda, comportamento financeiro e conhecimento financeiro, principalmente, apresentam desconforto/constrangimento de grande parte dos respondentes, restringindo o quantitativo de indivíduos dispostos a participarem da pesquisa. Outrossim, este fato pode delinear respostas não coerentes com a realidade e interferirem nos resultados. No que diz respeito à abordagem, como o foco do trabalho é uma análise comportamental não foram incluídos no modelo aspectos culturais e ambientais.

Como principal contribuição da pesquisa destaca-se a aplicação de pesquisa caracterizadamente incipiente em cenário nacional. Estudos voltados para aspectos comportamentais em relação ao bem-estar financeiro (como variável principal) não foram identificados na revisão de literatura, constituindo-se, portanto, em uma inovação, já que o tema possui justificativa/importância consistente para estudo/aplicação. Assim, destaca-se que do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui para o avanço da temática em âmbito nacional.

Do ponto de vista organizacional, as implicações da pesquisa relacionam-se, principalmente, com contribuições para ações de marketing (notadamente comportamento do

consumidor), bem como políticas de crédito/financiamentos – associando-se questões de bem-estar financeiro e níveis de endividamento, por exemplo. No que diz respeito às políticas públicas as implicações são relativas à importância de programas de reestabelecimento da saúde financeira de endividados, bem como o desenvolvimento de programas educacionais de finanças pessoais.

Em relação a trabalhos futuros, sugere-se a mensuração dos construtos através de outras escalas quantitativas e/ou a utilização de outras técnicas estatísticas multivariadas, como por exemplo, a modelagem de equações estruturais. Ressalta-se ser fundamental a reaplicação do modelo em outras amostras, como em outras regiões brasileiras, por exemplo. Sugere-se, também, a inserção de outras variáveis (ambientais e culturais), bem como a aplicação de estudos longitudinais, no intuito de maximizar o percentual de explicação do modelo.

REFERÊNCIAS

AGARWALLA, S. K.; BARUA, S.; JACOB, J.; VARMA, J. R. **A survey of financial literacy among students, young employees and the retired in India**, 2012. Disponível em: < <http://www.iimahd.ernet.in/fls/fls12/youngemployessandretired2012.pdf> >. Acesso em: 04 set. 2013.

AMOR Por Contrato. Direção: Derrick Borte. Estados Unidos: Twentieth Century Fox Film Corporation. Brasil: Distribuidora Fox Filmes. 2009. 1 DVD (96 min), NTSC, color. Título Original: The Joneses.

ANDERSON, S. G.; ZHAN, M.; SCOTT, J. Targeting financial management training at low-income audiences. **Journal of Consumer Affairs**, v. 38, p. 167-177, 2004.

ARAÚJO, F. A. L.; SOUZA, M. A. P. Educação Financeira Para Um Brasil Sustentável: Evidências da Necessidade de Atuação Do Banco Central do Brasil Em Educação Financeira Para o Cumprimento de Sua Missão. Brasília: Banco Central, 2012. **Trabalhos para Discussão**, nº 280, p. 1-52, 2012. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pec/wps/port/TD280.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

ATKINSON, A.; MESSY, F. A. Measuring financial literacy: results of the OECD infepilot study. **Papers on Finance, Insurance and Private Pensions - OECD Publishing**, v. 15, p. 01-73, 2012.

BELK, R. W. Materialism: trait aspects of living in the material world. **Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 12, n. 3, p. 265-280, 1985.

BLACK, D. W. A review of compulsive buying disorder. **World Psychiatry**, v. 6, n. 1, p. 14-18, 2007.

BRICKMAN, P.; COATES, D.; JANOFF-BULMAN, R. Lottery winners and accident victims: Is happiness relative? **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 36, n. 8, p. 917-927, 1978.

BROUGHAM, R. R.; JACOBS-LAWSON, J. M.; HERSHEY, D. A.; TRUJILLO, K. M. Who pays your debt? An important question for understanding compulsive buying among American college students. **International Journal of Consumer Studies**, v. 35, p. 79-85, 2011.

BURROUGHS, J. E.; RINDFLEISCH, A. Materialism and well-being: a conflicting values perspective. **Journal of Consumer Research**, v. 29, n. 3, p. 348-370, 2002.

CAVALHEIRO, E. A. **Tolerância ao risco: uma análise sob a ótica comportamental**. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - RS, 2010.

CERBASI, G. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. 51. ed. São Paulo: Gente, 2004. 172 p.

CHAN, K. Y. K.; CHAN, S. F.; CHAU, A. W. L. Financial knowledge and aptitudes: impacts on college students' financial well-being. **College Student Journal**, v. 46, n. 1, p.114, 2012.

CHEN, H; VOLPE, R. P. An analysis of personal financial literacy among college students. **Financial Services Review**, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998. Disponível em: <http://www2.stetson.edu/fsr/abstracts/vol_7_num2_107.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2013.

CHUAN, C. S.; KAI, S. B.; KOK, N. K. Resource transfers and financial satisfaction: a preliminary correlation analysis. **Journal of Global Business and Economics**, v. 3, n. 1, p. 146-156, 2011.

CLUBE da Luta. Direção: David Fincher. Estados Unidos; Alemanha: Twentieth Century Fox Film Corporation. Brasil: Distribuidora Fox Filmes. 1999. 1 DVD (139 min), NTSC, color. Título Original: Fight Club.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 629 p.

CORRAR, L. J.; PAULO, E.; DIAS FILHO, J. M. **Análise Multivariada: para Cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 568 p.

DELAFFROOZ, N.; PAIM, L. H. Determinants of financial wellness among Malaysia workers. **African Journal of Business Management**, v. 5, n. 24, p. 10.092-10.100, 2011.

DELANEY, L.; NEWMAN, C.; NOLAN, B. Reference dependent financial satisfaction over the course of the celtic tiger: a panel analysis utilising the living in Ireland survey 1994-2001. **Trinity Economic Papers (TEP) Series**, 2006. Disponível em: <http://www.tcd.ie/Economics/TEP/2006_papers/TEP11.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2013.

DISNEY, R.; GATHERGOOD, J. Financial literacy and indebtedness: new evidence for UK consumers. In: **EconPapers**, 2011. Disponível em: <http://econpapers.repec.org/paper/notnotcfc/11_2f05.htm> Acesso em: 09 nov. 2013.

DITTMAR, H. A new look at “Compulsive Buying”: self-discrepancies and materialistic values as predictors of compulsive buying tendency. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 24, n. 6, p. 832-859, 2005.

DITTMAR, H.; LONG, K.; BOND, R. When a better self is only a button click away: associations between materialistic values, emotional and identity – related buying motives, and compulsive buying tendency online. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 26, n. 3, p. 334-361, 2007.

DOWLING, N. A.; CORNEY, T. HOILES, L. Financial management practices and money attitudes as determinants of financial problems and dissatisfaction in young male Australian workers. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 20, n. 2, p. 5-13, 2009.

EDWARDS, E. A. Development of a new scale for measuring compulsive buying behavior. **Financial Counseling and Planning**, v. 4, n. 1, p. 67-84, 1993.

EKER, T. H. **Os segredos da mente milionária**: aprenda a enriquecer mudando seus conceitos sobre dinheiro e adotando os hábitos das pessoas bem-sucedidas. 15. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. 176 p.

FABER, R. J.; CHRISTENSON, G. A. In the mood to buy: differences in the mood states experienced by compulsive buyers and other consumers. **Psychology & Marketing**, v. 13, n. 8, p. 803-819, 1996.

FABER, R. J.; O' GUINN, T. C. A clinical screener for compulsive buying. **Journal of Consumer Research**, v. 19, p. 459-469, 1992.

FALAHATI, L.; SABRI, M. F.; PAIM, L. H. J. Assessment a model of financial satisfaction predictors: examining the mediate effect of financial behaviour and financial strain. **World Applied Sciences Journal**, v. 20, n. 2, p. 190-197, 2012.

FLORES, S. A. M. **Modelagem de equações estruturais aplicada à propensão ao endividamento**: uma análise de fatores comportamentais. 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Santa Maria - RS, 2012.

FONSECA, R.; MULLEN, K. J.; ZAMARRO, G.; ZISSIMOPOULOS, J. What explains the gender gap in financial literacy? The role of household decision making. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 46, n. 1, p. 90-106, 2012.

FREUND, J. E. **Estatística aplicada: economia, administração e contabilidade**. 11. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. 536 p.

GAROARSDÓTTIR, R. B.; DITTMAR, H. The relationship of materialism to debt and financial well-being: the case of Iceland's perceived prosperity. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 6, p. 471-481, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GOLDBERG, M. E.; GORN, G. J.; PERACCHIO, L. A.; BAMOSSY, G. Understanding materialism among youth. **Journal of Consumer Psychology**, v. 13, n. 3, p. 278-288, 2003.

GRABLE, J. E.; JOO, S. Student racial differences in credit card debt and financial behaviors and stress. **College Student Journal**, v. 40, p. 400-408. 2006.

GUJARATI, D. N.; PORTER, D. C. **Econometria básica**. 5. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2011. 920 p.

GUTTER, M.; COPUR, Z. Financial behaviors and financial well-being of college students: evidence from a national survey. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 32, n. 4, p. 699-714, 2011.

HAIR J. R., JOSEPH, F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005. 471 p.

HAIR, J. R., JOSEPH, F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J. ; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 682 p.

HAYHOE, C. R.; WILHELM, M. S. Modeling perceived economic well-being in a family setting: a gender perspective. **Financial Counseling and Planning**, v. 9, n. 1, p. 21-34, 1998.

HILGERT, M. A.; HOGARTH, J. M.; BEVERLY, S. G. (2003). Household financial management: The connection between knowledge and behavior. **Federal Reserve Bulletin**, v. 89, p. 309-322, 2003.

HUNG, A. A.; PARKER, A. M.; YOONG, J. K. Defining and measuring financial literacy. **RAND Working Paper Series**, 2009. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/working_papers/WR708>. Acesso em: 05 set. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**. Disponível em: <<ftp://geoftp.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 maio 2013.

JOHNSON, E.; SHERRADEN, M. S. From financial literacy to financial capability among youth. **Journal of Sociology & Social Welfare**, v. 34, p. 119-145, 2007.

JOIREMAN, J.; KEES, J.; SPROTT, D. Concern with immediate consequences magnifies the impact of compulsive buying tendencies on college students' credit card debt. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 1, p. 155-178, 2010.

JOJI, A. N.; RAVEENDRAN, P. T. **Compulsive buying behavior in Indian consumers and its impact on credit default** - an emerging paradigm. 2007. Disponível em: <<http://dspace.iimk.ac.in/bitstream/2259/329/1/545-562.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

JOO, H. Personal financial wellness. In XIAO, J. J. (Ed.), **Handbook of consumer finance research**, p. 21-33, New York: Springer, 2008.

JOO, S. H.; GRABLE, J. E. An exploratory framework of the determinants of financial satisfaction. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 25, n. 1, p. 25-50, 2004.

KARABATI, S. A.; CEMALCILAR, Z. Values, materialism, and well-being: a study with Turkish university students. **Journal of Economic Psychology**, v. 31, n. 4, p. 624-633, 2010.

KILBOURNE, W.; GRÜNHAGEN, M.; FOLEY, J. A cross-cultural examination of the relationship between materialism and individual values. **Journal of Economic Psychology**, v. 26, n. 5, p. 624-641, 2005.

KIM, J. **The effects of workplace financial education on personal finances and work outcomes**. 471 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) - Virginia Polytechnic Institute and State University, Blacksburg, Virginia, 2000.

KIM, J.; GARMAN, E. T.; SORHAINDO, B. Relationships among credit counseling clients' financial well-being, financial behaviors, financial stressor events, and health. **Financial Counseling and Planning**, v. 14, 75-87, 2003.

KIM, J.; TECH, V. Financial satisfaction, personal finance-work conflict, and work outcomes: pay satisfaction, organizational commitment, and productivity. **Proceedings of Association for Financial Counseling and Planning Education**, p. 38-45, 1999.

KIYOSAKI, R.; LECHTER, S. **Pai rico pai pobre**: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. 57. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000. 192 p.

KNOLL; M. A. Z.; HOUTS, C. R. The financial knowledge scale: an application of item response theory to the assessment of financial literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 46, n. 3, p. 381-410, 2012.

KORAM, L. M.; FABER, R. J.; ABOUJAOUDE, E.; LARGE, M. D.; SERPE, R. T. Estimated prevalence of compulsive buying behavior in the United States. **The American Journal of Psychiatry**, v. 163, p. 1806-1812, 2006.

KWAK, H.; ZINKHAN, G. M.; CRASK, M. R. Diagnostic screener for compulsive buying: applications to the USA and South Korea. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 37, n. 1, p. 161-169, 2003.

KYRIUS, M.; MCQUEEN, P.; MOULDING, R. Experimental analysis of the relationship between depressed mood and compulsive buying. **Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry**, v. 44, n. 1, p. 194-200, 2013.

LEACH, L. J.; HAYHOE, C. R.; TURNER, P. R. Factors affecting perceived economic well-being of college students: a gender perspective. **Financial Counseling and Planning**, v. 10, n. 2, p. 11-24, 1999.

LEITE, P. L.; RANGE, B. P.; RIBAS, R. C. JR.; FILOMENSKY, T. Z.; OLIVEIRA E SILVA, A. C. Tradução e adaptação semântica da Compulsive Buying Scale para o português brasileiro. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 60, n. 3, p. 176-181, 2011.

LEJOYEUX, M.; WEINSTEIN, A. Compulsive buying. **The American Journal of Drug and Alcohol Abuse**, v. 36, n. 2, p. 248-253, 2010.

LOWN, J. M.; JU, I. S. A model of credit use and financial satisfaction. **Financial Counseling and Planning**, v. 3, p. 105-125, 1992.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. **Financial literacy and planning: implications for retirement wellbeing**, 2006. Disponível em: < <http://www.dartmouth.edu/~alusardi/Papers/FinancialLiteracy.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2013.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning: new evidence from the rand American life panel. In: **Social Science Research Network**, 2007. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1095869>. Acesso: 20 ago. 2013.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S.; CURTO, V. Financial literacy among the young. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 358-380, 2010.

LUSARDI, A.; TUFANO, P. Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. In: **National Bureau of Economic Research**, Cambridge, 2009. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w14808.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

LYONS, A. C. **Risky credit card behavior of college students**. In XIAO, J. J. (ed.), *Handbook of Consumer Finance Research*, p. 185-208. New York: Springer, 2008.

LYONS, A. C.; YILMAZERT, T. Health And financial strain: evidence from the survey of consumer finances. **Southern Economic Journal**, v. 71, n. 4, p. 873-890, 2005.

MADERN, T.; SCHORS, A. V. D. Financial attitudes and skills as early-warning signs of financial problems. **National Institute for Family Finance Information (NIBUD)**, 2012. Disponível em: <http://www.nibud.nl/fileadmin/user_upload/Documenten/PDF/2012/Nibud_Financial_attitudes.pdf>. Acesso em: 05 set. 2013.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 6.ed. Porto Alegre: Bookman, 2011. 719 p.

MALONE, K.; STEWART, S. D.; WILSON, J.; KORSCHING, P. F. Perceptions of financial well-being among american women in diverse families. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 31, n. 1, p. 63-81, 2010.

MANDELL, L.; KLEIN, L. S. The impact of financial literacy education on subsequent financial behavior. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 20, n. 1, p. 15-24, 2009.

MARTINS, G. A. **Estatística geral e aplicada**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.421 p.

MATTA, R. O. B. **Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do distrito federal**. 2007. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília, 2007.

MOREIRA, A. S. **Valores e dinheiros: um estudo transcultural das relações entre prioridades de valores e significado do dinheiro para indivíduos.** 2000. 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

MOURA, A. G. **Impacto dos diferentes níveis de materialismo na atitude ao endividamento e no nível de dívida para financiamento do consumo nas famílias de baixa renda do município de São Paulo.** 2005. 174 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2005.

MULLER, A.; CLAES, L.; MITCHELL, J. E.; FABER, R. J.; FISCHER, J.; ZWAAN, M. Does compulsive buying differ between male and female students? **Personality and Individual Differences**, v. 50, n. 8, p. 1.309-1.312, 2011.

NEUNER, M.; RAAB, G.; REISCH, L.A. Compulsive buying in maturing consumer societies: an empirical re-inquiry. **Journal of Economic Psychology**, v. 26, p. 509–522, 2005.

NORVILITIS, J. M.; MAO, Y. Attitudes towards credit and finances among college students in China and the United States. **International Journal of Psychology**, v. 1, p. 1-10, 2012.

NORVILITIS, J. M.; MERWIN, M. M.; OSBERG, T. M.; ROEHLING, P. V.; YOUNG, P.; KAMAS, M.M. Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in college students. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 36, n. 6, p. 1395-1413, 2006.

NORVILITIS, J. M.; SZABLICKI, P. B.; WILSON, S. D. Factors influencing levels of credit card debt in college students. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 33, p. 935-947, 2003.

NOVITILIS, J. M.; MENDES-DA-SILVA, W. Attitudes toward Credit and Finances among College Students in Brazil and the United States. **Journal of Business Theory and Practice**, v. 1, n. 1, p. 132-151, 2013.

O' NEILL, B.; XIAO, J. J.; SORHAINDO, B.; GARMAN, E. T. Financially distressed consumers: their financial practices, financial well-being, And health. **Financial Counseling and Planning**, v. 16, n. 1, p. 71-85, 2005.

O' GUINN, T. C.; FABER, R. J. A clinical screener for compulsive buying. **Journal of Consumer Research**, v. 19, p. 459-469, 1992.

O' GUINN, T. C.; FABER, R. J. Compulsive buying: a phenomenological exploration. **Journal of Consumer Research**, v. 16, p. 147-157, 1989.

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICOS. **Improving financial literacy: analysis of issues and policies**, 2005. Disponível em: <ftp://ftp.fsb.co.za/public/Consumer%20Education/Presentations/2005%20Improving_Financial_%20Literacy.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2013.

OS DELÍRIOS de Consumo de Beck Bloom. Direção: P.J. Hogan. Estados Unidos: Touchstone Pictures, Walt Disney Pictures. Brasil: Distribuidora Disney/Buena Vista. 1 DVD (98 min), NTSC, color. Título Original: Confessions of a Shopaholic.

PARK, H. J.; BURNS, L. D. Fashion orientation, credit card use, and compulsive buying. **Journal of Consumer Marketing**, v. 22, n. 3, p. 135-141, 2005.

PENN, D. A. Financial well-being in an urban area: an application of multiple imputation. **Department of Economics and Finance Working Paper Series**, p. 1-28, 2007.

PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. N. **Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS**. 5. ed. Lisboa: Silabo, 2008. 694 p.

PHAM, T. H.; YAP, K.; DOWLING, N. A. The impact of financial management practices and financial attitudes on the relationship between materialism and compulsive buying. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, p. 461-470, 2012.

PLAGNOL, A. C. Financial satisfaction over the life course: the influence of assets and liabilities. **Journal of Economic Psychology**, v. 32, p. 45-64, 2011.

PORTER, N. M.; GARMAN, E. T. Testing a conceptual model of financial well-being. **Financial Counseling and Planning**, v. 4, p. 135-165, 1993.

QFINANCE. **Financial Dictionary**. 2013. Disponível em: <<http://www.qfinance.com/dictionary/attitude>>. Acesso em: 05 set. 2013.

RESEARCH, R. M. **ANZ survey of adult financial literacy in Australia**, 2003. Disponível em: <http://www.anz.com/Documents/AU/Aboutanz/AN_5654_Adult_Fin_Lit_Report_08_Web_Report_full.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2013.

RICHINS, M. L.; DAWSON, S. A consumer values orientation for materialism and its measurement: scale development and validation. **Journal of Consumer Research**, v. 19, n. 3, p. 303-316, 1992.

RICHINS, M. L.; Materialism, transformation expectations, and spending: implications for credit use. **Journal of Public Policy & Marketing**, v. 30, n. 2, p. 141-156, 2011.

RICHINS, M. L.; RUDMIN, F. W. Materialism and economic psychology. **Journal of economic psychology**, v. 15, n. 2, p. 217-231, 1994.

ROBERTS, J. Compulsive buying among college students: an investigation of its antecedents, consequences, and implications for public policy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 32, n. 2, p. 295-308, 1998.

ROOIJ, M. C. J. V.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R. J. M. Financial literacy and retirement planning in the Netherlands. **Journal of Economic Psychology**, v. 32, n. 4, p. 593-608, 2011.

SABRI, M. F. F. **Pathways to financial success: determinants of financial literacy and financial well-being among young adults.** 120 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) Iowa State University, Ames, Iowa, 2011.

SAMPIERI, R. H.; CALLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P. B. **Metodologia de Pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. 624 p.

SCHMEISER, M. D.; SELIGMAN, J. S. Using the right yardstick: assessing financial literacy measures by way of financial well-being. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 47, n. 2, p. 243-262, 2013.

SCHMEISER, M.; HOGARTH, J. Good advice, good outcomes? How financial advice-seeking relates to self-perceived financial well-being. In: **Social Science Research Network**, 2013. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=226170>>. Acesso em: 12 maio 2013.

SEVIM, N.; TEMIZEL, F.; SAYILIR, O. The effects of financial literacy on the borrowing behavior of Turkish financial consumers. **International Journal of Consumer Studies**, v.36, p. 573-579, 2012.

SHAMBARE, R.; RUGIMBANA, R. An exploratory study of selected university students in South Africa. **Thunderbird International Business Review**, v. 54, n. 4, p. 581-590, 2012.

SHIM, S.; XIAO, J. J.; BARBER, B. L.; LYONS, A. C. Pathways to life success: a conceptual model of financial well-being for young adults. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 30, p. 708-723, 2009.

SHOCKEY, S. S. **Low-wealth adults financial literacy, money management behavior and associates factors, including critical thinking**. 740 f. Thesis, Ohio State University, Utah, 2002.

SUMARWAN, U. **A Managerial System Approach To Factors Influencing Satisfaction With Households' Financial Status**. 123 f. Thesis (Master of Science), Iowa State University, Ames, Iowa, 1990.

TATZEL, M. The art of buying: coming to terms with money and materialism. **Journal of Happiness Studies**; v. 4, n. 4, p. 405-435, 2003.

TRINDADE, L. L. **Determinantes da propensão ao endividamento: um estudo nas mulheres da mesorregião centro ocidental Rio-grandense**. 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Santa Maria - RS, 2009.

VALENCE, G.; D'ASTOUS, A.; FORTIER, L. Compulsive buying: concept and measurement. **Journal of Consumer Policy**, v. 11, p. 419-433, 1988.

VERA-TOSCANO, E.; ATECA-AMESTOY, V.; SERRANO-DEL-ROSAL, R. Building financial satisfaction. **Social Indicators Research**, Springer, v. 77, n. 2, p. 211-243, 2006.

VITT, L. A.; SIEGENTHALER, J. A.; ANDERSON, C.; LYTER, D. M.; KENT, J.; WARD, J. **Personal finance and the rush to competence: financial literacy education in the U.S.** Institute for Socio-Financial Studies, 2000. Disponível em: <<http://www.isfs.org/documents-pdfs/rep-finliteracy.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

WATSON, J. J. The relationship of materialism to spending tendencies, saving, and debt. **Journal of Economic Psychology**, v. 24, n. 6, 723-739, 2003.

XIAO, J. J.; TANG, C.; SHIM, S. Acting for happiness: Financial behavior and life satisfaction of college students. **Social Indicators Research**, v. 92, p. 53-68, 2009.

XIAO, J. J.; SORHAINDO, B.; GARMAN, E. T. Financial behaviours of consumers in credit counselling. **International Journal of Consumer Studies**, v. 30, n. 2, p. 108-121, 2006.

ZERRENNER, S. A. **Estudo Sobre as razões do endividamento para a população de baixa renda.** 2007. 57 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Administrativas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

APÊNDICES

Apêndice A – Síntese do bem-estar financeiro como variável dependente

(continua)

AUTOR(ES)	ANO	TÍTULO DO TRABALHO	VARIÁVEIS DA PESQUISA	
			VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIÁVEIS INDEPENDENTES
CHAN; CHAN; CHAU	2012	Financial knowledge and aptitudes: impacts on college students' financial well-being	bem-estar financeiro	<ul style="list-style-type: none"> a) personalidade (impulsividade disfuncional); b) atitude em relação ao dinheiro; c) fatores cognitivos (conhecimento financeiro); d) fatores situacionais (situação financeira); e) preocupações financeiras atuais e expectativas futuras.
CHUAN; KAI; KOK	2011	Resource transfers and financial satisfaction: a preliminary correlation analysis	satisfação financeira	<ul style="list-style-type: none"> a) apoio financeiro familiar; b) apoio emocional; c) auto-confiança
GUTTER; COPUR	2011	Financial behaviors and financial well-being of college students: evidence from a national survey	bem-estar financeiro	<ul style="list-style-type: none"> a) comportamento financeiro; b) características pessoais; c) disposição financeira (materialismo); d) educação financeira.
HAYOE; WILHELM	1998	Modeling perceived economic well-being in a family setting: a gender perspective	bem-estar financeiro	<ul style="list-style-type: none"> a) situação financeira atual e do passado dos indivíduos; b) situação financeira para outras pessoas que lhes são importantes (comparação econômica); c) variáveis de informação: informações objetivas individual, informações objetivas familiares e nível socioeconômico; d) variáveis perceptivas (características individuais, características familiares e papel de provedor).

(continua)

AUTOR(ES)	ANO	TÍTULO DO TRABALHO	VARIÁVEIS DA PESQUISA	
			VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIÁVEIS INDEPENDENTES
LEACH.; HAYHOE; TURNER	1999	Factors affecting perceived economic well-being of college students: a gender perspective. financial counseling and planning	bem-estar econômico	a) tensão financeira; b) atitude em relação ao dinheiro e ao crédito.
LOWN; JU	1992	A model of credit use and financial satisfaction. financial counseling and planning	satisfação financeira	a) características socioeconômicas; b) atitudes e práticas de crédito; c) crédito.
LYONS; YILMAZERT	2005	Health and financial strain: evidence from the survey of consumer finances	tensão financeira (atraso em qualquer tipo de pagamento de empréstimo por dois meses ou mais, os ativos totais/dívidas totais, e ativos líquidos/renda)	a) padrão socioeconômico (renda, ativos líquidos, idade, escolaridade, estado civil, sexo, etnia, situação de emprego, número de filhos, seguro saúde privado) b) padrão de saúde/condições de saúde (assistência médica e outros fatores que influenciam na saúde de um indivíduo, tais como dieta, tabagismo, atividade física e estresse psicológico); c) obesidade; d) outros atributos pessoais relativos à saúde como idade, histórico familiar, genética e educação, e estado de saúde de período anterior.
MALONE; STEWART; WILSON; KORSCHING	2010	Perceptions of financial well-being among american women in diverse families	bem-estar financeiro	a) arranjos familiares femininos; b) características sociodemográficas das mulheres (idade, educação e renda).

(continua)

AUTOR(ES)	ANO	TÍTULO DO TRABALHO	VARIÁVEIS DA PESQUISA	
			VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIÁVEIS INDEPENDENTES
O'NEILL; XIAO; SORHAINDO; GARMAN	2005	Financially distressed consumers: their financial practices, financial well-being, and health.	bem-estar financeiro	<ul style="list-style-type: none"> a) comportamento financeiro; b) melhoria da saúde após a participação do programa de gestão de dívida; c) efeitos percebidos de problemas financeiros na saúde; d) eventos financeiros negativos.
PENN	2007	Financial well-being in an urban area: an application of multiple imputation	bem-estar financeiro	<ul style="list-style-type: none"> a) casa própria; b) escolarização; c) seguro de saúde; d) idade; e) <i>status</i> de trabalho; f) a presença de crianças na residência.
PLAGNOL	2011	Financial satisfaction over the life course: the influence of assets and liabilities	satisfação financeira	<ul style="list-style-type: none"> a) ativos e passivos (<i>proxy</i> para riqueza); b) auto-avaliação da saúde (<i>proxy</i> para cuidados médicos); c) idade (ciclo de vida).
PORTER; GARMAN	1993	Testing a conceptual model of financial well-being, financial counseling and planning	bem-estar financeiro	<ul style="list-style-type: none"> a) características pessoais (características demográficas); b) atributos objetivos de domínio financeiro (gestão de caixa, gestão de crédito, a acumulação de capital, gestão de risco de aposentadoria, planejamento imobiliário e financeiro geral); c) atributos percebidos (percepção de patrimônio líquido e adequação de renda); d) atributos avaliados de domínio financeiro (experiências financeiras passadas e expectativas financeiras para os próximos cinco anos).

(conclusão)

AUTOR(ES)	ANO	TÍTULO DO TRABALHO	VARIÁVEIS DA PESQUISA	
			VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIÁVEIS INDEPENDENTES
SCHMEISER; HOGARTH	2013	Good advice, good outcomes? how financial advice-seeking relates to self-perceived financial well-being	bem-estar financeiro	a) planejamento financeiro; b) comportamento financeiro; c) impacto do aconselhamento financeiro.
SHIM; XIAO; BARBER; LYONS	2009	Pathways to life success: a conceptual model of financial well-being for young adults	bem-estar financeiro	a) características demográficas (gênero, raça/etnia, renda dos pais, renda do aluno, classe social, idade) b) valores pessoais: auto-realização, auto-estima e sentimento de realização; c) fatores de socialização: socialização parental, educação financeira formal; d) conhecimento financeiro, atitudes e intenções comportamentais; e) normas subjetivas e percepção do comportamento de controle; f) sucesso global da vida (saúde, bem-estar psicológico, sucesso acadêmico).
SUMARWAN	1990	A managerial system approach to factors influencing satisfaction with households' financial status	bem-estar econômico	a) características socioeconômicas; b) práticas de gestão financeira.
XIAO; SORHAINDO; GARMAN	2006	Financial behaviours of consumers in credit counselling	bem-estar financeiro	a) percepção da segurança em relação a aposentadoria; b) percepção do relacionamento familiar; c) quantidade de membros na família; d) casa própria/anos de residência; e) crédito e saldo devedor do cartão; f) situação de emprego; g) estado civil; h) renda familiar; i) gênero

Fonte: elaborado pela autora (2003).

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
 Universidade Federal de Santa Maria
 Centro de Ciências Sociais e Humanas
 Programa de Pós Graduação em Administração

Título do projeto: Bem-estar financeiro: Uma análise multifatorial do comportamento maranhense.

Pesquisadores responsáveis: Kelmara Mendes Vieira e Anna Paula Carvalho Diniz.

Instituição/Departamento: UFSM – Centro de Ciências Sociais e Humanas

Telefone para contato: (55) 3220-9258

Local da coleta de dados: São Luís, Maranhão.

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder o questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você decida participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

O objetivo do estudo consiste em analisar a influencia de fatores comportamentais no bem-estar financeiro dos maranhenses, bem como avaliar a influência dos aspectos socioeconômicos e demográficos. Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas que abordam questões de perfil, como idade, gênero, escolaridade, entre outros e questões relacionadas ao bem-estar financeiro, materialismo, compras compulsivas, comportamento financeiro, atitude financeira e conhecimento financeiro. Como contribuição e relevância, esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, permitindo compreender os principais aspectos que determinam o bem-estar financeiro na cidade de São Luís, Maranhão. Com estas informações, será possível definir um perfil em relação à satisfação financeira, bem como desenvolver ações que possam contribuir para uma melhor gestão financeira pessoal.

É importante ressaltar que o preenchimento desse questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica. Além disso, as informações fornecidas terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou concordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.
 São Luís-MA, _____, de _____ de 2013.

 Assinatura

 Pesquisador responsável

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM - Cidade Universitária - Bairro Camobi, Av. Roraima, nº1000 - CEP: 97.105.900 Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362 – Fax: (55)3220-8009. Email: comiteeticapesquisa@smail.ufsm.br. Web: www.ufsm.br/cep.

APÊNDICE C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós Graduação em Administração

Termo de Confidencialidade

Título do projeto: Bem-estar financeiro: Uma análise multifatorial do comportamento maranhense.

Pesquisadores responsáveis: Kelmara Mendes Vieira e Anna Paula Carvalho Diniz

Instituição/Departamento: UFSM – Centro de Ciências Sociais e Humanas

Telefone para contato: (55) 3220-9258

Local da coleta de dados: São Luís - MA

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos respondentes cujos dados serão coletados através de um questionário estruturado aplicado na cidade de São Luís-MA. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no Programa de Pós Graduação em Administração (PPGA), situado na Av. Roraima nº. 1000, Prédio 74 C, sala 4303 – Cidade Universitária, UFSM. As informações serão armazenadas por um período de 5 anos sob a responsabilidade da Prof^a. Dr^a. Kelmara Mendes Vieira. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em/...../....., com o número do CAAE

Santa Maria, ____ dede 2013.

.....

Prof^a Kelmara Mendes Vieira

APÊNDICE D - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

Entrevistador: _____ Município: _____ Nº _____

Marque com um "X" conforme o seu comportamento, de acordo com a escala ao lado:	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
01. Sinto-me desconfortável com a quantia que devo.					
02. Preocupo-me constantemente com o pagamento de minhas dívidas.					
03. Sinto-me financeiramente satisfeito.					
04. Acredito que estou em uma boa situação financeira.					
05. Penso muito em minhas dívidas.					
06. Tenho tido discussões com outras pessoas (pais, amigos, esposo(a), outros) devido as minhas dívidas.					
07. Daqui a um ano pretendo não ter dívidas de cartão de crédito.					
08. Daqui a cinco anos pretendo não ter dívidas de cartão de crédito.					

Marque com um "X" conforme o seu comportamento, de acordo com a escala ao lado:	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre	Sempre
09. Se sobra algum dinheiro no fim do mês, tenho que gastá-lo.					
10. Sinto que os outros poderiam ficar horrorizados se soubessem dos meus hábitos de compra.					
11. Já emiti cheques para comprar coisas mesmo sabendo que não havia dinheiro no banco para cobri-lo.					
12. Compro coisas apesar de não conseguir pagar por elas.					
13. Compro coisas para me sentir melhor comigo mesmo.					
14. Sinto-me ansioso ou nervoso nos dias que não vou às compras.					
15. Nos últimos 12 meses, paguei somente a fatura mínima exigida do cartão de crédito.					

Marque com um "X" conforme o seu comportamento, de acordo com a escala ao lado:	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
16. Admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras.					

Marque com um “X” conforme o seu comportamento, de acordo com a escala ao lado:	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
17. Gosto de gastar dinheiro com coisas caras.					
18. Minha vida seria muito melhor se eu tivesse muitas coisas que não tenho.					
19. Comprar coisas me dá muito prazer.					
20. Ficaria muito mais feliz se pudesse comprar mais coisas.					
21. Gosto de possuir coisas que impressionam as pessoas.					
22. Gosto de muito luxo em minha vida.					
23. Fico incomodado(a) quando não posso comprar tudo que quero.					
24. Gastar muito dinheiro está entre as coisas mais importantes da vida.					

Marque com um “X” conforme o seu comportamento, de acordo com a escala ao lado:	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre	Sempre
25. Preocupo-me em gerenciar da melhor forma o meu dinheiro.					
26. Anoto e controlo os meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).					
27. Estabeleço metas financeiras de longo prazo que influenciam na administração de minhas finanças (ex.: poupar uma quantia “X” em 1 ano).					
28. Sigo um orçamento ou plano de gastos semanal ou mensal.					
29. Fico mais de um mês sem fazer o balanço dos meus gastos.					
30. Estou satisfeito(o) com o sistema de controle de minhas finanças.					
31. Pago minhas contas sem atraso.					
32. Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto a crédito.					
33. Tenho utilizado cartões de crédito e cheque especial por não possuir dinheiro disponível para as despesas.					
34. Ao comprar a prazo, comparo as opções de crédito disponíveis.					
35. Comprometo mais de 10% da minha renda mensal com compras a crédito (exceto financiamento de imóvel e carro).					
36. Confiro a fatura dos cartões de crédito para averiguar erros e cobranças indevidas.					
37. Poupo mensalmente.					
38. Poupo visando à compra de um produto mais caro (ex.: carro).					
39. Possuo uma reserva financeira maior ou igual a 3 vezes a minha renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex.: desemprego).					
40. Comparo preços ao fazer uma compra.					
41. Analiso minhas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra.					
42. Compro por impulso.					

Marque com um "X" conforme o seu comportamento, de acordo com a escala ao lado:	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre	Sempre
43. Prefiro comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo à vista.					
44. Sempre pago o(s) meu(s) cartão(ões) de crédito na data de vencimento para evitar a cobrança de juros.					

Marque com um "X" conforme seu comportamento e modo de pensar, de acordo com a escala ao lado:	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
45. É importante controlar as despesas mensais.					
46. É importante estabelecer metas financeiras para o futuro.					
47. É importante poupar dinheiro mensalmente.					
48. O modo como gerencio o dinheiro hoje irá afetar meu futuro.					
49. É importante ter e seguir um plano de gastos mensal.					
50. É importante pagar o saldo integral dos cartões de crédito mensalmente.					
51. Ao comprar a prazo, é importante comparar as ofertas de crédito disponíveis.					
52. É importante passar o mês dentro do orçamento.					
53. É importante investir regularmente para atingir metas de longo prazo					

54. Suponha que você tenha R\$ 100,00 em uma conta poupança a uma taxa de juros de 10% ao ano. Depois de 5 anos, qual o valor que você terá na poupança?

54.1 () Mais do que R\$ 150,00 54.2 () Exatamente R\$ 150,00 54.3 () Menos do que R\$ 150,00 54.4 () Não sei

55. Imagine que a taxa de juros incidente sobre sua conta poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação seja de 10% ao ano. Após 1 ano, o quanto você será capaz de comprar com o dinheiro dessa conta?

55.1 () Mais do que hoje 55.2 () Exatamente o mesmo 55.3 () Menos do que hoje 55.4 () Não sei

56. Suponha que José herde R\$ 10.000,00 hoje e Pedro herde R\$ 10.000,00 daqui a 3 anos. Devido à herança, quem ficará mais rico?

56.1 () José 56.2 () Pedro 56.3 () São igualmente ricos 56.4 () Não sei

57. Qual das seguintes afirmações descreve a principal função do mercado de ações?

57.1 () Permitir o encontro de pessoas que desejam vender ações com pessoas que desejam comprar ações.
57.2 () Prever ganhos de ações. 57.3 () Aumentar o preço das ações. 57.4 () Não sei

58. Considerando-se um longo período de tempo (ex.: 10 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?

58.1 () Poupança 58.2 () Ações 58.3 () Títulos públicos 58.4 () Não sei

59. Qual das seguintes afirmações está correta?

59.1 () Uma vez que se investe em um fundo de investimento, não se pode retirar o dinheiro no primeiro ano.
59.2 () Fundos de investimento podem investir em ativos diversos, por exemplo, investir em ações e títulos.

59.3 () Fundos de investimento pagam uma taxa de retorno garantida que depende de seu desempenho passado.

59.4 () Nenhuma das anteriores

59.5 () Não sei

60. Normalmente, qual ativo apresenta as maiores oscilações ao longo do tempo?

60.1 () Poupança

60.2 () Ações

60.3 () Títulos públicos

60.4 () Não sei

61. Quando um investidor diversifica seu investimento entre diferentes ativos, o risco de perder dinheiro:

61.1 () Aumenta

61.2 () Diminui

61.3 () Permanece inalterado

61.4 () Não sei

PERFIL

1. Gênero 1.1 () Masculino 1.2 () Feminino

2. Idade _____ anos.

3. Estado civil 3.1 () solteiro(a) 3.2 () casado(a) 3.3 () separado(a) 3.4 () viúvo(a)

4. Possui filhos? 4.1 () Não 4.2 () Sim. Quantos? _____.

5. Grau de escolaridade:

5.1 () Ensino Fundamental

5.2 () Ensino Médio

5.3 () Ensino Superior

5.4 () Curso Técnico

5.5 () Especialização ou MBA

5.6 () Mestrado

5.7 () Doutorado

5.8 () Pós-doutorado

6. Com relação à raça, você se considera:

6.1 () Branca

6.2 () Negra

6.3 () Amarela ou oriental

6.4 () Parda

6.5 () Indígena

6.6 () Outra Qual? _____.

7. Com relação à ascendência, você é:

7.1 () Brasileira

7.2 () Alemã

7.3 () Italiana

7.4 () Japonesa

7.5 () Portuguesa

7.6 () Não sei

7.7 () Outra. Qual? _____.

8. Ocupação:

8.1 () Funcionário (a) público(a)

8.2 () Autônomo(a)

8.3 () Profissional liberal

8.4 () Empregado (a) assalariado(a)

8.5 () Agricultor(a)

8.6 () Aposentado (a)

8.7 () Não trabalha

8.8 () Outro. Qual? _____.

9. Renda mensal líquida aproximada: R\$ _____

MUITO OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!
